COELHO NETTO

FALANDO...

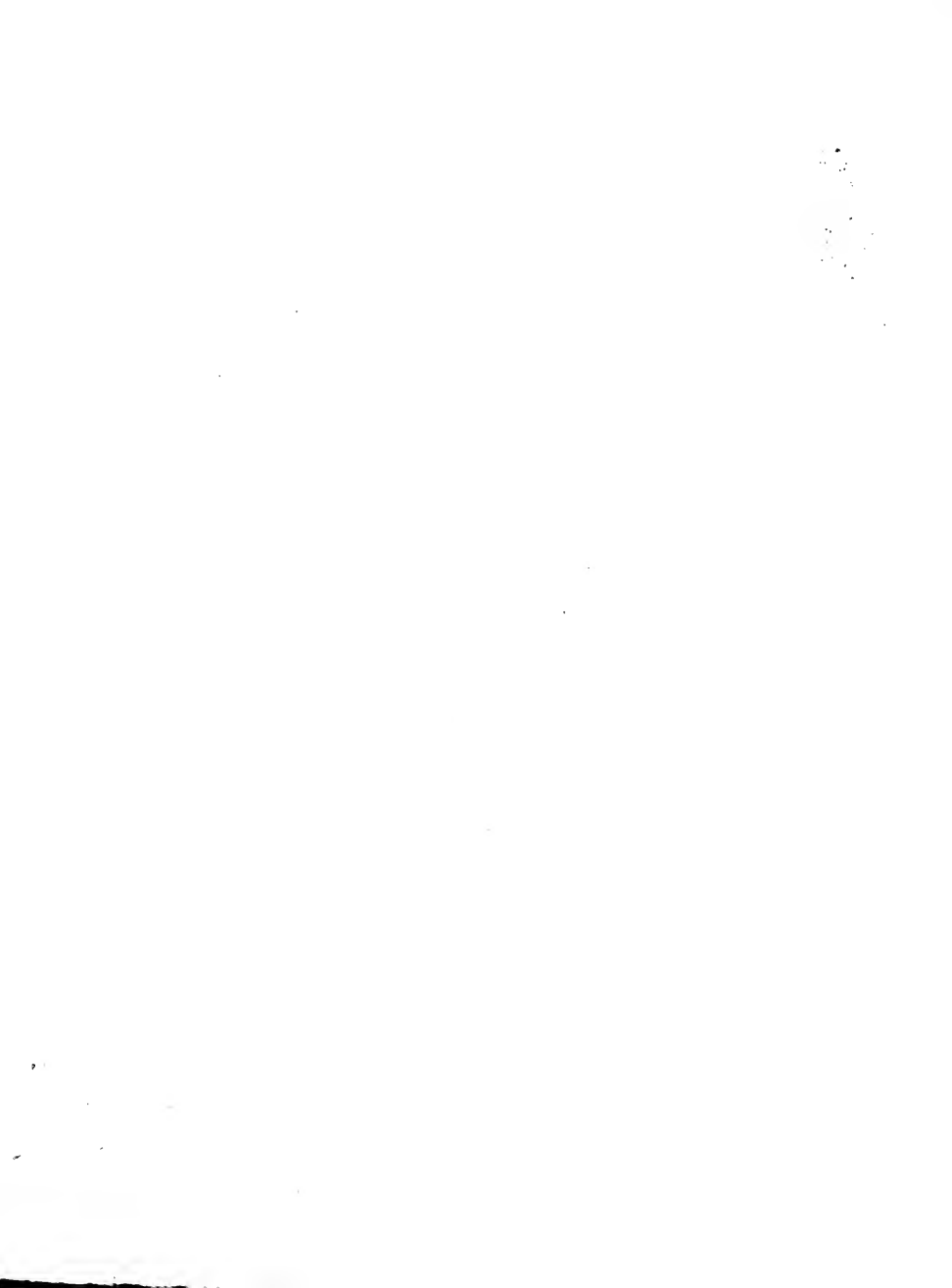
COELHO NETTO

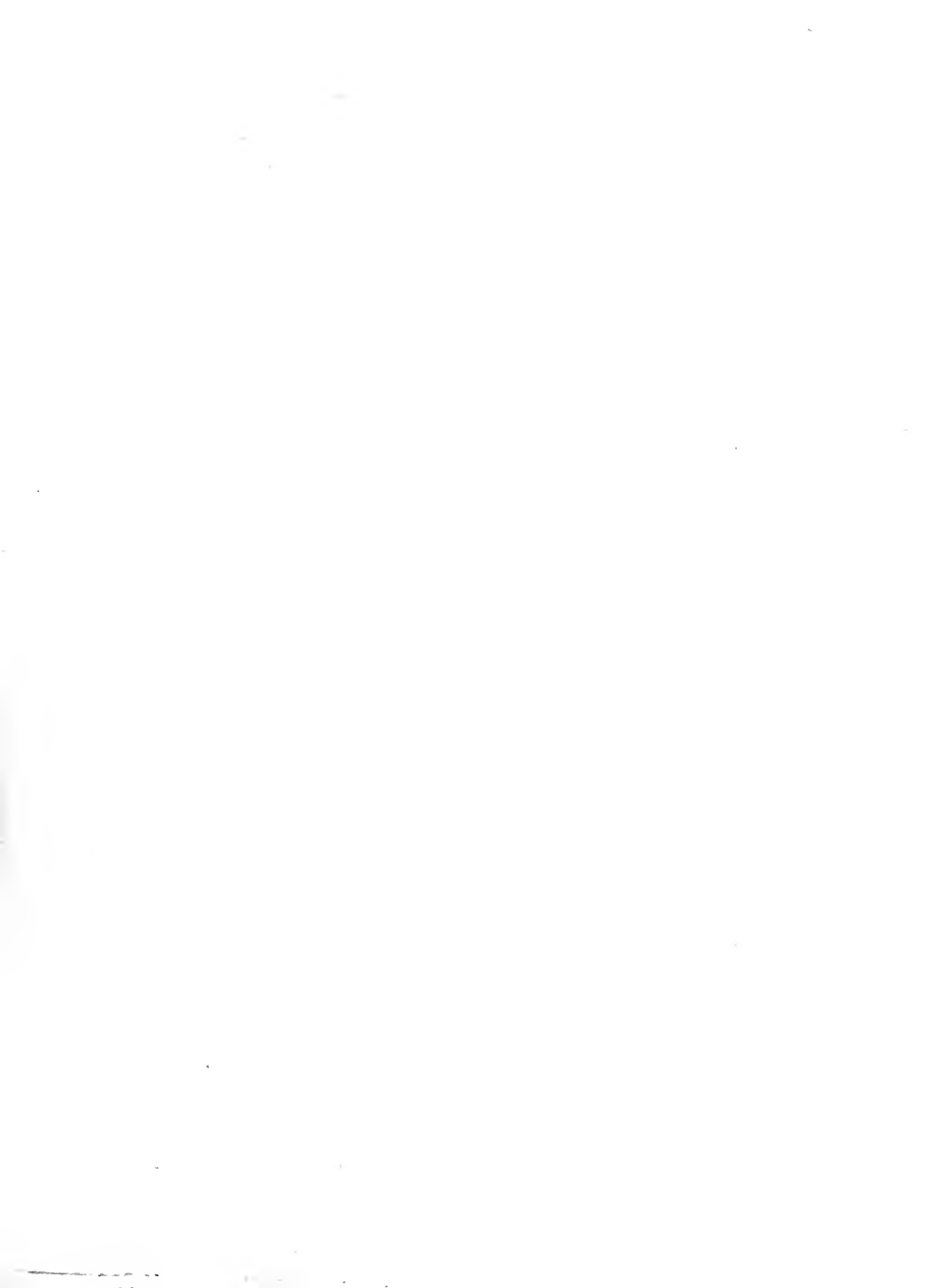
COELHO NETTO

Falando...

Discursos na Camara

Discursos Litterarios

Rio de Janeiro
Leite Ribeiro & Maurillo — Rua Santo Antonio, 3
— 1919 —

Primeira Parte

Discursos na Camara

Na Sessão de 29 de Julho de 1909

O SR. COELHO NETTO *(Movimento de attenção)* — Sr. Presidente, no actual momento eu não me atreveria a occupar esta tribuna, frequentada, com brilho, por oradores de vulto, se não fosse solicitado por dois sentimentos, qual delles mais poderoso — o culto da Arte e o exaltado amor da minha Patria.

Foi a Arte que aqui me introduziu e, como artista, trago, e sempre trarei, a esta Casa a minha palavra pequena, por que na disciplina litteraria iniciei a minha carreira e conto leval-a a termo sempre fiel ás suas normas.

Lendo o parecer que diz com um pedido do director do Instituto Nacional de Musica, relativamente á letra do nosso Hymno Nacional, parecer redigido por um dos espiritos mais lucidos que tenho tido a fortuna de encontrar em meu paiz... *(Apoiados.)*

O SR. GERMANO HASSLOCHER — Obrigado a V. Ex.

O SR. COELHO NETTO — entendi do meu dever contestar desta tribuna as idéas nelle emittidas. Entende S. Ex. refutando, com uma leve ponta de ironia, a proposta do director do Instituto Nacional de Musica, que se não deve substituir a letra, ou melhor a «monstruosidade» que compromette a manifesta-

ção mais alta da inspiração da musica em nossa Patria, que é o Hymno de Francisco Manuel. *(Muito bem.)*

Os fundamentos apresentados por S. Ex. não parecem derivar de um homem de progenie germanica. A Allemanha é construida sobre alicerces poeticos — a sua tradição é um vastissimo *folk-lore* em que se confundem barditos e canções de amor, hymnos propheticos e vozes de suave lyrismo, epopéas altisonantes e endeixas apaixonadas.

Desde os tempos obscuros, quando as suas emmaranhadas e paludosas florestas, percorridas por barbaros de longas cabelleiras fulgurantes, resoavam á passagem do carro de Hertha, até os dias serenos, quando Gœthe, pensativo, compunha os *lieder* encantadores, a Allemanha mantém o culto da Poesia como fonte original de amor: amor da Natureza e da Patria, da tradição e dos heróes. *(Muito bem.)*

Tacito, escrevendo sobre os costumes dos germanos, já alludia a esse vivo sentimento poetico na horrida região appellidada por elle de — *provincia ferox*.

Os hymnos eram o incitamento — os homens cantavam-nos nas marchas guerreiras ou em torno das aras; cantavam-nos alegres nas épocas da florescencia e da colheita, louvando a uberdade terreal e o brilho das estrellas, a serenidade do mar e a doce mansuetude da vida nos lares.

Mas não nos demoremos no periodo obscuro, cujas noticias veem sempre abrumadas na fabula,

cheguemos á Idade Média, e, entretanto na Suabia, subamos as escaleiras do grande paço de Wartburgo.

Deixando de parte Frederico Barba-roxa e Henrique VI, dedicados protectores das letras, temos uma longa dymnastia de principes, na qual avulta a figura de Hermann, landgrave thuringio, em cuja presença empenha-se a grande lucta poetica dos *minnesinger,* cujo echo ainda resôa na historia litteraria.

Depois dos poetas cavalleiros surgiram os poetas populares com Hans Sach's á frente, renovando a tradição nacional. Por fim, em dias tristemente lembrados, a grande e solidaria Patria germanica estremeceu em impeto ardoroso, quando os regimentos desabridos de Napoleão chegaram ás ribas acastelladas do Rheno, ameaçando, com as garras da aguia vulturina, a integridade do sagrado imperio. Mas a Alma Germanica abalou-se ao som de uma voz partida do povo, estrugindo, em clangor mais forte que o dos clarins, o avocamento heroico.

Essa voz foi a de Theodoro Kœrner, o poeta soldado.

Melhor do que eu conhece o Dr. Germano Hasslocher a historia gloriosa desse ultimo scaldo. As suas poesias, taes por exemplo — *A espada, A Patria,* foram pelo povo adaptadas a musicas heroicas e assim tornaram-se verdadeiros hymnos nacionaes, que fizeram mais pela victoria da Patria do que o *chassepôt,* porque iam de aldeia em aldeia, de póvoa em póvoa, de casal em casal, alliciando voluntarios para a defesa do territorio amado. Deu-se o grande éxo-

do patriotico da Allemanha e quem o moveu? a Poesia, ella só! *(Muito bem.)*

«E' preciso haver vivido na Allemanha, diz Philarète Chasles, para comprehender, pela popularidade do canto, a mesma popularidade da poesia e a intima alliança de um e de outra e a loucura dos que veem na poesia uma arte nascida nos salões, feita para as recamaras.

Ao longo das sébes de lilazes, sob as tilias das collinas, como nas aldeias de Nuremberg e de Kœnigsberg, o artifice ambulante, a donzella, o grave doutor redizem os mesmos cantos e de tal assumpto, tendo-o por muito serio, falam todos com seriedade.

Na Allemanha, como na Grecia, o canto nada tem de frivolo — é um sopro que eleva os corações e liga intimamente as almas, não por uma regulamentação artificial e escolastica, que manda escrever tal canção para os salões, tal outra para as peixeiras, ainda outra para os humildes das ruas.

Todo o mundo bebe na mesma taça, ouve a mesma lingua, extasia-se com os accentos de Gœthe e robustece-se repetindo as masculas orações de Luthero.

Que riqueza para um povo e que recurso energico é essa voz unica e commum, que emana das profundezas e pertence á massa de uma nação — potencia activa e inspirada que a congrega, torna-a um solido conjuncto, liga o passado ao porvir, faz circular em todas as veias a mesma seiva sympathica recordando-lhe a solidariedade dos seus direitos e dos seus amores»!

Como chegaram os normandos de Guilherme o conquistador ás terras bretans? Ao som da voz do jogral Taillefer que, á frente das tropas, cantava os feitos de Carlos Magno e de Rolando, no dizer de Wace.

Um exemplo frizante de que os cantos nacionaes devem ser impostos ao povo, para estabelecer uma corrente de sympathia entre as almas, acaba de dar o governo frances.

Peço licença para ler á Camara o que hontem escreveu um dos seus mais illustres membros na secção que redige na *Gazeta de Noticias*, com o titulo vario: *Aqui, ali, acolá.* Diz Medeiros e Albuquerque:

«O governo frances acaba de abrir um concurso realmente curioso: para a escolha de letra e musica de canções.

Escolha para que? Os nossos patricios difficilmente poderão imaginar o fim dessa escolha. Comprehendendo a necessidade de distrahir o soldado da vida sedentaria que tem, o governo da França resolveu abrir esse concurso, para que se exercitem os soldados a entoar canções.

No Brasil, se o governo descesse a cogitações dessa ordem, seria, sem duvida, largamente ridicularizado.

Lá, entretanto, a civilisação já permitte que os poderes publicos deixem de se preoccupar, por alguns momentos, com as graves questões da politica e da administração para cuidar de pequenos detalhes que, entre nós, dariam pretexto a interminaveis commentarios, fornecendo aos caricaturistas um assumpto ex-

cellente com que elles, por semanas ou mezes, deliciariam o «Zé Povinho»...

Ahi tem o illustre relator do parecer uma eloquente resposta á sua exposição.

Diz mais S. Ex.:

«Não parece que a historia consigne cantos nacionaes, adoptados como hymnos, feitos por via de concurso, em que a inspiração vem da esperança de alcançar o premio nessa especie de justa.

Os hymnos são explosões dos grandes sentimentos em horas solemnes da vida nacional; cahindo no sentimento publico, onde se fazem populares, criam raizes, antes dos decretos legislativos que os adoptem officialmente.

Citáramos, se o caso fosse de citações, todos os cantos populares, que os povos transformaram em hymnos, enfileirando aqui a *Canção de Riego, a Marselheza, a Heil Dir im Siegeskranz, o God Save the King, a Marcha Real Italiana, a Marcha de Garibaldi,* etc., que nasceram da espontaneidade dos sentimentos de seus autores e por isto mesmo tinham as vibrações que emocionavam as massas.»

Não está bem informado o meu illustre collega. Trago á Camara a resposta que, em tempos, foi dada a S. Ex. pelas columnas do *Jornal do Commercio,* em artigo largamente documentado:

«O hymno austriaco foi encommendado a Haydn, como encommendadas foram as palavras, e destinado tão sómente a commemorar o anniversario natalicio do Imperador. Para a melodia desse hymno foi escripta a letra do *Deutschland, Deutschland über*

alles, que, como sabe muito bem o relator, exerce impressão profunda até nos allemães nascidos fóra da Allemanha. Foi ainda para essa melodia de Haydn que Ludwig Auerbach escreveu as palavras do hymno imperial *Deutschland riof in dunklen Tag.* O hymno sueco é uma velha melodia da Suecia, para a qual escreveu versos o archeologo Dybeck, e, apezar da nenhuma importancia do momento historico em que foram escriptos, é verdadeiramente suggestionador o enthusiasmo dos suecos ao cantarem o *Du gamla, du friska...* O mesmo se dá com o hymno noruegues, cuja letra é de Björnson e a musica de R. Nordraack. O actual hymno imperial russo foi encommendado, em 1833, ao general Lwoff pelo Czar Nicoláo e sua popularidade passou muito além das fronteiras da Russia.

Vê-se, pelo exposto que, tanto na Allemanha, como na Suecia e na Suissa, a adaptação de uma poesia a melodias já conhecidas, longe de impedir, auxilia a sua popularisação; como affirmar, portanto, que o mesmo não se dará no Brasil, onde não existe justamente melodia mais popular que a do Hymno Nacional?

Fica assim contestada a affirmação do relator «que a letra dos hymnos precede sempre a sua musica», affirmação essa que poderiamos ainda contestar com innumeros exemplos tirados do Commers Buch, dos choraes protestantes, etc., etc. A *Carmagnole* e o *Ça irá,* cuja popularidade ninguem porá em duvida, foram adaptados a melodias já conhecidas.»

Entende S. Ex. que não devemos perder tempo

com a preoccupação de uma letra para o nosso Hymno Nacional «porque ella virá opportunamente, quando um sentimento forte a fizer brotar da alma do povo.»

Até lá teremos de ficar com o que possuimos que, sobre ser detestavel como poesia, é uma incongruencia ridicula no regimen politico em que vivemos.

A letra de nosso Hymno Nacional não póde, de modo algum, ser entoado nos dias que correm porque nem de leve se refere á nação sendo, como é, um canto panegyrico no qual se preconizam apenas as virtudes de D. Pedro II:

> Negar de Pedro as virtudes,
> Seu talento escurecer,
> E' negar como é sublime
> Da bella aurora o nascer.

Como, segundo a formula verdadeira, só se destróe aquillo que se substitue, tratemos, por patriotismo e decencia, de destruir essa apologia, cujos versos claudicam deploravelmente.

Para que S. Ex. não insista em contestar a necessidade de uma letra para o nosso Hymno Nacional, trago aqui uma prova flagrante.

Querendo o director da Escola Normal de S. Paulo — S. Paulo! um dos mais prosperos e esclarecidos Estados da Republica, — fazer cantar pelos seus alumnos, por occasião das férias, o Hymno Nacional, estacou ante a letra.

Um momento pensou e, assistido de inspiração

ou recorrendo a um intimo das musas, poz em evidencia escandalosa este nescio mostrengo metrico:

«Ave, Patria, surge agora
Ensinando a lei sublime;
Ave, Patria, surge agora
Ensinando a lei sublime
Que a justiça revigora
E fraternidade exprime.
Que a justiça revigora
E fraternidade exprime.
O' Colombo, o teu invento
E' um solo vasto e fecundo.
Não tem o throno um assento
Nas plagas do novo mundo.
A Republica alterosa
Será paz, alento e gloria,
Nação possante e grandiosa.
Possante e grandiosa
Uma epopéa na historia.»

Eis, Sr. Presidente, a farrapagem com que se apresenta o nosso canto symbolico.

O director do Instituto Paulista não teria attentado contra o bom senso, não direi contra a Arte, pondo na boca dos alumnos, confiados ao seu criterio, versos tão desasizados, se houvesse uma poesia digna da musica enthusiastica.

O bom homem peccou por patriotismo: para

salvar a melodia, deu-lhe a jangada tosca de umas sandices arranjadas burlescamente á maneira de estrophes.

E esse hymno, assim achincalhado por uma parvoice que se empola com o entono dos anapestos de Tyrteu, tem sido o alento da nossa alma em momentos de angustias. Dentro delle palpita uma grande parte, e gloriosa, da nossa vida historica.

Ouvindo-o, temos, por suggestão, ante os olhos, os lances heroicos e os episodios doloridos da campanha do Sul — são os nossos exercitos em marcha, entre nuvens de fumo, atravéz do aceiro e da metralha, com o pavilhão desfraldado á tempestade da guerra; é o atropello tumultuoso do ataque, é o entrevero dos batalhões, é o fragor da batalha, é a alegria estonteante da victoria.

Era a propria Patria que falava no campo sangrento, indo de fileira á fileira, de barraca á barraca, inflammar o enthusiasmo na alma do soldado. *(Muito bem.)*

O hymno, porém, não é apenas um som — deve passar, como os deuses na *Iliada*, com uma voz que fale. E o nosso? cantado seria ridiculo e limita-se a estrugir nos metaes e a estrondar nas soalhas dos tambores: é uma melodia admiravel, sem expressão.

E' preciso, porém, pôr nessa inspiração uma voz que diga á alma do Povo alguma coisa — que fale do nosso céu, da riqueza maravilhosa da nossa terra, do valor dos nossos homens, da virtude das nossas mulheres e que, recordando o Passado, acene, ao mesmo tempo, ao Futuro. *(Bravos, palmas.)*

O illustre Sr. Dr. Germano Hasslocher acha que seria «uma producção chata, impropria do assumpto», a que se inspirasse no modelo proposto pelo director do Instituto Nacional de Musica:

«Brasil, no mundo inteiro terra eleita!
Brasil, da natureza terra amada!
Brasil! teu céu é puro entre os mais puros,
Teus mares verde-azues são os mais bellos!
Risonhos são teus vales luminosos,
Altivas tuas serras verdejantes.
Teus grandes rios os mais caudalosos,
Teus vastos campos flóridos e ferteis».

O meu illusttre collega não quiz ver a verdade — em taes versos *non-senses* ha apenas o rhytmo, a accentuação tonica para determinar a prosodia indispensavel á nitidez do canto. O maestro Alberto Nepomuceno não tem velleidades poeticas e a sua intenção é tão flagrante que só não a vê... o peior dos cegos *(riso)*.

Permitta-me agora V. Ex. Sr. Presidente, que eu aqui relate um episodio que me foi narrado por quem foi nelle parte, ainda que passiva: o robusto escriptor Euclydes da Cunha. Andava elle então abalsado nas terras remotas do extremo Norte, como chefe brasileiro na commissão mixta brasileo-peruana que rectificou as divisas da nossa fronteira com o Peru'.

Atravessando o caúchal muita vez parára ante

palhoças miserrimas para ouvir o canto patriotico dos pequeninos *campas*.

Finda a aula, todos os indios, de pé, entoavam o hymno peruano e assim, o filho do deserto, que nunca vira a cidade, que tinha da Patria apenas as noções civicas colhidas na escola, confraternizava com os seus irmãos de Lima no mesmo canto, fazendo os mesmos votos pela grandeza da terra maternal.

O proprio *cholo* ignaro, que vive no interior do bosque a vida selvagem do nomade, sabe de coração o seu hymno e canta-o sob a magestosa fronde da grande selva. Mas, o episodio... *(Movimento de attenção)*.

Acampadas na mesma praia, á beira do Purús, de aguas tão rasas e crystallinas como as de um arroio de parque e mansas porque mal sahiam das nascentes, as duas commissões repousavam.

A noite de 27 de julho de 1904 descia serena e estrellada sobre o remontado trecho do sertão.

Calavam-se as vozes das aves e começava o murmurinho nocturno da natureza.

Accenderam-se fogos e, pouco e pouco, foram-se os peruanos acercando das barracas e o chefe, D. Pedro Buenaño, homem rispido, disciplinador severo e inflexivel, ante o qual os soldados nem ousavam levantar os olhos, sorria a todos, affavel, com uma desusada alegria que lhe transluzia no olhar agudo e cheio de dominio.

Ia de um a outro com familiaridade jocunda, falava-lhes, sorria-lhes.

Os nossos, estendidos ao longo da ribeira, sob

as ramagens horizontaes das caliandras, olhavam surprehendidos o estranho espectaculo daquelle homem ferrenho tão intimo com os camaradas.

A um e um desappareceram todos na barraca do chefe.

Durante um momento o silencio pesou no desterro, cortado, a espaços, por algum pio de ave noctivaga.

Subito, um canto elevou-se nos ares tranquillos; era uma voz energica que parecia apregoar harmoniosamente e logo um côro heroico, sonóro, cresceu victorioso.

Euclydes da Cunha poz-se de pé, attento, á escuta e, curioso, adiantou-se pelo areal em sombra, procurando sempre as caliandras que o escondiam e assim, sorrateiro como um espião, chegou ao acampamento peruano e teve a explicação da scena admiravel. Surprehendera um culto.

Na barraca os homens, formados em circulo, ante a bandeira peruana, que um delles empunhava, celebravam o anniversario da independencia da Patria.

O sargento cantava o sólo, todos os demais homens da expedição, e entre elles o commandante Buenaño, entoavam o côro do hymno peruano, commemorando no deserto o grande dia nacional.

Era verdadeiramente religioso o acto e Euclydes, com o coração a bater, regressou ao seu campo e, recolhendo-se, a ouvir o cantico cada vez mais enthusiastico, dentro da noite sumptuosa, receiou, disse-me elle, que a commissão não findasse antes de

7 de setembro, porque teria de dar aos peruanos, com um triste silencio, a prova humilhante de que somos um povo sem tradição, que nem um hymno possuimos que seja, longe da Patria, a oração de amor com que a ella nos reportemos.

«E senti a nossa inferioridade» concluiu o escriptor.

E' para que outro brasileiro não repita essa phrase dolorosa e possamos entrar no côro das nações com a voz altiva do nosso civismo, que eu venho propor esta emenda substitutiva á conclusão do parecer do meu illustre collega. *(Lê)*

Emenda substitutiva á conclusão do parecer n. 13, de 1909

Art. 1º. Fica o Governo autorisado a crear um premio de 2:000$ para a melhor composição poetica que se adapte, com todo rigor do rythmo, á musica do Hymno Nacional Brasileiro, abrindo, desde já, um concurso para tal fim.

Art. 2º. A letra approvada pela commissão julgadora será considerada official.

Art. 3º. Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 29 de julho de 1909. — *Coelho Netto. — Christino Cruz. — Lamenha Lins. — Celso Bayma. — Palmeira Ripper. — Faria Souto. — Jesuino Cardoso. — Luiz Murat. — Bethencourt da Silva Filho. — Honorio Gurgel. — José Carlos. — Francisco Portella. — Candido Motta. — Nabuco de Gouvêa. — Bernardo Jambeiro. — Costa*

Rodrigues. — Costa Pinto. — Palma. — Cincinato Braga. — Mello Franco. — Agrippino Azevedo. — Angelo Pinheiro. — Joaquim Cruz. — Araujo Pinheiro. — João Abott. — Eduardo Socrates. — Annibal de Carvalho. — Aurelio Amorim. — Euzebio de Andrade. — Ferreira Braga. — João Cordeiro. — Prudencio Milanez. — Tavares Cavalcanti. — Altino Arantes. — Rivadavia Corrêa. — Costa Junior. — Lyra Castro. — Sampaio Marques.

(Muito bem. Muito bem. Palmas. O orador é muito cumprimentado).

Na sessão de 16 Agosto de 1909

O SR. COELHO NETTO — Sr. Presidente, era natural que eu fosse precedido por um representante do Estado do Rio neste transe de saudade e de amargura para todos nós. Venho agora, em palavras que não sei se levarei a termo, falar do grande espirito que se alou em um drama de sangue.

Hontem, acudindo a um appello desesperado, dirigi-me á estação da Piedade, duas vezes dolorosa para a nossa patria—primeiro, porque foi nesse recanto, de nome predestinado, que morreu o saudoso José do Patrocinio; depois, porque dali sahiu hontem para o tumulo Euclydes da Cunha.

Chegando ante uma casa de aspecto miseravel, pareceu-me, de improviso, que eu ia entrar, paginas a dentro, pela obra do grande mestre grego, tendo á frente de meus olhos um episodio da *Orestia*, tal a grandeza tragica da scena.

O momento, porém, não comporta phrases, nem minh'alma tem serenidade bastante para dital-as.

As letras nacionaes estão cobertas de pezado luto *(muito bem)*. A Morte anda a talar a fina flor do nosso espirito.

Agora que vamos, pouco a pouco, fazendo novas as nossas forças é que começa a segadora terri-

vel a ceifar. Que ha de ser de nós amanhan, se assim vão sendo levados os que nos poderiam engrandecer?

Esse que desappareceu, corporalmente, do nosso convivio, deixando um nome que ha de pairar como um espirito benefico de nossa raça e representante de nossa cultura neste tempo, foi um forte escriptor, um dos mais robustos representantes da litteratura da lingua portuguesa, porque no proprio berço do vernaculo não ha, modernamente, quem se lhe avantage em vigor e em pureza verbal.

Honra das letras novi-latinas, a sua obra não é simplesmente a de um belletrista, mas a de um profundo pensador amoroso de sua Patria.

Elle inaugurou para nossa terra o periodo da evangelisação litteraria. Não quiz tratar perifericamente a nossa patria; abalsou-se aos seus recessos. Onde encontramos, fóra dos *Sertões*, descripção mais palpitante, mais viva da natureza agreste e virgem senão nas paginas formosas e eternas de Humboldt?

Quem é capaz de emparelhar, na estylistica soberba, na palavra tersa, na phrase estreme, nos periodos refertos, com esse homem subitamente roubado por uma tragedia?

E' o caso de eu dizer á minha boca—que é sua obrigação calar-se nesta Casa, porque ha um grande mysterio pairando sobre o tumulo, mysterio que eu não tenho o direito de desvendar perante vós.

Não foi um impulso que arrojou o grande ho-

mem á catastrophe, elle caminhou direito á vingança e...

Direi apenas, Sr. Presidente, que ainda nesta tragedia apparece o caracter viril daquelle escriptor possante.

Cahiu, mas a sua obra ahi está; é o bronze perenne.

Que cabe a nós outros brasileiros dizer neste momento? A mim, nada mais; começo a sentir o enfraquecimento d'alma.

A minha palavra já oscilla, a expressão falha-me, alguma coisa occorre-me que tem eloquencia mais forte do que o meu dizer... Essa, porém, retraio-a; é preciso que, referindo-me a um homem pujante, eu tenha, pelo menos, a energia de o acompanhar sem lagrimas, neste transe derradeiro.

O voto que faço — não que peço — é que o Brasil acompanhe o grande espirito de Euclydes da Cunha, como o povo de Israel acompanhava a ascenção dos anjos visitadores, de olhos levantados: — primeiramente para o céu da historia, depois para o céu de Deus, em que ha de ficar o espirito que residiu no corpo desapparecido do honrado martyr. *(Muito bem; muito bem).*

E' com uma grande saudade, senhores, que eu, amigo de Euclydes da Cunha, falo á Camara dos Deputados; é com um grande pezar que eu, brasileiro, refiro-me a este nome. E' com a gratidão de sertanejo, com a alma de filho das terras interiores deste paiz, que agradeço áquelle beneficiador dos simples o livro primoroso que veiu mostrar á nossa

Patria que lá dentro, nessas regiões ainda mysteriosas, ha uma raça forte, a dos soffredores, dos trabalhadores, dos que plantam e colhem, dos que vão á peleja, dos que exploram as regiões maninhas do Norte, a raça que integra o patrimonio do Brasil, a raça do caboclo, que tem naquelle livro o seu grande poema de reivindicação de direitos, que tem naquella obra o protesto contra o esquecimento do sul, protesto em que ella pede alguma coisa, a parte de amor que lhe cabe, como filha, que é, desta terra; protesto que ella foi achar na penna desse homem, nascido no Estado do Rio e que tanto amava as regiões do Norte, porque era o poeta da simplicidade, da saudade, da natureza e principalmente dos humildes.

Senhores, não é um voto de pezar que peço á Camara, pois este vejo que, mais do que lavrado na acta, está em todos os olhos, em todos os corações, *(muito bem)* mas um preito de glorificação á memoria do que foi um heróe-poeta, como o definiu Carlyle: pela força do cerebro e pela bondade do coração. *(Muito bem; muito bem. Palmas.)*

Na sessão de 20 de Agosto de 1909

O SR. COELHO NETTO — Sr. Presidente. Ha de V. Ex. relevar-me o tom do que vou dizer nesta Casa sobre o nosso Theatro Municipal.

Não sei se tem tido entrada neste recinto o espirito de Democrito; convém que elle aqui appareça porque o assumpto não pede a solemnidade das cordas de bronze, mas o zangarreio faceto das cordas de tripa.

Vivemos em um paiz que goza dos fóros do mais intellectual da America do Sul.

Esta cidade quasi que póde ostentar o titulo de Athenas americana. Creio até que, muitas vezes, tem passado despercebido aos nossos olhos, no tumulto da Avenida, á hora clara do sol, o grupo das pierides. E é natural que, de prompto, não as distingamos, porque ellas já não revestem o trajo que as caracterizava no tempo antigo, já não arrastam o peplum; mas, de accôrdo com o figurino parisiense, collam ao corpo airoso o *maillot* que, por pouco, lhes não desnúda as fórmas graciosas.

Esta cidade, intellectual por excellencia, que esgota em horas a producção artistica dos nossos poetas, cujo povo, ávido de emoção esthetica, tumultúa ás portas dos livreiros sempre que apparece

no mostruario um novo romance ou um livro de versos; esta cidade onde se moureja ouvindo o canto das harpas, tal qual como nos hortos athenienses, no claro tempo de Pericles; esta cidade apollinea, acaba de consentir em um attentado contra o qual venho protestar, ainda que saiba que a minha palavra pouco fará contra o crime. Em todo caso, é uma voz que se levanta contra um açambarcamento ignominioso e contra o vilipendio que se vai praticar, reduzindo um monumento, como é o Theatro Municipal, a pateo ou corro de comedias salacissimas! *(Pausa).*

Sr. Presidente, tomei umas notas ligeiras e sobre ellas vou discorrer em palestra.

O nosso theatro já teve o seu periodo aureo. Não o alcancei eu; mas delle falam não só os livros como aquelles que tiveram a fortuna de ver a figura primacial de João Caetano.

Tivemos escriptores dramaticos, que cultivaram, com alta competencia e com inspiração nobre, esse genero difficil da litteratura.

Havia poetas de forte envergadura que preferiam seguir o passo dos tres gregos a versejar na poesia alambicada e sentimental que, como diz Eça de Queiroz, toda ella se perde entre os refolhos das saias de Elvira.

Pois bem; esse periodo passou rapido, quasi sem deixar vestigio. Veiu logo em seguida e implantou-se até hoje o periodo que peço licença para chamar das atellánas, ainda mais: da *sátura,* ainda mais: da *fescennina.*

O nosso theatro passou a ser um theatro orgiastico.

Não se acudia ao appello do director de scena, com o ouvido preparado para o encanto de um bello e sonoro verso alexandrino; mas com os olhos deslumbrantes de cupidez lasciva, attentava-se nos movimentos languidos, no desnalgamento do mulherio que, em vez de representar a dança no que ella tem de nobre, como na *emmelia*, reboleiava em meneios indecentes, reproduzindo na scena os gestos lubricos das *devadassi*.

Não se diga que os gregos tinham danças de egual desabrimento. Tinham a *sicinnis*, em que imitavam os animaes, e tinham o *cordace*, em que macaqueavam os ridiculos humanos; o que, porém, aqui nos davam nos theatros era uma desfaçada e rebolida mimica em que homens e mulheres, cada qual mais desabrida e despudoradamente, procuravam exhibir as fórmas, descompor-se em attitudes as mais obscenas. Os emprezarios de taes «companhias», verdadeiros depravadores da moral e do gosto do publico, não eram vexados pela policia dos costumes e, regaladamente, enriqueciam á custa da dissolução de um povo e do abastardamento da sua arte.

Veiu o protesto trazido á imprensa por Arthur Azevedo.

Toda gente formou em torno do propagandista do mytho, chamado o theatro Nacional.

Infelizmente, Arthur Azevedo desappareceu e o theatro continúa a ser o que vemos que é.

Mas, com a remodelação da cidade, começaram as baiucas a desapparecer, vieram abaixo as ruinas do seculo passado, a cidade quiz mais luz, abriram-se avenidas e ella, recebendo directamente o carinho do sol, tornou-se limpa e formosa.

Houve então idéa de reunir aquillo que a Prefeitura tinha arrancado do povo em impostos, recebendo á boca do cofre, á noite, na bilheteria dos theatros, e com este capital resolveu-se erigir o edificio onde os poetas brasileiros pudessem exhibir o seu talento.

Arthur Azevedo esperava que esse edificio fosse modesto; não queria a sumptuosidade que lhe foi offerecida, senão um theatro de comedia, onde a alma fosse mais bella que o corpo, onde os versos tivessem o scenario que deviam ter, sem que nos occupassemos de tanto onix, de tanto marmore, de tanto bronze, *et reliqua*.

A Prefeitura, porém, entendeu, que a cidade devia ser bem dotada e deu-lhe aquelle monumento, no genero, senão o mais bello, um dos mais bellos da America do Sul.

Prompto o edificio, logo correu a atoarda, desmentindo a promessa feita á intelligencia nacional, de que elle seria entregue, não a um brasileiro, de accordo com o dizer da lei, mas a um emprezario, o mesmo que enriqueceu á custa da dissolução dos costumes, da bastardia da Arte e da miseria apertada dos que ainda pensam em fazer carreira no theatro. Cresceram vozes de protesto allegando que aquella casa fôra levantada pelo povo e para elle

e nella devia apparecer a flor do nosso genio poetico; mas o emprezario, que é poderoso, chamou um dos seus apaniguados e deu-lhe ordens para que, valendo-se do seu titulo de cidadão brasileiro, fosse á Prefeitura disputar a posse do formoso proprio municipal.

Não achou difficuldades o procurador do homem e os jornaes publicaram o contracto celebrado, em segredo, entre o Prefeito e o emprezario, por seu representante: Francisco de Mesquita. E o homem occupou, como senhor, o que pertencia á cidade, á nação, digamos: ao povo. E póde-se admittir, Sr. Presidente, que em edificio official, como esse, entre, acanalhando-o, a farandula da opereta, a chirinola estrondosa de uma bambochata desenfreiada?

Imagine V. Ex. *Tabarin* na *Comédie Française*. Ainda que haja ali, com a fidelidade das reconstrucções architectonicas, uma reproducção de templo assyrio, nem por isso se deverão admittir naquelle ambito augusto as cerimonias só permittidas nos subterraneos de Ninive, onde era adorada Mylitta. O que se vai fazer naquella casa será, para vergonha nossa, o culto do torpe, transformando a maravilhosa construcção em um café-concerto réles, com exhibições e talvez cubiculos discretos. Lê-se no *Paiz* de hontem:

«Não sendo possivel organisar para o anno corrente uma companhia lyrica para trabalhar no Theatro Municipal, como exige o contracto, o Sr. Francisco José de Mesquita, occupante daquelle theatro,

obteve permissão para trazer a companhia daquelle genero, de maio do anno vindouro em diante, dentro do prazo da occupação daquelle proprio municipal.

Substituil-a-á, em outubro proximo, a grande companhia de opera comica Marchetti, com repertorio préviamente determinado pela superintendencia do Theatro Municipal.

Obrigou-se o occupante do theatro a manter por seis mezes, de novembro do corrente anno a abril de 1910, a companhia dramatica nacional, a que se refere o termo de occupação assignado em fevereiro ultimo.

O Sr. Mesquita assignou o competente termo de obrigação nesse sentido, de accordo com o despacho dado pelo Prefeito, em 4 do corrente mez, na informação da superintendencia do theatro.»

Pois bem, Sr. Presidente, o que era apenas boato, atoarda, é um facto. O Theatro Municipal, cedido ao emprezario Mesquita *(riso)*, uma capa muito transparente que occulta uma personagem de alto prestigio monetario...

O SR. GERMANO HASSLOCHER — Personagem celestial.

O SR. COELHO NETTO — ... personagem *celestial,* como bem diz o meu collega, que se obrigara, pelo contracto, a trazer uma companhia dramatica de primeira ordem, uma companhia lyrica de primeira ordem e seguidamente a cuidar do theatro nacional com todos os elementos bons que pu-

desse reunir, falhou logo em começo ao seu contracto.

Depois de nos ter dado Réjane annuncia a companhia Marchetti.

Lamento não ter aqui á mão o repertorio dessa companhia, que me foi remettido de Buenos Aires. Ha nelle apenas duas operas comicas: o *Tocador de flauta* e o *Barbeiro de Sevilha,* o resto é opereta, e opereta das peiores, pretexto apenas para exhibição de carnes.

Quando nós outros pensavamos que esse homem não conseguiria obter da Prefeitura a garantia para tal tentativa, vem-nos a certeza de que elle não só obteve tudo quanto quiz, como muito mais obteria, se houvesse pedido, porque a seu lado, patrocinando-o com o seu prestigio, figura o superintendente do Theatro Municipal, que é o director do Patrimonio.

O director do Patrimonio, como V. Ex. sabe, Sr. Presidente, é o zelador daquelle proprio. Na Grecia de Pericles, o zelador dos proprios athenienses era um homem insignificante, se o compararmos ao que tem a seu cargo o Theatro Municipal: chamava-se Phidias, era esculptor, e dirigia os trabalhos, que tornaram de ouro e eterno no culto artistico o seculo de Pericles. Mas quem é Phidias, ao lado do director do Patrimonio Municipal? *(Riso).*

Pois bem, senhores, Phidias dirigia toda a arte atheniense, o director do Patrimonio dirige o Theatro Municipal: é elle quem se entende com o emprezario, é elle quem analysa as peças que ali devem ser representadas, é elle quem escolhe os autores, é elle

quem distribue as entradas para este e para aquelle; é, emfim, o espirito, a alma intellectual daquella casa... *(Riso)*. E foi essa alma intellectual que declarou ao emprezario que acceitava o contracto, porquanto a companhia Marchetti «vinha trazer operetas, mas muito bem vestidas e muito bem montadas». De sorte que este senhor entende que a desfaçatez, desde que traga um trajo e mais um pouco de louçainhas, póde entrar em toda a parte.

Mas este achincalhamento, S. Presidente, vai mais longe: é o precedente, de que se ha de servir o emprezario, para que, no proximo anno, possa trazer tudo quanto encontrar no enxurdeiro de além-mar, installando naquella casa grandiosa, porque dirá: «no theatro onde trabalha a companhia Marchetti póde entrar outra do mesmo jaez».

E vamos ter esta delicia: ver no Theatro Municipal entrar, de orelhas fitas, a trote arisco, ornejando, escouceando, zurrando. «O Burro do Sr. Alcaide!» *(Riso)*. Vamos ter, por exemplo, «O Sino do Eremiterio», com seu tintinabulo faceto. Vamos ter os bailados que são o grande chamariz nesses pequenos theatros, vamos ter a gloria, vamos ter a ventura de rir desfaçadamente, escancelladamente, entre aquelles marmores prodigiosos.

Sr. Presidente, ainda ha um ponto delicado. Esse emprezario, que se propõe como salvador da arte nacional e que quer ter a gloria de ser o homem que ha de levantar a poesia dramatica no Brasil, acaba de obrigar-se no seu contracto a manter por seis mezes, de novembro do corrente anno a abril

de 1910, a companhia dramatica nacional a que se refere o termo de occupação, de fevereiro ultimo.

Todo o mundo sabe que isto é o meio por onde elle se vai evadir á responsabilidade. Absolutamente não póde realizar tal promessa. Sou escriptor de theatro e sei que, para que o emprezario pudesse cumprir tal clausula, seria necessario que possuisse, desde já, originaes, que não possue; seria preciso que tivesse uma companhia organizada, que absolutamente não tem.

Quer V. Ex., Sr. Presidente, saber qual é a companhia organizada?

E' uma gente mais desgraçada do que a que Scarron descreve no *Roman Comique,* que nem, ao menos, possue para agasalhar-se o carro de Thespis!

E' a companhia da miseria, dos sem pão, dos sem lar, dos que andam errantes pelas ruas, amaldiçoando o homem que tanto mal tem feito á nossa terra, mal porque a abastarda, mal porque a acanalha, porque a torna indigna de se dizer uma terra de gente que, ao menos, sabe ler, porque em toda a parte onde encontra uma casa de espectaculos explorada pela sua ganancia nella installa um grupo trazido de ultra-mar, para fazer ao nosso paiz a injuria de o rebaixar, explorando ao mesmo tempo as nossas algibeiras!

Não ha um só artista nacional contractado, posso dar testemunho. Quem percorrer, a deshoras, o recanto miserando da rua do Espirito Santo, verá homens que cahem famintos, que teem syncopes que podem ser attribuidas á ebriez, mas que são o re-

sultado da fome, e muitos de taes homens, Sr. Presidente, pertencem ao grupo daquelles que o Sr.... *Celestial* declara que vai proteger durante os calores de novembro a abril, para dar um osso esburgado ao que elle chama, com ironia desprezivel, a arte brasileira.

E, mais que isto, Sr. Presidente, sei que elle repulsa com desprezo todos os originaes brasileiros que lhe vão ter ás mãos, entendendo que tem bastante e que os brasileiros não podem servir porque não são engodo para o publico que elle corrompeu.

E' irrisorio e anti-patriotico!

Bem sei que as minhas palavras nada farão *(não apoiados)*, mas ficarão como um protesto, hão de valer como a condemnação por parte de um homem que tem vivido exclusivamente, em seu paiz, das letras e que as quer honrar porque dellas muito tem recebido.

Permitta-me, Sr. Presidente, fazer uma comparação.

Uma vez, passando por junto do edificio, ainda em construcção, que é hoje o Theatro Municipal, parei e pareceu ao meu espirito, sempre voltado para as coisas antigas, que não me achava nesta querida cidade, mas muito longe, longe no espaço e no tempo, defronte do monte Moria, vendo o trabalho aturado dos homens de Byblos e de Zidon construindo, com esforço incançavel, para a gloria de Iahvé... o templo de Salomão.

Trabalhava-se dia e noite e, á luz dos archotes, apressava-se a construcção da fabrica famosa.

Os homens, porque os havia de todas as nacionalidades, confundiam ali as linguas como em Babel: os cantos subiam para a noite silenciosa e eu ouvia ao mesmo tempo o fragor dos martellos, o ringir de guindastes, annunciando o proseguir da obra colossal.

Parei com a eterna illusão. Parecia-me que aquella casa ia receber um Deus e eu sentia no ar o leve bater das azas dos anjos como os que presidiram em Jerusalém á construcção do maravilhoso templo.

Muito tempo estive em contemplação, até que a hora se foi tornando tardia e recolhi-me ao lar.

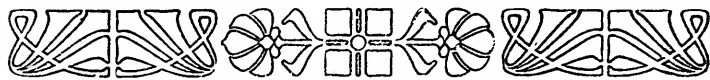
Hoje o que vejo ali, que me seja permittido dizer sem intenção de profanar, é o mesmo que, muito tempo depois de construido o templo, viu Christo subindo aos terraços e chegando no vestibulo de lages polychromicas: os mercadores. O Homem-Deus, que era a Misericordia, a Doçura, a Paciencia, irritou-se ante a profanação e, lançando mão de um latego, expulsou o bando que aprégoava diante das tendas e dos tapetes, balsamos e frutos, avellorios e purpura, entendendo que na Casa do Senhor só podem soar as palavras da Fé e os cantos propiciatorios.

Penso no acto de Christo contemplando agora esse theatro tão rico que acaba de ser entregue a um mercador que ali vai installar, não uma companhia de bufarinheiros, mas coisa peior: um mercado como só existe um descripto em um dos primeiros livros

de Herodoto, que o viu á porta do templo de Mylitta em Babylonia.

Sr. Presidente, é tempo de nos occuparmos com alguma coisa mais, além de casas e ruas. Verdade é que tambem nos preoccupamos com os nossos homens de genio — quando morrem. O patriotismo no Brasil reside na Empreza Funeraria — é um patriotismo de *gatos-pingados,* que só apparece á hora do enterro.

Deixemos a xenomania ridicula que nos está reduzindo á parvoice da admiração basbaque.

Abrimos as portas a tudo quanto vem do estrangeiro, admiramos quem quer que venha, com titulo de poeta, prosador ou romancista, acolhemos tudo e ainda acceitamos submissos o theatro depravado, sem idéal, sem lição, que não é arte, mas immoralidade, veneno perigoso que se vai inoculando na alma da sociedade e levando-a a degenerescencia, quando podiamos fazer alguma coisa que dissesse da nossa vida, da historia, das nossas tradições, dos nossos costumes, onde palpitasse a nossa alma ainda em flor e apparecesse a nossa poesia. A terra está livre, a alma tem ainda grilhões. Somos um povo, não uma nacionalidade, porque o nosso espirito é estrangeiro, a nossa Arte, onde se reflecte o caracter da raça, é dos que nos exploram e dominam. E' triste, é vergonhoso, é humilhante. E se o paiz fez a sua independencia politica, urge que a complete libertando a alma. *(Muito bem; muito bem).*

Na sessão de 18 de Outubro de 1909

O SR. COELHO NETTO — Sr. Presidente. Vem de longe, atravez de legislaturas, e cada vez mais accentuado e mais alto, o clamor contra a permanencia dos senhores Deputados nesta casa archaica, que tresanda a mofo e já estalida ameaçando ruir.

Aqui, em vozes justamente irritadas; na imprensa, ora austeramente, ora em tom de satyra, irrompe, de tempos a tempos, o protesto contra a desidia dos representantes da nação, que se resignam a viver num pardieiro como se nelle tenham lançado raizes, á maneira das plantas que se não podem despegar da espurcicia de onde tiram seiva para flor e fruto.

Em verdade não se comprehende tamanha incuria, tanto menoscabo de si mesmos.

Em tempos mais apagados, de vida modesta, já este edificio era apontado como antigualha indigna do seu destino, que se dirá delle agora pondo-o em confronto com os monumentos que ornam a cidade? Tivesse eu a erudição civica do Dr. Vieira Fazenda e, aproveitando esta hora vasia e a tristeza morbida que nos vem lá de fóra, onde a chuva parece chorar, faria o historico desta bastilha lugubre.

Falta-me, porém, o cabedal de historia que faz do paciente investigador uma viva chronica do Rio de Janeiro e, em palavras fugitivas, vou apenas lembrar episodios e dizel-os como se pronunciasse uma oração funebre sobre o edificio que desejo, por decencia, que reverta ao pó.

Quando a cadêa, que era, então, nas alturas do Castello, mudou-se para a planicie, foi aqui que se installou. Guardas e carcereiros, baixando da eminencia, folgaram em achar mais espaçosa casa, cubiculos mais desaffrontados, enxovias mais solidas, um ergastulo mais largo onde mettessem os presos e compartimentos mais amplos por onde andassem, arrastando os passos, que atroavam e fazendo tinir armas, algemas e grossas chaves em cambadas.

Era um encanto a nova Cadêa. Pela estrada fronteira desfilavam tropas ao som dos chocalhos; ao fundo iam-se ajuntando mercadores. Soldados reinóes passavam garbosamente, conversavam á beira das tendas com as negras, cujo barbariso só cessava á noite, quando, ao som do sino, que tangia, como na Idade Média, o *cobre-fogo,* a vida paralysava-se em silencio de somno.

De quando em quando os ferrolhos rangiam — abria-se um carcere e, aos empurrões, aos ponta-pés um homem era atirado á palha, onde ficava gemendo. No corpo da guarda soldados e carcereiros folgavam com descaro cynico. E a cidade adormecia tranquilla, fiada na segurança das patrulhas e na grossura dos varões da Cadêa D'El-Rey.

Os fundamentos d'esta casa, se alguem os re-

volvesse com uma picareta, talvez respondessem á pesquiza com ossarias tabidas e enferrujados grilhões de vilta.

Quantas victimas terão penado injustamente aqui em baixo! As lagrimas não deixam vestigios e o echo, ainda o dos maiores brados, vive um instante curto. O registro desta casa desappareceu; d'elle, porém, sahiu um nome, entre outros, grande e suave, nome que ha de viver ligado á historia da Republica, como vive o de Jesus nas paginas do Evangelho. *(Pausa)*.

Um dia alvoroçou-se a Cadêa com a noticia da chegada de uma chusma de criminosos, trazidos, á virga ferrea, das terras altas do diamante e do ouro. Eram réos de grande culpa e guardas e carcereiros, pesando a responsabilidade em que iam entrar, trataram de vistoriar o calabouço e, á luz de lanternas, examinaram os cantos, abalaram as grades, martellaram as lages, revolveram a palha, emborcaram as bilhas para que não succedesse ficar um ferro que auxiliasse a evasão. Isto feito, esperaram. E a leva chegou. Entre os prisioneiros combalidos caminhava lentamente, manietado, mas altivo, ainda que sem arrogancia e a sorrir docemente, um homem alto, moreno, macilento, olhos negros, longos cabellos, barba inculta, typo de sertanejo, tocado de uma graça de iniciado.

Apontavam-no, cochichavam commentando-lhe o porte, o andar grave e o brilho dos olhos que resplandeciam.

Entrou. Vinha das terras verdes de Minas, dos

campos, das montanhas azuladas, dos valles floridos, das margens dos rios claros onde andára, como apostolo, pregando a liberdade.

Mystico, trilhava ao sol e pela treva das noites mudas, os caminhos da terra natal de onde refugiam garimpeiros, onde passavam escravos levando grilhões de rastos e, entrando nos ranchos, nas cabanas, parando junto das gupiaras ou á beira das grotas, em cujo fundo, no fervedouro da agua, trabalhavam faiscadores, dizia o seu sonho, procurando implantar nos corações a idéa sublime do seu grande amor.

Ouviam-no pasmados: uns tinham-no por santo, davam-no outros por louco. E elle falava da Patria: era o Tiradentes. *(Palmas. Bravos. Muito bem.)* Aqui esteve esse homem, aqui curtiu as pungentes saudades, aqui ouviu apodos da canalha; foi vilipendiado, ultrajado, martyrisado, sempre sereno, agradecendo no coração a Deus todos os soffrimentos, por serem elles por amor da Patria. *(Muito bem).*

Não se revoltava: aos insultos respondia com a resignação, ás brutalidades sorria e, quando o quizeram forçar á delação, manteve-se de pedra, inflexivel, heroico, a boca fechada, os claros olhos além! Calado, como Jesus, ouviu a sentença nefanda. Ali adiante, a poucos passos desta sala, passou a vigilia triste, como a do Inca, descripta por Marmontel e um dos seus companheiros de prisão, José de Rezende Costa Filho, mais tarde deputado á Constituinte, nesta sala recordou, ainda com horror, a noite tragica decorrida no oratorio dos padecentes.

Na manhan de 21 de abril de 1792, manhan de

lindo sol, dizem as chronicas, a cidade empavesou-se festivamente.

Desde cedo entraram os sinos a bimbalhar nas torres, os soldados, em grande gala, desfilavam nas ruas; era a estropeada da cavallaria, o passo sonóro dos infantes, o clangor das musicas, bulicio do povo curioso e, desde a porta desta casa, desfilou o triste cortejo levando o condemnado, revestido d'alva, até o Campo de S. Domingos onde o esperava o patibulo... *(Pausa).*

Esta casa é mal assombrada. *(Sussurro de commoção).* Parece que Antonio Carlos e os homens da Constituinte quizeram praticar uma acção lustral plantando a arvore da Liberdade em terreno maldito.

Daqui sahem as vozes constitucionaes, daqui sahiu para a Morte o pregoeiro da Republica.

Não consta que no Pretorio os christãos houvessem levantado uma igreja. O Golgotha é ainda o monte esteril e deserto da tragedia. São lugares que a tradição malsina. Os baixos desta casa devem ser povoados de sombras. Um vidente, como o Alighieri, se por elles passasse, veria vultos lemuricos, ouviria queixas d'além tumulo. Saiamos, quanto antes, do emparedamento ignominioso. Para o esplendor! Para a Decencia! Basta de chafurda! Aceiemo-nos! *(Muito bem).* Nós aqui representamos o povo brasileiro — somos os mandatarios da Patria.

Por ella, ao menos, senhores, para seu lustro, abalemos deste esterquilinio, diante do qual o pro-

prio Hercules recuaria receioso de metter mãos á obra.

Teve esta casa dias extraordinarios, não nego. Por vezes resplandeceu como o Cenaculo e essas glorias, até certo ponto, expurgaram-na das negras infamias que encobriu.

Lembro-me de ter visto levantar-se ali *(indica a bancada pernambucana)* no dia em que, não só o paiz, mas todo o mundo tinha os olhos nesta casa, a figura varonil e formosa de um dos mais eloquentes oradores que têm falado sob esta abobada.

Um momento relanceou o olhar pela sala que regorgitava. Sentia-se-lhe o pulsar do coração e o ardor do enthusiasmo transluzindo em ascuas nas pupillas. Falou: o seu discurso foi um hymno de alvorada, foi o canto de amor do 13 de maio. Esse orador era Joaquim Nabuco.

Outra vez, d'ali mesmo, um homem, revestindo as vestes sagradas de sacerdote, poz-se de pé, de golpe, e aprumando a cabeça branca, levantou nesta casa o primeiro viva! á Republica. Foi o padre João Manoel.

São estas — e ha outras — as glorias remissoras do edificio.

Mas, Sr. Presidente, não imitemos os gatos que, por instincto madraço, tanto se apegam a um lar que, para o não deixarem, quando vêm movimento de mudança, fogem para os telhados. Quem os não prende a tempo mettendo-os em um sacco, se os estima, arrisca-se a perdel-os, tanto se atêm os bichanos ao borralho que nelle preferem ficar, á es-

pera de ratos, resbunando, preguiçando, a terem de sahir, ainda que saibam que vão para melhor abrigo e para melhor pitança.

Esta casa, por fóra feia, acaçapada, esborcinada, com umas janellinhas transidas, umas portas de baiúca, commiséra e envergonha. Por dentro... Em dias como o de hoje, para nella entrar-se, quasi que se tornam necessarias lanternas. A' porta, em um saguão de mansarda, a mesa do porteiro e logo a escada com a alfombra de um tapiz rapado, a ranger, a desconjuntar-se.

As paredes arrugam-se, engelham-se; em certos pontos parecem atacadas de herpetismo, espocadas em bossas que, ás vezes, estouram, esvurmando caliça. Já alguem ouviu estrépitos de ruinaria: a casa estala, desmantella-se. Em verdade, examinem-se-lhe as paredes e hão de achar-se frinchas, taliscas, gretas, buraqueiras—são as residencias seculares da vermina que acompanha, atravez de gerações, os trabalhos legislativos. Que se faz? Se apparece a idéa de mudança, aventada por algum Deputado, o assumpto é discutido durante a sessão, mas cahe logo no tapete, e cahir no tapete, Sr. Presidente, é ser devorado. Não havia mais féras no Colyseu do que ha nesta alcatifa veneranda. As de lá, pelo menos, eram animaes de porte, as daqui são sevandijas torpes que nos sugam.

Com as janellas fechadas torna-se este recinto um forno; abram-nas e mudar-se-á instantaneamente na gruta de Eolo, residencia dos ventos. Elles entram ás rajadas, lufando cortinas, espalhando pa-

peis e uivam, e zunem. Ali, por exemplo, na minha bancada o que de menos gravidade se apanha é um defluxo: andam em enxame pleurizes e pneumonias e ha sempre nas representações do Rio Grande do Sul, do Maranhão ou do Paraná quem espirre. Como se procura corrigir o mal de que todos se queixam? *(Pausa)* Mal termina o anno legislativo, depois de uma ligeira confabulação no sentido de serem tomadas providencias, resolve-se mandar chamar pedreiros, pintores, alfaiadores e começa aqui dentro um trabalho curioso de remendagem. Tapam-se buracos, substituem-se coçoeiras e soalhos, pintam-se portaes, recennam-se molduras, substituem-se tapetes, mudam-se privadas, transferem-se de uma para outra sala os retratos da galeria presidencial, reforma-se...

O SR. RODOLPHO PAIXÃO — Sempre para peior.

O SR. COELHO NETTO — Sempre para peior... o que se devia abandonar por indecente. As aranhas, que aqui vivem, já conhecem o systhema e, mal se aproximam os calores, certas de que não tardarão obreiros, arrastam-se para esconderijos onde não vão martellos nem brochas de reparo.

Nada é mais ridiculo do que o casquilhismo na decrepitude: uma velha besuntada de crêmes, corada a carmim, branqueada a pó de arroz, com as rugas tomadas a força de unguentos, com cabellos e dentes postiços, espartilhada, erguida sobre tacões, é desoladoramente irrisoria. Ovidio, Propercio, Catullo, para

citar apenas os latinos, riram-se escancelladamente de taes louçanias.

Está em condições identicas a Camara procurando

«Reparer des ans l'irreparable outrage...»

Falta-lhe capacidade. Anda-se aqui dentro como em galera desgovernada, por vagas de mar roleiro-aos esbarros, aos abalrôos.

Se acontecesse comparecerem a uma sessão todos os senhores Deputados seria impossivel o trabalho por... excesso de numero. (*Riso*) Que direi eu da decencia?

Comprehendendo Attila ditando leis e recebendo embaixadores do Oriente na tenda colgada de pelles que Prisco nos deixou descripta. Comprehendo um *thane* ouvindo a gente do seu clan entre rochedos de beira mar. Comprehendo Henrique, o passarinheiro reunindo um tribunal de barões á sombra de um carvalho, á margem do Escalda. O que não comprehendo é o Parlamento de uma grande Republica legislando em fumeiro.

A imprensa accusa os deputados de desleixo, por não comparecerem ás sessões. Nega-lhes patriotismo, invectiva-os com acrimonia.

Não tem razão a imprensa. Um deputado, ao entrar, pela primeira vez, nesta casa, com grande, decidida vontade de trabalhar, logo ao chegar ao recinto alija as illusões correndo um olhar de espanto por tudo .

Imaginava a Camara dos Deputados pelo me-

nos... limpa, e pasma do que vê. Que é isto? uma miseria e é o ambito da Lei.

Eis ali o *podium* do povo *(mostra as galerias)*. As tribunas, com as empoadas cortinas, que foram verdes, causam asco. E aqui ao meio do tecto, como insectos fantasticos, dos quaes um apenas vive, batendo as azas, como uma lavandisca a adejar acima de um atascal, estes ventiladores que melhor será que se conservem sempre emperradamente inertes para que não sacudam sobre as nossas cabeças a poeira velha que lhes branquêa as azas.

O ar que aqui se respira parece vir de um pneumatico dos Borgia. Não é por desidia que os Deputados deixam de comparecer ás sessões, é por aceio e medo. (*Riso*)

Mesmo V. Ex., Sr. Presidente, muitas vezes, em momento grave de debate politico, ouvindo accusações injustas, ha de ter pensado no gesto de Pilatos: não o faz para não sujar as mãos tendo de enxugal-as no lambaz que pende, negro, encharcado e fétido, de um gancho, no cubiculo do *lavabo*.

Não ha aqui uma sala de recepção. As commissões trabalham em compartimentos acanhados, sem luz, separados uns dos outros por divisões de tabiques. A bibliotheca é um acervo desordenado; a secretaria um desmantello.

A sala do café é uma betesga que seria ridicula em uma estação de villota do interior, para o curto minuto da demora de um trem. E' triste! Os proprios animaes compõem as suas moradas: o belluino poderoso escolhe a caverna larga; a lebre leva sar-

mentos para a sua toca; a ave carrega achegas macias para o ninho, o proprio peixe, no fundo das aguas, enfeita de algas a sua madrigueira. Não é muito que nós, homens, cuidemos um pouco do sitio em que trabalhamos.

Que dirá de nós o estrangeiro que por aqui passar?

Agora mesmo temos a honrosa promessa da visita do embaixador chinez. O principe levantino, que não tem regateado louvores á nossa natureza portentosa e aos progressos da nossa vida, activa e audaz nestes breves annos do novo regimen, ficará surprehendido de vêr a representação nacional alapardada nesta cafúa infecta.

O SR. JOSE' CARLOS — Elle já está prevenido.

O SR. COELHO NETTO — Ainda assim: ha de pasmar, garanto. E, arrepanhando a cabaia de sêda bordada a ouro, procurando pontos para firmar os papuzes, subirá, com escrupulo, a escada, evitando os corrimões e na tribuna, de pé, para não macular-se na cadeira, olhará a sala das sessões e toda a sua insolita sordicie retirando-se, com pressa de fuga, para não respirar no ambiente de estufilha em que trabalham os zeladores da Constituição. De volta ao grande imperio do sol, atravessando, em palanquim, as ruas esgalgadas e sujas de uma das cidades do grande viveiro humano, a olhar os mon-

turos em que rosnam cães e saltam pequeninos tankias, a devassar interiores miserrimos, vendo fugirem ante os guardas do seu cortejo mendigos esfarrapados, chapinhando no lôdo das poças de onde voam moscas, dirá de si comsigo consolado: «Isto é um bairro miseravel de velho imperio atupido de gente... ainda assim não vale, como esterqueira, certa casa que visitei num rico e novo paiz da America, onde a vida é facil e o céu é formoso e clemente.» (*Muito bem.*)

Somos como os mineiros, Sr. Presidente.

O mineiro, mal o dia vem vindo, nas primeiras claridades da manhan, antes que sôe a voz da passarada alegre, salta do leito, veste-se, toma a marmita da refeição e o almocafre e lá vai, atravéz dos caminhos humidos, direito á mina. Chega. Já o espera a caçamba que o ha de sepultar no ventre sombrio da nascente rica.

Ao descer, á luz tremula da lampada, encadeam-se-lhe os olhos ao fulgor dos muros betados de pyrite. E' como se elle fosse por um poço de encanto, conduzido á residencia de fadas. Salta, toma o rumo da sua galeria, busca o filão e eil-o a brocar a pedra. Só á tarde regressa ao ar livre e já encontra a paisagem esfumada pelas nevoas crepusculares.

Recolhe á casa, fatigado, onde o esperam o alimento parco e, não raro, soffrimentos e miserias. E o coitado pensa no seu dia trabalhoso, na sua vida de angustia e nas riquezas extrahidas da terra. Quanto ouro terá elle trazido do antro tenebroso e

por onde andará? Será a joia, será a moeda que tudo compra e assim esplenderá nas cidades em palacios e alfaias, em Arte e sumptuaria elegante; será a força nos mares, a vida fabril, commercial nas cidades; será o gozo, será o conforto, será a abundancia, será o poder — o seu ouro.

E elle, misero, que tem? as mãos encallecidas, as vestes remendadas, a esposa enferma, os filhos quasi nús, a palhoça a oscillar nos esteios, a despensa vasia e um resto de ramalho á beira do fogão, elle, o lavrador da fortuna.

A Camara attende a todos os pedidos. Fazendo os orçamentos abre o thesouro a todas as reclamações. Todas as maravilhas da cidade foram feitas com o seu voto, não se moveu um tijolo, não se bateu um arrebite de couraça, nada se fez, emfim para a belleza, para a força, para o progresso do paiz sem a doação da sua generosidade e a manirrota ahi jaz na miseria, chafurdada, refocilando no atascal, como os companheiros de Ulysses na ilha de Circe. *(Muito bem)* Decidamo-nos, Srs. deputados da nação! é necessario, por decencia e decoro nosso e por honra do paiz que representamos, que nos libertemos do esterquilinio. Não se diga que a Lei precisa de adubo sordido para dar a sua flor de justiça—tambem o sol fecunda, tambem o ar revigora, tambem na leira pura medram as boas sementeiras.

Não adiemos para mais tarde o que já devia estar feito. Abandonemos ao camartello o que não deve ficar de pé contrastando vergonhosamente com

o que a civilisação exige. Saiamos da caverna immunda. Um paiz como o nosso não póde ser governado por traglodytas. *(Bravos. Muito bem, muito bem. Palmas no recinto e nas galerias. O orador é muito cumprimentado.)*

NA SESSÃO DE 30 DE AGOSTO DE 1910

O SR. COELHO NETTO — Sr. Presidente: Neste paiz de claridade offuscante o crepusculo desce de improviso: ainda ha calor de sol e é noite; nuvens doiradas fulgem no poente e já estrellas scintillam espalhadas no céu. Não ha a doce transição do esmaecer da luz—o sol abeira-se do occaso e transmonta de um salto.

Este phenomeno é proprio das regiões tropicaes e, como se dá na natureza, reflecte-se nas almas.

O dia é uma fulguração que deslumbra e do esplendor passa-se instantaneamente á treva.

Tanto que vive um homem de genio tudo é festa em torno delle: tapeçam-lhe o caminho para que pise, cercam-n'o de afagos e um côro de acclamações acompanha-o a toda parte; morre, ainda o cadaver não esfriou de todo e já a indifferença desce como sombra nocturna sobre a memoria dos que mais o enalteceram.

A morte de Joaquim Nabuco, luto de hontem, é já refugo no esquecimento. Emtanto, na terra alheia, onde elle cahiu, ainda vive a saudade e as manifestações de pezar continuam como lampadas

accesas em volta do feretro. Aqui o cirio teve um brilho ephemero.

Não teria sido mais sentida a perda de um dos filhos illustres da grande nação formada pelos puritanos do que foi a do hospede amigo que nella viveu, tão na intimidade da sua familia como se della fosse, não um conviva, mais um dos membros e dos de mais estima. Quando correu a noticia de que parára o rythmo daquelle coração, que pulsára pela Humanidade, uma syncope dolorida tolheu a actividade da grande capital laboriosa e viu-se desfilar ante a Embaixada Brasileira a população commovida dos manipuladores de ouro, como se ali jazesse inerte um dos patriarchas da raça que o pavilhão das estrellas illumina.

E a cidade quedou num *stabat* surprehendente e foi como Mãi que ella conservou no seu girão o corpo immovel do que terminára o seu destino humano.

Os Americanos procuraram honrar o despojo de Joaquim Nabuco de modo a commover-nos pela piedade religiosa e pela delicadeza affectiva. Quasi estou em dizer que, se consentiram em ceder-nos o corpo, foi porque delle receberam a alma no halito derradeiro.

E a piedade foi mimosa na hora da partida. O hiate que tirou da terra, no primeiro transito, o corpo para leval-o á nave que o esperava foi o *May Flower*.

Esse nome relembra o barco pequenino que conduziu de Delft a familia de puritanos fundadores

das cidades grandes e poderosas do continente sideral.

Foi como se a arca da tradição nacional sahisse do ancoradouro da historia para essa missão de amor.

Não me lembro, Sr. Presidente, de haver jámais visto navios da esquadra americana, de outra côr senão brancos — vogando em mar alto, eram como bancos de neve correndo ao som do vento.

O que aqui está, hospedado nas aguas da bahia, veste de luto, como esquife.

O guerreiro cobriu-se de crepe para trazer ao collo o corpo amado.

A vigilia atravéz do oceano não foi jámais interrompida — dia e noite, respeitosamente, officiaes e marujos do *North Carolina* guardaram o relicario na camara funerea e, na solidão das aguas, quem visse os dois navios formidaveis, seguindo no mesmo rumo, em sahimento, tomaria, de certo, o negro como o mais ferido e vendo-o como feretro lamental-o-ia. Entretanto o que o acompanhava, nesse é que a dôr era irreparavel por ser a de uma saudade eterna.

Alva era a esteira que ficou nas aguas, desde Hampton Roads até a Guanabara, sulco arado pela força commovida, que ha de ser um élo de amor a ligar-nos pela gratidão e por todo o sempre ao colosso que se prostrou de joelhos, em preces e em lagrimas, ante o ataúde de um dos herées pacificos da nossa Patria.

Já a terra natal tomou a si o que lhe pertence e ainda os da America falam com saudade

do amigo que se partiu e lamentam a sua ausencia e deploram a extincção do seu claro espirito.

Peço licença para ler um telegramma que veiu hontem publicado no *Jornal do Commercio: (Lê).*

**Washington, 28* — Hontem, na inauguração do palacio para a Secretaria Internacional das Republicas Americanas, o Senador Elihu Root terminou o seu discurso pelas segintes palavras commovidas:

«Uma voz aqui se devia fazer ouvir hoje, que está silenciosa. Mas muitos dentre nós não podemos esquecer nem deixar de chorar e de honrar o nosso caro e nobre amigo Joaquim Nabuco. Embaixador do Brasil, decano do Corpo Diplomatico americano, respeitado, admirado, amado e seguido por todos nós, cuja confiança conquistara, elle era a figura dominante do movimento internacional de que faz parte a creação deste edificio. A largueza da sua philosophia politica, a nobreza do seu idealismo, a visão prophetica da sua imaginação de poeta eram nelle unidos á sabedoria e sagacidade pratica de homem de Estado, a um sympathico conhecimento dos homens e a um coração sensivel e affectuoso como se fosse uma mulher. Elle acompanhou o projecto e a construcção desta casa com o maior interesse.

A sua influencia benefica exerceu-se sobre todas as nossas acções. Nenhuma benção póde ser pronunciada sobre esta grande instituição, tão rica em promessas no futuro, que valha o desejo de que perdure a sua memoria ennobrecedora e que o seu

espirito civilizador se mantenha e domine nos conselhos da união internacional das republicas americanas.»

E o ex-presidente Roosevelt, em conversa, em Paris, com o Sr. Jusserand, embaixador da França em Washington, depois de elogiar o talento e o caracter do nosso eminente patricio, disse, segundo refere o *Jornal do Commercio* em telegramma de Paris, publicado no seu numero de hoje:... «E só a idéa de que, ao regressar aos Estados Unidos, não mais verei Joaquim Nabuco, causa-me profunda tristeza».

Isto... lá fóra!

Aqui o esquecimento veiu... com a mesma pressa com que vem o crepusculo. Ainda as hervas não reverdeceram a cova e já nas almas a indifferença escureceu a lembrança, entretanto o navio ainda ahi está, de luto, recordando com o seu lugubre silencio o recado a que veiu.

E' uma lição que nós dá com a eloquencia dos symbolos.

O navio ahi está, mas a celeuma começa a bordo. Não tarda que a ancora se desprenda das areias que a envolvem e a prôa se faça de fito á barra em rumo á Patria.

Senhores, substituamos a reliquia que nos foi trazida por um preito aos que nol-a entregaram.

A America não procedeu nesse transe guiando-se pelo protocollo, senão ouvindo o proprio coração.

Não queiramos dar prova de indifferença — ha inercias que deslustram.

Povo infante, não pareçamos lerdos, como decrepitos, nem se diga que sahimos do berço já vergados para o tumulo, sem a virtude que faz as nações heroicas, que é o enthusiasmo que se manifesta em bravura, que se traduz em affecto, em amor, em summa.

Que desta casa se fale á Grande America dizendo a gratidão commovida da nossa alma pela prova meiga de solidariedade com que se associou comnosco, fraternalmente e chorando, ante o corpo daquelle que foi, pelo talento e pelo coração, não um méro representante diplomatico do Brasil, mas o proprio genio da America do Sul, integrado no coração da America do Norte.

— Em seguida o orador leu um requerimento pedindo que fosse enviada uma mensagem ao Congresso Federal da America do Norte manifestando cordiaes agradecimentos pelas homenagens prestadas a Joaquim Nabuco.

Na sessão de 6 de Setembro de 1911

O SR. COELHO NETTO — *(Movimento de attenção)*— Sr. Presidente, venho hoje á tribuna por vocação da alma. Ardia, ha muito, no intimo do meu espirito, um desejo de justiça e a hora de o satisfazer soou. Entro por ella festivamente entoando louvores ao digno Ministro da Agricultura pela acção generosa iniciada por S. Ex. em favor das florestas.

Cruzada verdadeiramente augusta é essa cujo pregão resôa. Voto aos ceus para que elle seja ouvido de todos, penetre fundo e commova os corações. Só assim cessará o crime—que põe em risco a Patria—do homem ambicioso ou rude contra a arvore.

Bem haja o estadista que sahe protestando contra o excidio e invoca o patriotismo dos homens em defesa da terra enfraquecida com o arrasamento das selvas. A minha voz é fraca...

O SR. JOSE' CARLOS—Muito competente e vem muito a proposito.

O SR. COELHO NETTO—... quero, porém, que sôe no côro de louvores ao ministro e que seja ouvida entre as que protestam contra o attentado barbaro dos devastadores da Patria. *(Muito bem)*.

Emquanto o machado rechina nos troncos e as labaredas fazem crepitar a folhagem enlutando de fumo o recesso virente, o homem não dá pelo mal, tão ávida é nelle a cubiça, que só para o lucro tem olhos. Ai! delle... a floresta vinga-se morrendo: onde cahe esplana-se o deserto... e os espectros das florestas mortas são a fome, a sede, a enfermidade, os cyclones, as inundações...

No *O Paiz* de hoje vem publicada a «Introducção ao relatorio do Ministro da Agricultura» e um dos seus topicos refere-se á necessidade urgente, inadiavel, de garantir as florestas. S. Ex. renova um culto formoso, restabelecendo uma medida de salvação publica. *(Pausa)*.

Lancemos um olhar ao passado e, roteando-nos pelos poetas, procuremos as florestas primitivas, onde eram mais viçosas:—nem vestigios de troncos, nem versas, nem raizes—tudo é arido e nú e, como uma lapide sobre tumulo, a cham exsiccada estende-se desoladamente.

Os antigos consideravam as florestas como bens sagrados e prestavam culto á arvore, reconhecendo-lhe a Bondade remuneradora.

Refolhai-vos em Michelet, subi a encosta verde desse livro «La montagne», e encontrareis a arvore cercada de offerendas, desde a que nasce nas achadas asiaticas até a que se desenvolve providencialmente nas barrancas dos Alpes, entre os gelos.

A Grecia enchia os seus bosques, que eram densos, dum povo de deuses: eram templos oraculares como Dódona e Eleusis; eram centros de

poesia como na Thracia orphica; eram asylos de encantos como os recessos obscuros das carvalheiras da Thessalia; eram diversorios de saude como os recantos virentes do bosque de Epidauro.

Na floresta reuniam-se os deuses, e trebelhavam as nynphas e cada arvore tinha, para garantil-a, uma hamadryada e assim, pela incorporação da divindade no vegetal, a floresta tornava-se augusta como uma ante-camara do Olympo e o homem, atravessando-a, parava, ás vezes, num terror sagrado, ao ouvir o sussurro dos ramos como se nelle reconhecesse a voz dos entes silvanos, pronunciando augurios.

A destruição dos bosques sagrados, diz Eugene Delettre, era a maior punição que podia ser infligida a um povo ou aos habitantes de uma cidade. Alexandre, o Grande, querendo vingar-se de uma antiga familia de Mileto, que se estabelecera na Bactriana, fez arrasar os seus bosques sagrados, extirpando do solo as menores raizes, querendo assim tornar o sitio devastado uma immensa e esteril solidão.

Se a Grecia defendia as suas florestas com a religião, Roma defendia-as com a lei. Ancus Martius, 4º rei de Roma, foi o primeiro que integrou as florestas no dominio publico. Até a segunda guerra punica ellas foram consideradas propriedade exclusiva do Estado, fazendo parte do «Ager publicus». Com a decadencia as leis afrouxaram e o proprietario territorial, possuidor de «latifundios», atacou as mattas, inaugurando a devastação.

Os proprios barbaros olhavam com enternecido amor a silva natal. Na floresta celebravam as ceremonias do culto sangrento, nellas refugiavam-se em caso de guerra—e assim tinham-nas como templo e homisio. As suas divindades como Hertha, Hesus, e as nornas assentavam-se á sombra de arvores e, quando o christianismo expulsou dos bosques os deuses truculentos, os homens substituiram-nos por genios e fadas e os lucos, onde outr'ora reuniam-se os numes tragicos, aclararam-se floridos e alegrados com a presença de Viviana e de Merlin, de Oberon, Melusina e outros.

Com a devastação das mattas começou o perecimento de regiões ferazes. Onde jazem as riquezas pingues do Septa Sindú, a região regadia, cuja fertilidade transbordava tão abundante que as proprias rochas tinham verdura, as proprias areias tapeçavam-se de musgo fresco e os pastos eram tão altos e fartos que os animaes gigantes iam por elles arrebanhados ás centenas sem que o homem désse pelos seus corpos? Que é feito das florestas do Ramayana onde os «rishis» sonhavam?

Que é das aguas do Achelôo, tão copiosas no seu curso largo e todo elle soante da voz encantadora das sereias? Esse Eurotas minguado, que deflue entre margens seccas, pedregosas, sem vige de herva, nem lembra, sequer, o antigo rio que reflectia na sua limpida corrente arvoredo robusto e cidades gloriosas.

Onde corre Selemno que os homerides celebram? E esse Alpheu, que hoje é um arroio es-

casso, nem sombra é do que circula nos hexametros da Idade de ouro. E os 3.000 rios de que fala Hesiodo?

Que é das fontes do Parnaso e do Helicon, Castalia e Agánippe, sempre sonóras de vozes e lyras, porque á beira das suas aguas, borbulhantes de inspiração, as musas reuniam-se presididas por Apollo? Perguntai por tudo á terra núa, terra que o homem despiu das arvores divinas. Cidades que viviam prosperas na visinhança aromal dos bosques desappareceram com elles e o homem fugiu ás ruinas como os passaros emigraram com a desmonta.

Lêde no livro sagrado a descripção opima de Chanaan, ambição de Israel. Vêde a chegada dos emissarios do povo errante que tornam ás tendas curvados ao peso dos cachos d'uvas e dos panaes de mel. Ouvi a descripção que fazem da abundancia do paiz recortado de rios e comparai o relato do texto antigo com a desoladora miseria do presente.

Ahi está Chanaan, é a Palestina. Do leito dos rios caudalosos ha apenas o sulco areento, estalando em abertas ao sol, entre rochas. Tudo desappareceu com a morte das florestas, onde os pastores do patriarchado não consentiam que as ovelhas penetrassem, temendo as féras que se enlapavam nos antros. Nem as feras resistiram e só persiste a aridez inclemente, onde o cardo angustiado retorce os galhos á margem escalavrada do leito das torrentes, e, aqui, ali um sycomoro solitario. Terra morta!

Tout peuple meurt, aprés que ses grands bois sont morts.

Acheguemo-nos á época mais recente, busquemos povo mais intimo. Vejamos a França, que sempre tem sido o nosso exemplo.

Reinava Luiz XIV quando o grande Colbert, alarmado com a destruição das mattas do reino, pronunciou, como um agouro funesto, as celebres palavras: «la France périra faute de bois».

A necessidade de acudir ás arvores tornou-se uma idéa fixa no espirito esperto do estadista. Presto, sem adiar de um dia a acção que reputava de salvação nacional, appellidou competencias e, com ellas, redigiu a ordenação de 1669 que, durante mais de cento e cincoenta annos, serviu de codigo florestal á França.

Não era, como é facil imaginar, uma lei perfeita, todavia foi uma defesa, ainda que muitas vezes frustrada pelos proprietarios de terras silvosas e pelo lenhador furtivo.

E os homens guardavam respeito á arvore poupando as que a marinha requeria para as suas construcções, as que protegiam o berço das aguas, as que se prestavam ás manufacturas de arte, senão por amor, pelo receio da lei que os ameaçava com a severidade das penas.

No periodo revolucionario a devastação assumiu proporções de excidio vingativo. O camponio, diz Michelet, entrou furiosamente pelas mattas feudaes e derrubava um pinheiro para fazer um tamanco. Era a represalia do vilão contra o senhor. As victimas do feudalismo vingavam-se das riquezas dos nobres destruindo-lhes a melhor fortuna.

Luiz XVI, já enfraquecido, tentou salvar os bosques, pondo-os sob a protecção das municipalidades.

A furia continuou, talvez mais assanhada—os lenhadores iam para a floresta como para batalhas e golpeavam com odio, incendiavam com espirito de vingança e, á queda de um carvalho annoso, devantavam grita triumphal como se houvessem desmantellado outra Bastilha.

A Assembléa Nacional decretou leis de protecção florestal que, apesar de severas, não foram respeitadas pelos rusticos. Só em 1827, durante a Restauração, foi decretado o primeiro codigo florestal impondo restricções sobre o córte das arvores aos proprietarios das terras frondosas.

Eugéne Delettre, Descombes, Boppe, Jolyet e quantos se preoccuparam com o grave problema da desarborização acham insufficiente o codigo florestal e reclamam novas leis que garantam a selva franceza.

Delettre demonstra com a estatistica que o territorio da Republica começa a chagar-se em desertos com a derrubada das mattas, que origina a esterilidade de regiões, outr'ora ferteis, fazendo com que o homem, ameaçado pela miseria, emigre do sólo natal. E diz: «A cifra da população dos Departamentos dos Altos e Baixos Alpes que era, em 1851, de 285.108, cahiu, em 1876, em 255.260 habitantes».

Todas as nações européas, duramente experimentadas e convencidas da necessidade de conservarem

as florestas, mantêm as que possuem resgatando o crime do passado com o replantio, que é feito em larga escala. Não amará as arvores generosas quem não lhes conhecer os beneficios. E' vel-as, cada qual no seu posto, exercendo o seu officio: esta na geleira, contra a neve; aquella, no oasis, contra o sol.

Os pinheiros alpinos montam guarda na montanha onde o inverno parece ter o seu quartel eterno, entre baluartes de gelo. Ali crescem, sempre verdes, nutrindo-se de sol, ás rações escassas. E no periodo mais rispido, quando os ventos desencadeiados levantam o nevoeiro algido, quando as aludes se deslocam abrindo abysmos e descem, rolam, precipitosas e estrondosas fagulhando em crystaes as arvores hirtas, firmando-se nas raizes, sustentam-lhes o choque oppondo-lhes o tronco resinoso, como o corpo dos gladiadores que se untavam d'oleo, e assim salvam da catastrophe as pequeninas cidades, que assentam nas fraldas da montanha onde a neve, desfeita ao sol, chega, não em blocos arruinadores, mas em suaves corregos que volteam crystallinos com um murmurio sereno. Assim a arvore salva as regiões do Friul.

Nos Pyrineus, cujas mattas tanto têm soffrido e nem lembram as que viu a gente carolina quando, por veredas asperas, ao relumbrar do aceiro, subiu seguindo o imperador christão; nos Pyrineus os rios ora mingúam, manando em veios, ora assoberbam-se e crescem indisciplinados, transbordam abarbando com o viso dos rochedos e rolam grossos, mugindo, e passam assoladoramente inundando cidades, como acon-

teceu a Tolosa em 1875. Essa e as recentes inundações de Paris, de Nantes e do Porto só se podem explicar pelo desequilibrio do regimen das aguas provocado pela devastação das florestas. Quero ler aqui um trecho do opusculo do Dr. Lourenço de Baeta Neves, intitulado: «Seccas e Florestas» *(lê)*:

«Para claramente mostrar a influencia das mattas na formação das fontes, ha uma demonstração experimental ditando essa experiencia dada por Gifford Pinchot, que vi repetida nas escolas americanas, onde no coração da criança se incute o amor pelas arvores, fazendo-se com que ella possa, aos poucos, ir adquirindo noções seguras da influencia e valor das mattas. Disse um dia Pinchot, juntando a acção á palavra, em uma assembléa numerosa onde interesses commerciaes, contrariando os seus planos de protecção ás florestas, combatiam sua policia de conservação: «Lançai sobre uma mesa desnudada, a que se dá uma ligeira inclinação, um copo de agua, e vereis que o liquido rapidamente correrá derramando-se pelo chão: repeti a experiencia, depois de haver coberto a mesa com um manto de panno ou de papel chupão, e vereis que a agua se prenderá absorvida pelo manto, só com vagar escoando-se, como se fôra de uma fonte. A mesa representará a vertente do terreno e o manto as florestas protectoras, as quaes salvam das barrentas enxurradas, que destróem as montanhas, obstruindo os valles, as chuvas cahidas, para a formação das fontes de agua crystallina, que são o encanto das serras e a vida das planicies.

Assim se prova a necessidade de protecção immediata ás florestas, como elementos de formação e regularisação dos cursos de agua.»

Nas terras devastadas, impermeaveis pela seccura rija do sólo, quasi petreo, as aguas, não sendo absorvidas, correm em largos lençóes, rebalsam-se em atoleiros e, longe de aproveitarem, fertilizando, apodrecem em tremedaes quando não assolam em inundações.

As observações de Belgrand, entre outras, demonstram inilludivelmente que a desarborisação augmenta a irregularidade do regimen das aguas e a probabilidade das inundações.

De que modo havemos de reparar o mal feito remittindo-nos da culpa do passado? restituindo á terra o que lhe usurpamos. Como? pelo replantio.

Salustio na «Guerra de Jugurtha» descreve a Numidia como uma região safara, calcinada dos sóes, dessombrada, adusta, onde a vida era um supplicio tanto para o homem como para os animaes.

Os romanos, chegando a tal maninho, resolveram tornal-o supportavel e, como bons conhecedores das leis agrarias, logo despindo as armas, entregaram-se ao trabalho arval, plantando no vasto campo arenoso milhares de oliveiras.

A arvore de Pallas tornou o páramo em horto, fez do deserto um eido acceitoso e aguas logo abrolharam refrescando a antiga adustão e onde reinava o silencio triste resoaram gorgeios, responderam-se vozes de animaes sociaveis, houve flores e frutos e cresceram cidades.

Mas os arabes passaram á redea solta e as oliveiras morreram sob as patas dos ginetes ardegos.

O sol, achando a terra descoberta, voltou a queimal-a: estancaram-se as fontes e o deserto reappareceu arenoso e calido, rastejado de viboras, com as ruinas das cidades rememorando melancolicamente um fastigio ephemero.

Os franceses, senhores da Tunisia, imitaram os colonizadores romanos, plantando 70 kilometros de olivaes e o escampo fez-se verde, alegrou-se, povoou-se. A' sombra das arvores pacificas, achegam-se vivendas, pascem rebanhos, gottejam fontes, proliferam ninhos e o homem semêa e colhe abundantemente.

E' assim que a terra responde aos que a acariciam.

Os Estados Unidos, cujas florestas tanto soffreram no inicio da grande vida «yankee», não só mantêm grandes reservas florestaes, principalmente na região das Montanhas Rochosas, como replantam aos milhões em todos os departamentos.

Os cuidados crescem dia a dia e com tamanho empenho que um dos Estados da grande Republica, o da Luiziania, mantem um ministerio das florestas, afim de attender á conservação das mattas existentes e ao replantio.

Nós que somos o povo do deixa andar, que nos embalamos nos braços da Providencia, que só nos preoccupamos com o sol que brilha sem nos lembrarmos da noite vindoura; nós, que vivemos de esperanças alardeando jactanciosos que possuimos uma

natureza incomparavel, que a nossa terra é um manancial perenne; nós, infelizmente, começamos a sentir que o manancial exgotta-se e já nos levantamos para esperar, de pé, a miseria que se annuncia.

A devastação das florestas brasileiras é crime que se pratica desde tempos immemoriaes.

«Temos sido um agente geologico nefasto e um elemento de antagonismo terrivelmente barbaro da propria natureza que nos rodeia.

E' o que nos revela a historia. Foi a principio um mau ensinamento do aborigene. Na agricultura do selvagem era instrumento proeminente o fogo. Entalhadas as arvores pelos cortantes «dijis» de diorito, e encoivarados os ramos, alastravam-lhes por cima as caitaras crepitantes e devastadoras. Inscreviam depois em cercas de troncos carbonisados a area em cinzas onde fôra a matta vicejante, e cultivavam-na. Renovavam o mesmo processo na estação seguinte, até que, exhaurida aquella mancha de terra, fosse abandonada em «caapuera», jazendo dali por diante para todo o sempre esteril, porque as familias vegetaes, renovadas no terreno calcinado, eram sempre de typos arbustivos, diversas das da seiva primitiva. O selvagem proseguia abrindo novas roças, novas derribadas, novas queimas e novos circulos de estragos; novas capueiras maninhas, vegetando tolhiças, inaptas para reagir contra os elementos, aggravando cada vez mais os rigores do proprio clima que as flagellava—e entretecidas de carrascaes, afogadas em macegas, espelhando aqui o facies adoentado da «caatan-

duva» sinistra, além a bravesa convulsiva das «catingas».

Veiu depois o colonizador e copiou o processo. Aggravou-o ainda com se alliar ao sertanista ganancioso e bravo, em busca do selvicola e do ouro.» (*)

Eis o quadro. E não ficou nisso.— a pintura feita pelo grande artista dos «Sertões» podia continuar e sempre no mesmo tom, senão mais rubra, em detora e incendios, até os dias de hoje.

Algumas cartas régias sahiram como empeços á barbarie, mas até aos sertões era difficil chegar o appello, a ameaça não intimidava o homem que se mettia ás brenhas, como senhor da natureza, escravisando-a nos seus incolas, destruindo-a nas suas frondes.

Uma voz alta e sempre bem ouvida levantou-se a favor das florestas, foi a de José Bonifacio, que tinha em tanta estima a Patria, e não só buscava garantil-a contra os que a ambicionavam, como, lançando a vista longa ao futuro, annunciava, em tom prophetico, as grandezas e as miserias que a esperavam.

José Bonifacio falou verdades que, infelizmente, se realizam. Transcrevo de uma carta que enviou ao Sr. Ministro da Agricultura o Exmo. Sr. Dr. Toledo Piza, nosso ex-ministro em Paris, o trecho extrahido da «Memoria sobre a escravatura no Brasil», da lavra do patriarcha. Diz elle:

(*) E. da Cunha — "Contrastes e confrontos".

«que as nossas mattas, preciosas em madeira de construcção civil e nautica, estavam sendo destruidas pelo machado assassino do negro e pelas chammas devastadoras da ignorancia. Os cumes de nossas serras, fonte perenne de humidade e fertilidade para as terras baixas, e de circulação electrica, estavam sendo escalvados e tostados pelos ardentes estios do nosso clima. Precisamos conservar, como herança sagrada para a nossa posteridade, as antigas florestas virgens, que pela sua vastidão e frondosidade, caracterisavam o nosso bello paiz.

A natureza fez tudo a nosso favor; nós, porém, pouco ou nada temos feito a favor da natureza. Nossas terras estão ermas; nossas preciosas mattas vão desapparecendo, victimas do fogo e do machado destruidor, da ignorancia e do egoismo; nossos montes e encostas vão-se escalvando diariamente e, com o andar do tempo, faltarão as chuvas fecundantes, que favorecem a vegetação e alimentam nossas fontes e rios, sem o que, o nosso bello Brasil, em menos de dois seculos, ficará reduzido aos páramos e desertos áridos da Lybia. Virá então esse dia (dia terrivel e fatal), em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros commettidos.»

O dia não se demorou em vir: eil-o chegado e trazido pelo homem, escravo da cubiça. Pouco tenho andado na Patria, mas já vi o que baste para julgar do desamor e da incuria imprevidente do nosso povo.

Visitando o Pará em 1899, levou-me a curiosidade ás margens do rio Prata, séde da catechese dos

Tembés. Para chegar a esse nucleo de civilização christan tive de atravessar a famosa floresta de Jambuassú, toda, ou quasi toda, de vinhaticos. Amanhecia quando cheguei á orla do antigo bosque e logo meus olhos pasmaram commovidos ante o triste espectaculo que se lhes deparava: o de uma derrubada monstruosa. A selva jazia em terra como se um cyclone houvesse passado prostrando todos os colossos.

Estavam uns sobre outros, em pontos formavam pilhas como appostos para fogueira, uns já seccos, outros ainda com as franças verdes. Sentia-se o cheiro da seiva desangrada.

A vereda estava coberta de cavacos verdes, cascas ainda humidas, galhadas floridas — pobres flores! No fundo do bosque persistente, em rythmo cruel, o machado resoava funebre e os lenhadores cantavam. De instante a instante atroava um alarido — homens dispersavam-se em fuga: um estrallo fremia, crescia o estrondo — um tronco soberbo inclinava-se coroado de folhas e cahia fragorosamente como um gigante ferido.

A floresta, um momento, echoava dorida—era o canto de morte das arvores. Aves esvoaçavam espavoridas atitando de colera ou piando de magua. Só o homem continuava indifferente. E o machado feria.

E toda a floresta tombou. Os tóros foram queimados e, onde havia uma grandeza, como as que enthusiasmaram a Buckle, ficou o raleiro coberto de mortualha, hoje esterilidade, ao certo.

E para que tamanho roçado? para satisfazer a exigencia de um agente de immigração, aliás conhecido como falcatrueiro, que se compromettera a installar algumas familias de agricultores italianos se o governo lhe garantisse terras virgens para semeadura.

Deferiu-lhe o governo o pedido sacrificando a floresta e as familias de colonos... nunca appareceram nos vageiros da antiga matta de Jambuassú.

Um indio, que me guiava naquelle labyrintho verde, relanceiava olhares entristecidos em torno. Lamentava a destruição: era o ninho que ali jazia desfeito, o recinto sagrado, a selva maternal querida. E' o selvagem parou um momento, respirou forte e, curvando-se, partiu a correr como fugindo ao horror, á tristeza, á crueldade, á morte.

Que lucro adveio dessa depredação? a mirrada esterilidade.

Esse rio Prata, tão limpido sob o docel das arvores recurvas, esse rio onde eu vi tantas crianças brincando, nadando, mergulhando, a esta hora talvez não dê agua bastante á sêde de um passageiro e a pouca que lhe resta, empoçada em nateiro, será lodo escuro e nojoso, como a dos marneis.

A margem brasileira do Iguassú—digo a brasileira porque a argentina é uma reserva da Republica e verde, densa, formosa contrasta com sua opposta, que é uma derrubada...

O SR. JOSE' CARLOS—E' verdade.

O SR. COELHO NETTO—...a margem brasileira do Iguassú desnuda-se. Vão-se-lhe os troncos

que a tornavam soberba, rolam as frondes altaneiras e, a pretexto de povoamento e lavoura, um syndicato americano vai devastando e vendendo não só a belleza como a saúde da região. Mais tarde, os que quizeram dizer da exuberancia da selva naquelle rincão do Brasil não precisarão de recorrer ás chronicas, mas, apontando a floresta argentina, na margem opposta, bastará que digam: a nossa, que foi sacrificada, era irman daquella.

O Rio Doce, que, dantes, corria á sombra de jacarandás robustos, desce hoje a descoberto e, dentro em pouco, correrá dessorado, porque os veios que lhe pagavam tributo vão, pouco a pouco, seccando nos leitos, que são covas.

O Parahyba, tão majestoso nos livros do Passado, que é hoje? um rio mesquinho, eriçado em pedras como um corpo entrezilhado, cuja ossaria resalta á flor da pelle.

O Rio das Velhas...

Esse, perlonguei-o eu em companhia de um poeta que a Politica conquistou para ornamento desta Casa: Augusto de Lima.

Conversavamos quando, em um dos meandros do rio, eis surge uma criança—pára um momento, olha em torno, e, afoitamente, resolvida, mette-se á agua e vadêa-a. E o poeta lamentou: «Pobre rio da minha terra! Menino, quanta vez, sentado á sombra das arvores, fiquei-me a olhar a sua correnteza. Quem ousaria vadeal-o então! Era largo, tumido, chegava á barranca lambendo as raizes, acariciado pelas ramas acenosas do arvoredo feliz que o enfeitava. Barcos

desciam por elle carregados de fardos sertanejos; vapores cruzavam-no bufando fumo e as caipirinhas corriam ás ribas attrahidas pela voz das sereias. Era um rio navegavel! Agora, ahi vai miserrimo, arrastando-se como um doente, magro, mostrando as areias do fundo, tão raso em alguns pontos que se abostella de insuas, tantas, tão pequeninas que parecem tartarugas adormecidas á flor da agua. Pobre rio! As florestas morreram e elle, sem alimento, inanido, perece. E, assim como este, quantos outros mingúam, só resurgindo de improviso, e impetuosos, com os aguaceiros e então vingam-se em assolações. O lenhador que abate uma arvore faz muitas victimas de um só golpe. Não é só o vegetal que morre, tambem morre a agua, e vai-se a força da terra, que é a fertilidade. Palavras de poeta, prophecias.

Felizmente, á guiza do que se faz na America do Norte, alguns amorosos da Natureza lembraram-se de consagrar um dia do anno, de preferencia neste mez primaveril, á festa das arvores e foi commettida á criança a responsabilidade suave de renovar a flora plantando, cada qual, ao som de um hymno, uma arvore que crescerá com ella, florindo no tempo da adolescencia, abrindo sombra ao homem e agasalhando sob o pallio verde o ancião que, repousado no abrigo rescendente, recordará o dia da infancia em que entregou á terra aquelle deposito que lhe dará, na velhice, a renda do seu carinho e ficará no mundo como um vestigio da sua passagem pela vida.

A' festa das arvores, instituida em 1872, devem os Estados Unidos mais de 327 milhões de arvores e

na Hespanha, em um só dia, foram plantadas pelas crianças 78.532 arvores. E assim vai a infancia resgatando o crime do Passado, restaurando as forças da terra e refazendo-lhe a mocidade.

A Argentina, tão cuidadosa de si, prepara-se para celebrar o dia de Flora.

Afortunadamente alguns Estados do Brasil adoptaram o formoso exemplo americano e commemoram o dia da arvore.

O primeiro que enxameou o campo com os alumnos das escolas foi o Estado de S. Paulo. Em 1902, por iniciativa do Dr. João Pedro Cardoso, celebrou-se em Araras a primeira festa das arvores e, todos os annos, não só na capital como em varias cidades do Estado, as crianças, em alvoroço jocundo, devolvem á terra materna o que lhe foi extorquido preparando novos dias de fortuna e delicia para a Patria.

O Rio Grande do Sul realizou, com alegria igual, o mesmo culto e o canto dos graciosos plantadores é um hymno que sôa, não só nas escolas das cidades, como nas ramadas humildes da campanha onde, entre figueiras e laranjaes, a escola pampeana distribue instrucção aos gauchitos.

Aqui tambem já deu messe o exemplo, infelizmente, porém, os iniciadores não perseveraram e a data vernal cahiu em olvido.

Os propagandistas do replantio são hoje numerosos, mas os precursores devem ser nomeados por justiça e gostosamente proclamo-lhes os nomes,

louvando-os como bemfeitores que evangelizaram a doutrina de amor, que parece victoriosa.

São elles o sabio Dr. Pereira Barreto, amigo da natureza, o Dr. João Pedro Cardoso e o Dr. Lourenço Baeta Neves, defensor das florestas e pregoeiro da lavoura secca que tão bons resultados tem dado nos Estados Unidos.

Quando aqui esteve o Sr. Georges Clemenceau, em conversa que manteve com varios membros desta Casa, alludindo á necessidade da protecção ás florestas, disse: «Tendes um bello paiz, noto, porém, que lhe destroem as florestas. E' um crime. E, voltando-se para o Sr. Irineu Machado: O senhor, que parece animado de tão forte espirito de opposição, porque não se oppõe a essa destruição criminosa?»

Agora é o Governo que toma a iniciativa patriotica de garantir as florestas e o digno Ministro da Agricultura, com empenho que não esmorece, não só demonstra em publicações a necessidade de cuidar, com zelo, das mattas existentes e de cobrir d'arvores as terras devastadas como, á maneira de Colbert, constituiu uma commissão de competentes, encarregando-os da redacção do Codigo florestal, ha tanto reclamado. E mais—dirigiu um appello aos Estados pedindo a concessão ao Governo Federal das terras desertas e devolutas, para nellas serem creadas as reservas florestaes.

Até hoje, só dois Estados responderam ao reclamo do Ministro e a devastação continúa aqui, como em França, porque o proprietario entende que o seu direito deve sobrepujar o da Nação e ao seu

interesse sacrifica o bem geral, sem que lhe tomem contas do crime que pratica.

Impõe-se a necessidade da intervenção da lei, porque assim como ella obsta á desmandada dissipação do prodigo e refrêa os desatinos do impulsivo, bem póde oppor-se ao que, por avidez de lucro, assola uma região.

O replantio realiza milagres que maravilham. Não falarei das terras ferteis onde é natural que revicem as plantas, mas dos terrenos safios que hostilizam a sementeira e matam-na.

O homem porfiando vence a aspereza, transformando o trato mais agro em leira sadia.

As dunas da Gasconha, para que os ventos não as espalhassem pelas terras lavradias, arrearam-se de verdura, e de asperas que eram e núas tornaram-se em collinas verdes, fixando-se no solo. Foi Bremontier, em fins do seculo XVIII, o primeiro que pensou em tal.

Quem vai ao Norte vê, alongando os olhos do mar pelo littoral alvejante, as areias, ora lisas em lençóes, ora ondulando em pomas pelas terras a dentro. Os ventos levam-nas, espalham-nas, forram de branco as campinas e onde o areal se estende não brota a herva—a planicie assume o aspecto desolado de um leito de rio ou de um fundo de mar, como se o oceano, preparando a conquista, fosse assoalhando a terra para, mais tarde, invadil-a com as suas ondas avassaladoras. E as dunas e os taboleiros arenosos transformar-se-ão em col-

les e em veigas: ponto é querer o homem, domador da natureza.

Replante-se e virão dias ricos e o futuro, que se nos antolha tragico, perderá a feição tristonha e sinistra vindo-nos suave e fertil, para encanto nosso e riqueza da terra.

Replante-se, mas com tempo—a arvore cresce vagarosa e onde se derruba um tronco só os annos farão viver outro que o substitúa.

A administração da Companhia Paulista, accusada de haver devastado as florestas marginaes da sua linha extensa, substituiu-as plantando milhares de eucalyptus e hoje quasi se não percebe o mal feito. Mas é preciso não perder tempo—o vasio que as arvores deixam no terreno não se enche entre dois sóes, como affirma o poeta:

Car des vides pareils sont lent á se combler:
Les geants ne foisonnent guére;
Telle grandeur n'a mis un instant á crouler
Qui met un siécle á se refaire.

E continuamos a proclamar a opulencia da nossa natureza... Dentro do perimetro urbano temos o que basta para attestar a nossa desidia. Os montes, dantes tão verdes, cobertos de arvoredo espesso, mostram a ossada de pedra. De quando em quando um delles apparece aureolado de chammas, como o Sinai. Não é Deus que accende a pyra em que se hade manifestar; a sarça ardia sem queimar-se. Não acontece o mesmo com a mouta alpestre que,

no remittir das labaredas, apparece arrasada em cinzas. Os carvoeiros queimam para seu negocio, os capineiros lançam fogo aos arbustos para aproveitar o terreno que transformam em leira de pastura. E assim a montanha encalvece, as collinas perdem a sua belleza, e a agua, que Moysés chamava «a benção das montanhas» deixa de manar das nascentes.

O fogo sobre devastar resecca, esterilisa o terreno. Ao philosopho Démonax lembrou-se alguem de perguntar: «Em mil minas de lenha queimadas quantas minas haverá de fumaça? Pesa a cinza, respondeu o philosopho, e o que nella faltar será o peso da fumaça».

Vai-se em fumo o arvoredo, ou como se dissessemos: a riqueza, a saude, a belleza da terra.

O SR. JOSE' CARLOS—Eu, pelo menos, não cesso de protestar contra isso, porque sei o resultado, funesto para o paiz, de taes attentados.

O SR. COELHO NETTO—Um dos estrangeiros que, ultimamente, nos visitaram, notou a tristeza da cidade, vasia de passaros. Passaros, ai! delles, ou são perversamente perseguidos pelos caçadores ou abalam remontando ao sertão, por falta de bosques onde se agasalhem.

Será ainda preciso insistir nos louvores á floresta? Será ainda necessario dizer da sua generosidade?

A floresta acompanha-nos com mais fidelidade do que a sombra: toma-nos ao entrarmos na vida, é o berço; desce comnosco á morada eterna onde a alma não penetra, é o esquife.

A floresta géra as fontes, mãis dos rios; doma a colera dos ventos, purifica a atmosphera; dá-nos a essencia e o balsamo e os seus troncos prestam-se a todos os mistéres: são as columnas do lar, a ara do templo, a quilha da nau, o carro das ceifas, o movel domestico, a haste da lança, o estylo da penna, tudo.

E mais — e nisso é que se vão consumindo as florestas — só o papel exigido pela voracidade dos prelos leva o melhor dos bosques e assim é ainda a floresta que põe em communicação as almas, é na fibra dos lenhos que o genio poetico das raças grava os seus sonhos e a sciencia registra os seus inventos e onde o poeta inscreve uma estrophe outr'ora cantou um rouxinol — que o papel de hoje foi hontem ramo verde.

Lembrai-vos dos nazires hebreus que não podiam cortar os cabellos sob pena de incorrerem em peccado. Samsão, cedendo ás seducções de Dalila, confiou-lhe o seu segredo e com as madeixas que lhe cahiram perdeu a força, entregando-se vencido nas mãos dos philisteus. A terra é como os nazires e os seus cabellos são as florestas—cortai-lh'os e vel-a-eis perdida. *(Muito bem).*

Diga Ovidio a ultima palavra sobre o assumpto, encerrando este discurso:

«Erisichton, da Thessalia, era homem de coração impiedoso. Offerenda de seu voto nunca apparecera em altar. Indifferente a Ceres, foi a um bosque que lhe era consagrado e, descobrindo um carvalho annoso, coberto de oblações, logo resolveu

derrubal-o. Chamou escravos, impoz-lhes a tarefa sacrilega e, como os visse aterrados, investiu contra o mais medroso e, de um golpe, prostrou-o morto. E foi-se então encarniçadamente á arvore. O tronco, ainda que robusto, não resistiu ao furor do homem: rolou por terra.

As dryadas, que o habitavam, correram a Ceres chorosas e, narrando a perversidade, pediram vingança contra o cruel. A deusa imaginou de prompto um castigo exemplar, mas, como não podia, em pessoa, falar á Fome, despachou para buscal-a uma das divindades campestres.

A nympha tomou a direcção da Scythia, onde encontrou o trasgo arrancando hervas e raizes dentre pedras. Trouxe-o comsigo e pol-o á cabeceira do leito de Erisichton e desde logo começou o supplicio do impiedoso. Fome voraz roia-lhe as entranhas— quanto mais comia tanto mais desejava. Desfez-se dos bens que eram muitos, e foram poucos para a gana. Tinha uma filha. Vendeu-a.

A moça correu á praia e chamou Neptuno em seu soccorro. O deus, que a amara, attendeu-lhe ao lamento e, mudando-lhe as feições do rosto e a graça do corpo em aspecto viril, tornou-a um pescador. Erisichton, que lhe seguia as pégadas, pasmou de não achal-a e, vendo o pescador, interrogou-o sobre a foragida. Respondeu o mancebo como tratando de si, mas não foi tão prudente que se mantivesse no disfarce, porque, mal viu distanciar-se o pai, logo voltou á fórma que lhe era propria. Deu pelo encanto Erisichton e aproveitou o prestigio da

moçoila que, para o evitar, de cada vez se transformava em um animal—e foi egua, boi, cervo, passaro e de todas as mudanças tirou partido Erisichton sem, entretanto, lograr o bastante á fome que o não deixava. Era tudo em vão, havia de cumprir-se o castigo de Ceres e o desgraçado, em desespero, cravando os dentes no corpo, atassalhou-se devorando-se famintamente.»

Esta é, em pallido resumo, a narrativa symbolica do poeta. Sorte igual á de Erisichton terão todos os derrubadores de arvores sagradas. Ceres é cruel na vingança.

Possa este exemplo do poeta aproveitar aos homens. Restituamos á terra a sua riqueza frondosa e ella responderá com a abundancia e a belleza aos votos do nosso arrependimento. *(Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é muito cumprimentado)*.

Na sessão de 23 de Julho de 1912

O SR. COELHO NETTO *(movimento de attenção)* — Sr. Presidente: «O que se faz aos mortos resulta em honra para os vivos.»

Estas vozes levanta-as em Eleusis o côro de Euripedes. Ouve-as Ethra, suspende o sacrificio a Ceres, sahe ao limiar do templo e avista-se com as mãis infelizes e outras mulheres de Argos, todas com o ramo verde envolto em lan, symbolo dos supplicantes, que lhe pedem a protecção do seu filho Theseu, rei de Athenas, para os mortos que jazem insepultos em torno das muralhas de Thebas, ainda fumegante.

Theseu, sollicitado pela piedade materna e pela voz humilde de Adrasto e das mulheres, fiel á tradição da generosidade atheniense, apresta-se para cumprir o dever sagrado.

Chega, porém, o mensageiro de Creon e, arrogantemente, intima-o, não só a repellir de si a gente argiva, como a não intervir na resolução de Thebas, oppondo-se ao cumprimento da lei cruel pela qual deviam apodrecer, expostos á flor do solo, esposte-

jados pelos abutres, os corpos dos rebeldes que haviam ousado affrontar o reino pugnacissimo.

A resposta de Theseu é nobremente humana e será ella o exordio deste discurso.

«Sem intenção de offender a cidade, sem desejo de empenhar-me em combate de morte com os heroes que a defendem, entendo, todavia, que é justo dar sepultura aos cadaveres dos mortos, porque assim o exige a lei dos pan-hellenos. Que ha nisto de censuravel? Se soffrestes injuria dos argivos, elles ahi jazem, mortos. Tirastes gloriosa vingança, e completa, dos que tombaram como fracos. Permitti que a terra agasalhe os mortos — regresse cada qual áquillo de que sahiu: torne o espirito ao Ether, volte o corpo á terra. O corpo é um vehiculo de passagem, temol-o para o transito na vida, depois a terra reclama-o. Pensais que só fazeis injuria a Argos? não! com o vosso procedimento affrontais toda a Hellade. Os mais bravos passariam por covardes se tal lei fosse praticada. E vindes ameaçar-me com palavras insolentes...! Temeis, talvez os mortos que reclamam jazigo! Temeis que os defuntos, abraçando-se com a terra, resurjam e invistam armados contra a cidade? Temeis que no leito frio do tumulo engendrem filhos que os vinguem? Não devo gastar palavras para commentar o ridiculo de tal terror...»

Eis como fala o atheniense e, reunindo o seu exercito, marcha sobre Thebas, vence-a e tira da victoria apenas o piedoso premio das sepulturas imploradas.

Assim, em vez de páreas, o que traz da cam-

panha é a benção das mãis e das esposas, o louvor de Adrasto e dos argivos que viram a terra sagrada cobrir os despojos dos seus mortos queridos.

Regressa Theseu a Athenas, sob a collina de Pallas, glorioso e contente de haver feito cumprir com a força das armas uma lei superior á crueldade dos homens, por haver sido ditada pela propria clemencia dos deuses.

O exemplo, trazido de eras remótas, demonstra que a morte remitte toda culpa e que a piedade pelos extinctos é um principio humano que prevalece sobre o proprio odio.

Não queiramos nós, povo de generosidade exemplar *(apoiados)* desmentir a tradição de bondade, apagar da Historia os louvores que lhe temos arrancado com actos de coração, substituindo o que o Passado gravou por uma indifferença cruel, como pretende o Presente. Somos da joven e hospitaleira America e nella a nossa Patria é a de mais meigo agasalho: diversorio do mundo, porto franco para os que emigram, pousio acolhedor de todos os peregrinos.

Brasil, patria de quantos te procuram, como é doloroso ver-te repulsar, á força, do teu seio áquillo que geraste e que, quando foi vida, foi brio para a tua historia, foi esforço para o teu progresso, foi honra para o teu nome!

Tú que não te recusas a receber os vivos porque has de negar dormida socegada ao corpo morto, que sahiu do teu corpo?

O pó regressa á terra. Ouçamos Vieira:

«Deu o vento, levantou-se o pó: parou o vento, cahiu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó cahido; estes são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó; os vivos, pó levantado; os mortos pó cahido; os vivos, com vento, e por isso os mortos pó sem vento e por isso sem vaidade. Esta é a distincção e não ha outra.»

O vento que levantou aquelle pó foi a revolução, levou-o em lufada... mas, ou vivemos ainda em borrasca e ha razão para que o pó revoluteie no ar, longe do solo de onde é, ou o tempo já abonançou e é natural que o pó reverta á sua estancia.

Se a Republica está feita e solidamente assentada porque havemos de fazer, com a crueldade, vendaval para repellir o pó; se não está feita, porque a apregoamos com tão vaidoso alarde?

Medo da poeira? não é ella tão densa que nos suffoque e se o pouco de terra, que não enche uma urna, póde ameaçar a instituição é que ella é tão fraca que um punhado de cinza basta para asphyxial-a. E' ridiculo! *(Apoiados)*.

Esse homem, hoje nada, foi um dos vultos representativos de mais alto porte na historia da nossa Patria. Não seremos nós que o havemos de afastar da Historia, onde se encravou para o sempre. Com elle, a bem dizer, começou a nossa nacionalidade.

Principe, não sahiu d'uma dynastia para o throno — foi levantado a esse posto pelo Povo.

Foi imperador pela força das armas e pela vontade da Nação.

A *estatua da Fortuna* acompanhou-o durante cincoenta annos e nesse meio seculo o Brasil cresceu, ainda que lentamente, mostrando ao mundo todas as faces de sua grandeza: os bens da terra, no producto das arvores, na abundancia das minas; a riqueza do espirito, nas letras, na sciencia, nas artes; a nossa marinha vencia batalhas e levava aos extremos da terra o nosso pavilhão; o exercito era uma força experimentada em guerra. E a familia brasileira era apontada como modelo: prudente e honesta, recatada na virtude, activa no trabalho, meiga no agasalhar, de religião doce, de costumes brandos, de habitos sóbrios, de heroismo inegualavel.

A' frente de tal familia elle era como um patriarcha dirigindo um *clan*.

O vulto magestoso do principe impunha-se amoravelmente: sem orgulho, monarcha sahido do povo, o seu gosto maior era achar-se entre os subditos, conviver intimamente com elles, sentil-os perto, não como vassallos, senão como irmãos.

Governou como pai.

Se os brasileiros tanto se curvam ante os grandes abastardando-se em postura humilde, não foi com o inflexivel ancião que aprenderam a vergar em arco a espinha altiva, que elle detestava a lisonja e, erecto, queria o povo firme e não zumbrido.

A Republica surprehendeu-o distrahido na leitura de antigos. Invadiu-lhe o gabinete de estudo, tirou-o do livro e exilou-o. A jornada de Novembro foi um assalto habil: os defensores do throno não tiveram tempo de acudir aos seus postos. Seriam

muitos? não indago. Alguns houve, por honra nossa! muitos porém, e dos que mais deviam á amizade generosa do monarcha, bandearam-se com os revolucionarios e foram justamente os que procuraram marear o seu nome *(apoiados)* malsinar o brasileiro honrado que a Politica, não o Odio, exilara da Patria.

Foi-se e viveu como pobre no exilio, soffreu saudades, viu cahir a companheira, teve horas de angustia acerba, ferido á distancia pela ingratidão.

A velhice, que já o encanecera, começando a amortalhal-o, entrou-lhe pelo coração... e começou a morrer como sabio stoico: sobre os livros, sem uma queixa.

Se falava da Patria era com voz de saudade e sempre pedindo a Deus que a amerceasse. Finou-se e affirmam que, sentindo chegar a morte, como o que, ao aproximar-se o inverno, recolhe ramalho para o lume, pediu um pouco de terra brasileira para repousar na Patria a cabeça cheia da sua verde imagem.

Não sei se puderam cumprir a sua vontade amorosa, sei que dorme fóra do seu leito.

Varias vozes já se fizeram ouvir no Congresso Federal pedindo a restituição á geographia do Brasil do que lhe é devido, por lei natural: no Senado, a de Coelho Lisboa; aqui, a de Lindolpho Camara, republicanos da propaganda.

Hontem, porém, falou uma voz nova, de um moço, infante ainda no dia historico de Novembro:

brincava, talvez, quando o destino da Patria mudou de rumo.

Essa voz soou como um protesto do Futuro, como o primeiro reclamo da Historia. E' a justiça que acorda! *(Muito bem. Bravos)*. E' a mocidade que reclama uma reliquia da tradição nacional, são os que chegam e, achando um vacuo no Pantheon, bradam contra o roubo. D. Pedro de Alcantara iniciou-se no governo com o surto da nacionalidade. Que encontrou elle em volta do throno? um immenso paiz deserto, um mundo a explorar e a povoar, trabalho para um deus ou para muitas e laboriosas gerações humanas.

A nação, desligada da metropole, ensaiva timidamente os primeiros passos na liberdade. Para guial-o, tinha um conselho austero de anciãos; o povo era uma massa ignara manchada pelos escravos negros. Um escol de espiritos avisinhava-se do Paço.

Escravos, não os quiz o principe. Imperador de uma nação de feudatarios, não tinha feudo. Governando uma terra servil, não tinha servos. Monarcha de um paiz que era um vallongo, não possuia um negro.

Quando começou o movimento abolicionista concentrou-se não querendo manifestar a sua opinião, que seria decisiva. Nos dias mais estuantes da campanha, quando um homem — bronze vivo — no dizer de um poeta, José do Patrocinio, pregava a liberdade nas columnas do seu jornal, na tribuna, na praça publica, Pedro de Alcantara, como se o quizesse acor-

çoar, apertava-lhe publicamente a mão da penna, ouvia-lhe a palavra que, nos discursos, flammejava em brados revolucionarios, abraçava-o de encontro ao coração como para lhe fazer sentir, sem palavras, só pelo pulsar do orgão do amor, a sua alma misericordiosa.

E Joaquim Nabuco, o genio fulgido, a alma poetica do abolicionismo, cuja palavra trazia sempre um hymno á causa, elegìa ou *pean*, Joaquim Nabuco, gloria immorredoura daquella bancada *(mostra a bancada pernambucana)*, quem mais o estimava e admirava do que o monarcha?

Como homem de pensamento todos o respeitavam. Na Europa deram-lhe por corôa o titulo de «neto de Marco Aurelio» e quem assim o coroou foi o poeta maximo do seculo, Victor Hugo.

Versado em sciencias e em letras o seu prazer era achar-se entre sabios e letrados, confabulando. Ia ás escolas, tomava parte nas congregações, assentava-se ás bancas de exames e, quem vos fala teve-o ante os olhos, paternal e risonho, a animal-o nas difficuldades de Tacito, no seu exame final de latinidade, no Collegio Pedro II.

Espalhou escolas, semeou largamente o alphabeto e, como Carlos Magno, impulsionava a instrucção preoccupando-se com tudo que lhe dissesse respeito ainda que fosse um pequenino collegio matuto, entre roça e floresta, em um rincão remoto do paiz.

Foi esse, talvez, o seu grande defeito como monarcha — pensar demais no espirito, olhar, com vista larga e levantada, para o Futuro, distrahindo-se da

onda que lhe ia crescendo aos pés e que devia rebentar em revolução.

São do seu tempo os homens que, ainda hoje, fazem a nossa gloria. São do seu tempo as bibliothecas, as academias, os institutos de arte, as escolas, os collegios e a tradição da nossa cultura, da nossa virtude, do nosso heroismo. A Republica tem edificado na terra, elle construiu nas almas. *(Muito bem)*. Fez o povo, a nacionalidade, em uma palavra: a Patria.

Citam-se, ainda hoje, as conferencias da Gloria, nas quaes oradores discorriam á compita sobre vario assumpto. A nossa arte: a musica, com Carlos Gomes e Miguez; a esculptura com Bernardelli; a pintura com Pedro Americo, Victor Meirelles, Zeferino, Firmino Monteiro, Belmiro, Amoedo; a engenharia com Gomes de Souza, Frontin, Rebouças, Viriato Belfort, Carlos Sampaio, Teixeira Soares; a medicina com Torres Homem, Pertence, Feijó, Saboya, Motta Maia, Nuno de Andrade, Erico Coelho; as letras desde Araguaya até Machado de Assis; o jornalismo desde Evaristo da Veiga até Ferreira de Araujo; a tribuna parlamentar desde os Andradas até Ruy Barbosa, a parenetica desde Mont'Alverne até Raymundo Brito; nas armas de Osorio e Caxias a Deodoro; na marinha de Tamandaré a Saldanha, todos estes nomes, que fulgem, são outros tantos ramos que medraram alimentados pela seiva daquelle tronco que se desfaz em terra estrangeira. *(Muito bem)*. Accusam-no de haver accendido a guerra do Paraguay. Oh! patriotismo desmemoriado! A guer-

ra, quem a accendeu foi a affronta guarany aprisionando, com arrogancia, um navio que levava içada a bandeira da nossa Patria. *(Apoiados)*. A guerra, quem a accendeu foi a ambição sanguinaria de um caudilho atrevido. Quem impelliu o exercito para o Sul, quem guiou a marinha para os rios paraguayos foi a propria alma nacional.

UMA VOZ — Foi a dignidade do Brasil.

O SR. COELHO NETTO — Ai! da nação que infamada, aviltada, acalcanhada recolhe o brio nas dobras do sentimento de humanidade, embrulha-o em philosophia e deixa a honra enlamear-se no enxurdo das ignominias.

Se houvessemos calado o opprobio teriamos hoje o applauso de uma seita, mas estariamos atolados no ridiculo e com o titulo de covardes marcando o nosso atascal de morte.

Pedro de Alcantara preferiu ser brasileiro a ser philosopho, preferiu estar com a nação, a encolher-se em tibieza humanitaria e... aviltante. Não guardou odio ao vencido, teve pena daquella horda de barbaros, de valentia imcomparavel, que morriam, não pela Patria, mas pelo fanatismo, martyres, não de uma idéa, mas de um homem ferocissimo cujo sonho era dominar a America, como Attila dominou o occidente. Para a philosophia a guerra foi um mal, foi um bem para a civilização americana. Se houve um culpado, esse foi a Patria.

O SR. RAPHAEL PINHEIRO — Abençoada culpa!

O SR. COELHO NETTO — Como aquelle mo-

narcha que no *Ahasverus* de Quinet, mergulhado na orgia não dá pelas aguas invasoras que, vencendo, degráu a degráu, a escaleira do palacio magnifico, subito irrompem grossas no esplendido salão festivo, levando tudo de roldão, assim o imperador, distrahido, não em bacchanal, mas na beatitude dos livros, que são gosos para os espiritos eleitos, não dava pelo marulho da onda revolucionaria que inchava e crescia com as horas. O throno manteve-se algum tempo a flux, soerguido nos hombros dos escravos, submissos como cariatides de onix. O 13 de Maio levou as columnas vivas e o throno, abalado, sem base, oscillou, baqueou e a 15 de Novembro um leve impulso fel-o cahir desfazendo-se em pó na praça, ao sol.

O que foi essa aurora sabem-no todos.

Descrevamos, porém, o diluculo triste, a fuga da sombra. Tomo a mim e reproduzo a narrativa de Raul Pompéia, esse peregrino de genio *(apoiados)* que contemplou a vida sem gosto e sem saudade deixou-a. Pompéia era republicano como era poeta: d'alma. *(Apoiados)*. Quando soube da partida dos banidos quiz ser espectador do ultimo acto da dynastia e, apezar das ordens severas do governo provisorio, fez-se da noite, como que se rebuçou nella ficando a um canto, á espreita, o olhar fito no palacio, á espera do sahimento.

A manhan pallida nascia, envolta em nevoas. A pagina em que elle descreveu o passo tragico está viva e viverá na historia, mas o que me disse o poeta lá não vem, talvez por melindre politico: «O

meu coração de republicano rejubilou, mas minha alma sentiu por aquella velhice expulsa da Patria. Era bem um amanhecer: duas noites partiam: uma no céu, outra na terra. Maior tristeza levava a noite baixa. Era um grupo de sombras. A figura do imperador, alta e nobre, dominava as dos mais. Foi-se. O céu illuminou-se, scintillaram armas, desfilaram em silencio pelotões. Amanheçeu gloriosamente».

A noite, disse o poeta... Noite longa, seja, mas fecunda como as noites de Deus. E a noite, com ser treva, merece a nossa maldição? Não é á noite que a terra gera, que abrolham mais copiosamente as fontes, que lenteja o orvalho, que a germinação seareia o alfobre e o homem repousa para sahir contente e refeito ao sol da madrugada sonora? Não é ella o inicio do dia, a mãi das horas claras? Porque amaldiçoal-a? Tirem-na do cyclo das horas e o Tempo perderá uma das suas azas.

Assim esse homem, o passado, a noite, foi o preparador da madrugada que gozamos e é nosso como primévo, como o crepusculo é o principio da alvorada. *(Muito bem)*.

Já disse da sua vida na Europa — e, como elle viveu, amando e enaltecendo o Brasil vivem os que guardam como legado da sua grandeza o seu nome duas vezes augusto — pela honradez e pelo martyrio. *(Muito bem)*.

O SR. ELOY DE SOUZA — Apoiado. A familia imperial, só se tem elevado no estrangeiro, no exilio, onde continúa a amar o Brasil.

O SR. COELHO NETTO — Morreu. Foi agasalhado por um rei do seu sangue. Os seus restos mortaes jazem em S. Vicente de Fóra, entre outros reis mortos. Dizia-se, a principio, quando se reclamava piedosamente a reversão do corpo á terra patria, que aquelle cadaver era incompativel com a Republica. Portugal, como reino, podia dar asylo a um imperador. E agora? esse pouco de terra brasileira não será um incommodo para a democracia lusitana?

O que allegamos pódem os de lá repetir e que se ha de fazer do esquife? Mas, não! Portugal tem tradicções e os seus reis, desde o borgonhez até o ultimo que lá morreu, dormem o somno infinito na terra que amaram, que defenderam e glorificaram. E quem vela essas reliquias é a propria Republica. *(Apoiados).*

Sr. Presidente, Euclydes da Cunha, um dos nossos mais fulgurantes escriptores *(apoiados; muito bem)* em um dos capitulos desse livro admiravel «*A margem da historia*» mostra-nos como o Amazonas, o menos brasileiro dos nossos rios, furta-nos terra, carreando nas suas aguas barrentas pedaços da Patria para os littoraes americanos da Georgia e das Carolinas.

«Naquelles logares, diz o terso prosador, o brasileiro salta: é estrangeiro, e está pisando terras brasileiras». Se o escriptor se insurge contra a força rapace das aguas inconscientes, que trahem a Patria furtando-lhe territorio, como não nos havemos nós de envergonhar perante o mundo do abandono

em que deixamos, fóra das lindes da patria, o corpo de um dos brasileiros que mais a engrandeceram e illustraram?

Sr. Presidente, nas raias extremas deste breve e apagado discurso quero eu levantar uma figura antiga — mais um vulto colossal trazido da Tragedia grega: Antigone.

Sabe V. Ex. do edito cruel de Creon contra os inimigos de Thebas, mortos na batalha tremenda. Vistes, senhores, as supplicantes em Athenas, vêde agora no campo sanguinoso, affrontando a tormenta nocturna, só, coberta de luto, a donzella sublime, visitando commovidamente a mortualha em procura do cadaver de Polynice. Encontra-o: pasma de vel-o, a elle, tão formoso na vida, desfigurado pelos golpes, horrendo na morte pallida.

Com as suas finas mãos delicadas cobre-lhe o corpo de terra, unge-o, chora-lhe no rosto lagrimas de saudade e, contente de haver cumprido esse dever de amor, imposto pelos deuses, regressa vagarosamente á cidade cadméa.

Denunciada a Creon não nega o seu nefando crime: «Confesso, não nego havel-o feito.» Condemnada á morte responde serenamente: «Poderia eu almejar gloria mais illustre do que a que adquiri sepultando o corpo de meu irmão?»

Senhor Presidente, eis como se pronunciava a Grecia rude, nos dias violentissimos das batalhas e dos exidios e nós, vencedores do tempo, homens dos claros dias civilizados, recuamos covardemente ante um dever que a virgem não duvidou cumprir des-

afiando a morte. E por que? por que refugimos á doce misericordia? porque receiamos melindrar a Republica.

Se é por tal porque não fez o mesmo o fundador da Republica? Porque Deodoro não repelliu de si a imagem do Imperador?

Um anno depois de proclamada a Republica, adoecendo gravemente o glorioso marechal, o Governador do Estado do Rio, Dr. Francisco Portella, mandou-me, como seu secretario, em visita ao heroe de Novembro.

Fui. No Itamaraty a anciedade era grande: Temia-se pela vida do generoso soldado.

Guiaram-me á camara onde elle soffria.

Entrei mui de passo, abeirei-me do leito, ouvindo, com angustia, o sarrído da dyspnéa.

O valente encarou-me com o seu olhar vulturino, estendeu-me a mão em silencio, e em silencio ficamos. Subito, como attrahido, o meu olhar subiu ao alto da parede da camara e lá, á cabeceira do grande leito, fixou-se em um retrato.

Um gesto mal contido denunciou a minha surpreza. O marechal percebeu-o e, sorrindo, soerguendo-se nas almofadas, disse cançadamente:

— O Imperador. Era meu amigo. Um bom... *(Muito bem)*.

Eis como pensava o fundador deste regimen de liberdade, a aguia de vôo altivo, o soldado heroico e magnanimo da grande jornada e nós, que vamos rastreando o sulco do seu remigio, nós os her-

deiros da sua obra magnifica não podemos, não devemos pensar de outro modo.

Pedro de Alcantara era um bom. Foi-se duas vezes de nós: pelo exilio e pela morte. Cumpramos o desejo da sua ultima hora imitando o procedimento nobre e leal do fundador da Republica: demos-lhe agasalho na Patria, que elle amou.

Se Deodoro tinha á sua cabeceira o retrato do amigo, tenhamos nós na Patria, que é o relicario de todos os brasileiros, o corpo do que foi o verdadeiro creador da nossa nacionalidade e o martyr do novo regimen.

E não ficará nos fastos da nossa generosidade, com uma solução de continuidade injusta, o vasio de um tumulo á espera de um corpo. *(Muito bem; muito bem. O orador é vivamente felicitado).*

Na sessão de 24 de Fevereiro de 1914.

O SR. COELHO NETTO *(movimento de attenção)* — Sr. Presidente, dois motivos trazem-me á tribuna, derivados ambos do mesmo sentimento — o amor, e são elles: a humanidade e a patria. Começando pelo primeiro, que envolve o segundo, vou referir-me á conflagração européa, sem distinguir no tremendo conflicto os homens que se degladiam carniceiramente, porque não os vejo atravez da differencial de raças, senão pela mesma objectiva da fraternidade, considerando-os, a todos, filhos do mesmo Deus, progenie do casal sahido do milagre da creação.

Ainda que mui distantes, soffremos as consequencias do cataclysmo sangrento, como se agita, em mareta, o mar, sempre bonança, que se estira em nossas praias, quando lá fóra, no oceano, desencadeia-se a borrasca.

Por mais que nos queiramos alheiar havemos de sentir com os que soffrem, tendo a nossa parte de dores e de angustias nesse formidavel episodio do seculo tão novo.

O mappa da Europa, até hontem limpido, res-

plandecente espelho de maravilhas, confrange-nos agora como a Veronica da civilização, tantas são nelle as máculas de sangue.

Como agora nos parecerá mesquinho o celebrado livro 7º da *Historia* de Herodoto, no qual vem, á larga, descripta a numerosa invasão persa, se o compararmos a essa immensa humanidade armada que, insanamente, devasta e despovôa a terra, anniquilando thesouros e beneficios que ella propria vem accumulando, nelle incluindo o generoso esforço de genio e de bondade daquelles que, em Haya, tentaram firmar a harmonia como pedra angular da sociedade, na qual se depuzessem as armas e se assentasse, como soberano, o direito, flanqueado por duas forças archangelicas — a razão e a justiça!

O que vemos, em espectaculo apocalyptico, é a morte tragica, incendiaria e sanguisedenta, tripudiando em cadaveres, dentro de uma nuvem de poeira, evaporação tristissima de ruinas de arte.

Na Biblia ha uma parada da luz, é em Gabaon, quando Josué detém o sol no zenith para garantir a victoria de Israel, que era a força de Deus. E é um dia que se prolonga. Agora inverte-se o prodigio: a luz vacilla, ameaça extinguir-se, concorrendo para a quéda da civilização, filha do pensamento, que é alma, emanação do proprio Deus.

A luz, não de astro, que vasqueja e periga, é aquella mesma que o homem accendeu no primitivo altar aryano, tirando-a do attricto dos lenhos e que, transmittida, atravez dos seculos, de geração a geração, cresceu em esplendor e foi aurora na Grecia,

pleno dia em Roma. Eclypsada pelas nuvens dos barbaros minguou em chamma débil nas lampadas monasticas, de onde tornou ao mundo trazida pelos missionarios, como fogo novo, para refulgir redemptoramente na madrugada da Renascença, á voz dos trovadores e ao som claro dos sinos da basilica de S. Pedro.

Contraste de treva e incendio, de arruido e retransimento. Aqui, a noite pávida sobre as almas; além, as labaredas destruindo arribanas e cathedraes; aqui, o estrondo do canhoneio; além, o silencio nas officinas. As armas em furor de morte, as machinas paradas; as espadas flammejando sinistramente, as foices enferrujando-se entre os fueiros do carro rustico que jaz tombado, com o timão por terra.

Tristes campos e valles, que outono dolente o vosso!

Eu que vos vi, terras fartas de França, campos que me lembraveis as paisagens suaves dos livros biblicos, sempre abundantes em flores; eu que vos vi, collinas de vinho e azeite, prados de feno e trigo, hortas e jardins, herdades e pinheiraes sombrios, officinas e fabricas, granjas e capellas; eu, que vos vi, escolas aldeans, desferindo para o azul as alegres vozes das criancinhas; eu, que vos vi, terras da cotovia e da canção, onde Joanna d'Arc falava aos anjos e Hugo escreveu as suas primeiras odes; eu, que vos vi, lastimo-vos, agora que vos sei sulcadas pelos armões, arrasadas, no pleno viço do outono, pela metralha, mais devastadora que as tempestades de neve.

Pobres terras de França! Pobres terras da Europa!

Leiras abandonadas, fabricas paradas, laboratorios desertos, academias mudas, o commercio suspenso, os templos fechados e sem as vozes dos sinos.

Onde o medico? na ambulancia ou na linha de fogo. Onde o sacerdote, misericordioso pastor de almas? no reducto, com a extrema-uncção na carabina. Onde o engenheiro constructor? destruindo os conductos da vida. Onde o artista, o operario, o agricultor, todos os serviçaes da ordem? nas legiões da morte.

O homem enfurece-se e tanto mais se eleva quanto mais se encarniça na matança.

Em terra, o incendio, a chacina, o rauso, o roubo, o excidio. No mar, o corsariado, a insegurança: monstros á superficie, insidias de baixo d'agua. No ar, as naves aladas, pombos que se fizeram abutres, realizando a fantasia oriental do passaro Rochedo. E o patrimonio da civilização, que não é deste nem daquelle povo, senão da Humanidade, perecendo em ruinas, como se a guerra seja levada de arranque pela historia a dentro. A lei postergada, a sciencia e a arte foragidas, o trabalho em syncope de horror.

Amédée Thierry, descrevendo o saque de Roma por Alarico, mostra-nos a figura do barbaro e dá-nos o quadro triste da invasão da cidade augusta. Um trecho: *(Lê)*

«Os godos fizeram a sua entrada ao som de trombetas e ao estrondo dos cantos selvagens com que, de ordinario, assignalavam a sua aproximação.

A' medida que avançavam iam lançando fogo ás casas e assim os jardins de Sallustio, verdadeiras maravilhas de arte, desappareceram sob um montão de cinzas.

Despertando em sobresalto com o tumulto, ao relume do incendio que espadanava, comprehenderam, de golpe, os habitantes que a cidade cahira em poder do inimigo.

No momento de atravessar a porta Salaria, Alarico, ao que parece, sentiu um terror secreto. Vibrando em um dos movimentos interiores, pelos quaes nelle o homem civilizado e christão reagia contra o barbaro, comprehendeu que Roma, que elle ia saquear, não era apenas a metropole do mundo, mas igualmente a cidade dos apostolos e que, por tal, elle devia tambem contar com o céu, e deu ordem a todas as divisões do seu exercito de respeitarem as basilicas de S. Pedro e de S. Paulo com o que ellas encerrassem de gente e de riquezas. Com excepção desses dois asylos, Alarico abandonou o mais á rapacidade do soldado, recommendando-lhe, entretanto, que poupasse o sangue. E dizia: «Eu faço a guerra aos homens, não aos apostolos.»

Assim se pronunciava e procedia o barbaro. E agora? Agora parece que a guerra é feita á arte, á sciencia, á honra, ao amor na sua mais alta e mais nobre expressão humana, que é a caridade.

Faça-se a guerra aos homens, como entendia o godo, mas não se denigra a represalia ou o surto de defesa com a perversidade. Invista-se com o forte, defronte-se o exercito com o exercito e, ainda

que se deplore o morticinio, delle não sahirão protestos por ser proprio da guerra; mas atirar contra o Pensamento, nos seus relicarios, que são os livros; bombardear o genio esthetico nas suas tradições, que são as obras d'arte; canhonear altares, fazer das torres alvos de obuzeiros e rasgar as rendas lapidares da architectura e as telas dos grandes mestres a golpes de metralha são actos que revelam barbárie, ajuntando á crueldade da guerra a vilta do despeito.

O godo recommendou ás divisões do seu exercito o respeito pelas basilicas e ellas hoje cahem em ruinas diante da colera do super-homem.

Mais ainda: a philantropia alçou a cruz de sangue diante dos feridos, garantindo-os com o sagrado symbolo para que possam transitar immunes por entre os pelejadores e a guerra sempre poupou as ambulancias. Esses vehiculos morosos, que transportam creaturas que oscillam entre a vida e a morte, deviam ser respeitados como o era a arca quando passava aos hombros dos levitas; vehiculos cujos passageiros são a dor, a febre, o delirio, a saudade, carros-esquifes em marcha para a misericordia.

Não os perdoa a artilharia, não os resalvam os fuzis; as bombas aereas detonam nos seus tejadilhos. E se os alcança a vista dos combatentes é para elles que assestam as suas armas.

O SR. RAPHAEL PINHEIRO — Só uma parte dos combatentes; os alliados, por sua honra, jámais fizeram isso.

O SR. COELHO NETTO — O fumo das batalhas condensa-se em crépe: é o véu da viuvez,

é o luto da orphandade. E como a guerra traz sempre o seu cortejo tragico, a fome macilenta acompanha-a rilhando os dentes, acompanha-a a peste levantando-se da podridão dos cadaveres e a miseria allucinada arma-se para o roubo, despe-se para a prostituição, deprava-se em vicios torpes e deshumaniza-se em actos hediondos.

E não tarda o inverno com o seu regêlo para aferroar os que se refugiaram dentro dos muros das cidades, templos sem amparo dos deuses.

Pudesse a minha vóz chegar ao coração da deusa cuja corôa, tecida de oliveira pallida, foi posta na fronte por Athena e nella é mantida por Maria Virgem, e eu lhe pediria, em palavras de prece, que nos soccorresse neste transe da vida, remittindo a colera dos homens e resguardando as preciosas dadivas do tempo. *(Pausa)*.

Volve á terra que desertaste, suave espirito de amor, doce, meiga, risonha conductora da vida. Anjo que te assentas na pedra do lar e que, amigamente, á voz da cotovia, despertas o lavrador e o acompanhas á leira florida; anjo, que multiplicas os ninhos nos ramos, que cantas nas aguas perennes, que ajudas a levantar as medas, a recolher o trigo, a accender o forno, volve e alumia os transviados com o doce azul dos teus olhos bons.

Padroeira das mãis, inspiradora dos artistas, assessora da sciencia, arrimo dos anciãos, amparo das crianças, conservadora dos bens da terra, tu, que és a Ordem e vens armada de justiça, contempla o espectaculo da guerra e detem a catastrophe como

S. Leão conteve os hunos na passagem do Mincio.

Volve dos céus, Benigna, volta a reatar o fio da vida e a cicatrizar as feridas da terra, fazendo com que nos sulcos dos armões brotem messes de oiro, escondendo a mortualha sob o manto florido que na primavera estendes de valle a monte.

Regressa, ó! Paz beneficiadora, que os lares se accendem para receber-te e sobem orações a Deus, rogando a tua desejada volta.

(Pausa).

Agora á Patria.

Da primeira visão da terra virgem ficou nos olhos dos descobridores um immenso deslumbramento e assim o traduziu o escrivão Caminha na carta que dirigiu a D. Manoel, o Venturoso, dando noticia do encontro surprendente: «...a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os dentre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assim os achavamos como os de lá; as aguas são muito infindas; em tal maneira é graniza que querendo-a aproveitar dar-se-ha nella tudo, por bem das aguas que tem.»

Seguiram-se, com o correr dos tempos e á medida que as terras iam sendo penetradas, outros louvores mais altos dos chronistas.

E, em verdade, que mais poderiamos desejar em territorio, se o temos vasto e vário, rico e formosissimo, recortado de rios copiosos, arborescido em florestas densas, achanado em campos de hervaçaes virentes, elevado em montanhas nemorosas, aflando em collinas úberes, aprofundando-se em valles fe-

racissimos e ainda no seio da terra os thesouros occultos das minas e, rutilando no cascalho dos rios, o ouro, o diamante e outros metaes e gemmas que nos dão a primazia entre as terras mais fartas?

O clima é temperado: ao sul, o frio não chega a transir, o calor ao norte não vai á adustão e ha sempre o refrigerio das brisas que o abrandam.

Ao sul, pascigos e pomares, o gado a engordar nas hervas altas e correndo das culturas, como nos cantos biblicos, rios de vinho, mel e azeite. O norte é o deserto prodigioso, são os sertões calumniados. Terra virgem, feudo do homem simples. A fortuna é lá tão abundante que inutiliza toda iniciativa. A temperatura é tão doce que enlanguece o homem.

Não serei eu quem, na ligeireza de um improviso, tente descrever os sertões, quando já o fizeram, em obras meditadas, escriptores de porte. Alludo apenas á terra e ao homem, duas forças desaproveitadas.

A terra produz a esmo, o homem vive á mercê da vida. Em abandono o alfobre torna-se labrusco, o animal amonta-se, o homem regressa ao primitivo instincto.

O jagunço é um producto do carrascal. Essa alma, explorada pela astucia ou pelo fanatismo, explúe em barbárie, como se eriçam de cardos os taboleiros sertanejos. Entre o arado na terra e desapparecerá a aggressão da *caatinga,* illumine-se a alma do sertanejo e, com o despertar de uma consciencia, surgirá uma energia intelligente.

Que produz o deserto? a subversão. O Sahara

só se levanta em tempestades de areia: deitado é a duna esteril, de pé é a nuvem arida que asphyxia. O sertanejo é como o deserto — uma inercia que só se levanta para a violencia. E irrompe tempestuoso, impellido pelo fanatismo, como em Canudos, ou pela caudilhagem nas guerrilhas e assaltos.

O Norte — terra e almas — espera o colono e o livro. Lavrem a terra e levantem escolas nas povoações interiores e a riqueza affluirá de todos os pontos, trazida por um povo de trabalhadores fortes e conscientes do seu destino e dos seus deveres.

E assim, em vez de só nos referirmos a uma terra rica, poderemos falar de uma grande Patria.

A' nossa *maravilhosa* riqueza podem, ainda hoje, ser applicadas as palavras com que João Ribeiro, na sua Historia do Brasil, commenta o abandono em que ficou o paiz logo depois do descobrimento:

«Mas ao lado do ouro nunca a penuria nem a ignorancia foram tão profundas. Com esse estado de espirito ama-se a dissipação e nunca a previdencia. Colonizar o Brasil seria dispendioso e sem lucro immediato. E o deserto florido da nova terra foi entregue ao esquecimento.» E ainda nelle jaz.

Os pregoeiros dos sertões e seus maiores apologistas, sem falar nos mais antigos, desde Franklin Tavora, Alencar e Taunay até Arinos, Euclydes Cunha, Alberto Rangel, Viriato Corrêa, Carlos Fernandes, todos os descrevem com exaltado deslumbramento e os que trilharam, desde os bandeirantes até Rondon e Roosewelt, sahiram delles maravilhados.

Ouvimos frequentemente lastimar a esterilidade de certos tratos de terras. Terras estereis!

Esteril era a Africa antes da dominação romana. Com o estabelecimento dos colonizadores a terra sáfara explodiu em fartura, tornando-se o celleiro e o lagar da metropole, cujo tributo pagava em trigo e em azeite. As frotas de abastecimento, *(annona)* que chegavam aos portos de Ostia e de Puzzoles, eram recebidas pelo povo com acclamações festivas, por serem portadoras do pão e do lubrificante da força dos gladiadores.

Abandonadas do homem activo, tornaram a deserto as terras africanas.

Os franceses, estabelecendo-se na Tunisia, despertaram a terra ancian, que reviçou em searas e em olivedos com mais abundancia e belleza do que no tempo do agricultor romano.

Terras cançadas! E que diremos nós da Asia, da Europa e dessa mesma Africa que vêem nutrindo a Humanidade desde os primeiros dias da vida!

O que nos falta é a «alma» vigorosa da terra, o Homem — a esse que aqui está fallece um ideal que o impulsione, que o estimule, que o roteie na conquista da fortuna e da gloria. Andamos ás tontas, sem rumo, como trasmalhados de uma derrota.

O homem no Brasil é um verdadeiro parasito — da terra e do Estado. Da terra, procedendo, ainda hoje, como procedia o aborigene que arrazava a fogo as florestas para semear nos vasios calcinados, mudando-se, depois do outono, para outro sitio onde applicava o mesmo systema de anniquilamento,

assignalando a colheita de um anno com a chaga esteril de um escampo.

Desvirginadores crueis que abandonavam o lindo corpo violado á profanação da macéga.

No Estado, o ideal é o funccionalismo: ser empregado publico, eis o sonho ambicioso de toda gente. Fóra das secretarias do governo, o brasileiro só vê a miseria — a sua vista não vai além da burocracia, e nella se contenta.

Estão em face dois semeadores: — o soldado e o agricultor; um, com a matança; outro, com a derrubada; um, trazendo a metralhadora; outro, a bolsa de sementes. Aparceiremo-nos com este. Por espirito de solidariedade humana, e, ainda por interesse proprio, devemos voltar as nossas vistas para a terra, arando-a para a sementeira, desbravando-a para que receba acolhedoramente o que vem dos temporaes de sangue e chammas.

Não é preciso ser um predestinado, como José do Egypto, para annunciar, para muito breve, dias terriveis de fome, aconselhando pressa no aprovisionamento.

Se nos quizermos forrar contra a miseria com o trabalho, a terra nos dará o bastante para o nosso consumo e, com as sobras abundantes, entraremos no mundo como os emissarios de Chanaan regressaram a Israel.

Os cataclysmas trazem sempre compensações. No Amazonas, quando uma ilha se subverte nas aguas, outra apparece adiante, e mais viçosa que a primeira, por surgir fecundada pelo nateiro do rio. A'

submersão da Atlantida correspondeu a affloração da America.

Preparemo-nos para o tenebroso amanhan. Contra o nosso desleixo parece protestar a propria natureza, e assim nol-o faz sentir Euclydes da Cunha, mostrando-nos o Amazonas a carrear nas suas aguas, atravéz do *gulf-stream*, terras das suas barrancas nataes para lançal-as nas costas da Georgia e das Carolinas, por sentir que as não aproveitam onde surgiram e podem medrar em fortuna, tratadas por quem as estime.

Na visita que fez aos Estados-Unidos o nosso chanceller, Dr. Lauro Müller, teve occasião de ver o prodigioso progresso dos homens que fizeram da America do Norte uma força estupenda, pesando, ella só, em ouro, na balança do mundo, quasi tanto como pesa a velha Europa com a accumulação multisecular de riqueza.

Entre as maravilhas que foram mostradas ao nosso Ministro houve uma que, sem duvida, particularmente o interessou.

Foi em S. Francisco. Não era um palacio, grandioso como os da India, nem de estylo puro como as construcções da Grecia de Phidias; não era uma das minas refertas de ouro nem um prodigioso laboratorio de sciencia, como os que da America espalham assombros pelo mundo. Era uma simples arvore, uma laranjeira.

A' sombra larga dos seus ramos fôra estendida a mesa do almoço que ali quiseram offerecer ao

visitante os hospedes gentis, reservando-lhe uma surpresa commovedora.

Essa arvore, que é uma reliquia nacional, tem o culto dos americanos por que é a mãi dos laranjaes, a geradora dos pomares da California.

E essa laranjeira, que creou uma fonte de riqueza para a America do Norte, foi levada da Bahia e, plantada em solo estrangeiro e tratada carinhosamente, respondeu á hospedagem com a fortuna que se multiplica de anno em anno.

Se a laranjeira, hoje historica, houvesse permanecido no seu torrão natal, certamente, em vez do destino glorioso que lhe foi dado, teria acabado em um vão de roça e, seccos os seus ramos, ter-se-iam resolvido em cinzas em algum fogão sertanejo.

Temos tudo comnosco, só nos falta energia. Somos um povo de desalentados, sem impulsos, sem arranques...

O SR. EDUARDO SABOYA — Então o defeito é dos dirigentes do povo.

O SR. COELHO NETTO — Pois entendam-se os dirigentes de modo a encaminharem o povo, que é uma força que deve ser applicada ao bem.

O SR. RAPHAEL PINHEIRO — O povo educa-se.

O SR. COELHO NETTO — Certamente: educa-se, prepara-se...

O SR. DIONYSIO CERQUEIRA — O nosso povo é até stoico.

O SR. COELHO NETTO — E esse é o mal.

E' o povo resignado, o povo que tudo espera da Providencia...

O SR. JACQUES OURIQUE — Apoiado. Esse é o nosso principal defeito.

O SR. COELHO NETTO — Somos um povo de pedintes. Vivemos a alrotar á porta dos banqueiros, accumulando juros sobre juros de quantias que se dissipam sem proveito, correndo sem se infiltrarem na terra, em beneficios, como agua que deflue em lagedo.

O SR. VICTOR DE BRITO — O nosso territorio é rico, mas falta-nos quem o aproveite: o homem. E' o que se conclue das palavras de V. Ex.

O SR. COELHO NETTO — Perfeitamente.

O SR. VICTOR DE BRITO — O que faz a riqueza de uma nação não é o seu territorio, mas o homem.

O SR. COELHO NETTO — Descuidamo-nos de tudo, até da nossa propria segurança. Abramos as nossas portas, mas attentando em quem entra. Sejamos cautelosos, lembrando-nos sempre do canto de Demodoco no palacio do rei dos pheacios. Troya cahiu nas mãos dos gregos por imprudencia da gente priamide. E a machina de Ulysses bem póde estar em nosso campo.

Cuidemos de nós, respondamos ao occaso ensanguentado da Europa com o auri-roseo da madrugada da nossa terra.

Povo de agricultores e de pastores, saiamos da amollentada desidia secular: é tempo de apparecermos, grande como podemos ser.

Trabalhemos pela gloria serena e pela belleza, fazendo da nossa patria o emporio do mundo, igualando-a em fortuna a Bethleem, berço de Jesus, que na Biblia era chamada a Casa do Pão. E della talvez saia a esperança dos tempos, o ideal suave dos espiritos generosos.

Forremos a terra de arvoredo fecundo e de searas ricas, e espalhemos nas suas campinas, enchendo-as de vozes, como as que soam nas *Georgicas*, os rebanhos prolificos. E crescendo em força benefica ditaremos a lei nova, estabelecendo na terra o culto da natureza e a paz entre os homens. *(Muito bem; muito bem. O orador é abraçado e muito felicitado).*

Na sessão de 23 Outubro de 1915

O SR. COELHO NETTO *(movimento geral de attenção)* — Sr. Presidente, sobre o assumpto que me traz hoje á tribuna, varios oradores já se pronunciaram nesta Casa, e todos magnificamente. Tomo um lugar no côro para a minha voz, que se deve fazer éco daquella que, junto a mim, nos melhores dias da nossa mocidade, ensaiou os primeiros cantos e que agora, em um surto de patriotismo, em S. Paulo, inflammou, em vivido amor, o coração da Juventude.

Referindo-se ao estado actual da nossa patria Bilac poz em confronto a terra, celebrada por seu viço, e as almas tidas por audazes e só mostrou raleiros e desalentos, esterilidade e desesperança.

Lendo-lhe as palavras, reportei-me a outras, de um publicista, Alberto Torres, cuja obra, pensada e forte, devia achar-se á cabeceira de quantos se interessam, com sinceridade, pelo destino do Brasil.

Diz o notavel sociologo: «A separação da politica e da vida social attingiu, em nossa Patria, o maximo da distancia. A' força de alheação da realidade a politica chegou ao cumulo do absurdo, constituindo, em meio da nossa nacionalidade nova,

onde todos os elementos se propunham a impulsionar e fomentar um surto social robusto e progressivo, uma classe artificial, verdadeira superfectação, ingenua e francamente estranha a todos os interesses, onde, quasi sempre, com a maior bôa fé, o brilho das fórmas e o calor das imagens não passam de pretexto para as lutas da conquista e da conservação das posições.

A politica é, de alto a baixo, um mecanismo alheio á sociedade, perturbador da sua ordem, contrario a seu progresso; governos, partidos e politicos succedem-se e alternam-se, levantando e combatendo desordens, creando e destruindo coisas inuteis e embaraçosas.

Os governantes chegaram á situação de perder de vista os factos e os homens, envolvidos entre agitações e enredos pessoaes. E é este estado de coisas que todos teem por manifestação normal da nossa vitalidade, em torno do qual se debatem as opiniões, formam-se os partidos, elegem-se legisladores e chefes de Estado, surgem e desapparecem as personalidades, agita-se a oratoria, fervilham doestos e calumnias, rebetam revoluções e violencias de toda a especie, explodem crises de sangue e de escandalo; e nesta agitação, que não representa aqui, como em outros paizes, outra coisa senão a estagnação de um povo descuidado de si mesmo, perdido na contemplação de miragens theoricas, paralysado, por falta de consciencia e de direcção, toda a actividade publica se reflecte em um eterno debate entre dois córos, onde as pessoas se alternam, fazendo uns o

papel de tyrannos e de bandidos, outros o de juizes punidores, cantando: este, hymnos de louvor aos vencedores, clamando aquelles as mais tremendas e crúas objurgatorias».

O resultado de tal regimen, cujo retraço é perfeito, ahi o temos na miseria physica e na miseria moral. As regiões que deslumbraram o homem nos seculos XVI e XVII pela feracidade das suas terras, pela abundancia das suas aguas, pela doçura do seu clima, mandam-nos hoje levas miserrimas de foragidos, repulsam seus filhos como os desertos áridos repellem com a seccura aos que delles se abeiram, e assim como se assoalham de esqueletos humanos os caminhos outr'ora vicejantes, assim se reduzem a ipueiras de lodo as lagôas dantes copiosas e apparecem em sulcos de aréia e pedra os leitos dos rios que, em tempos não remotos, deram transito a balsas carregadas de fardos das colheitas.

O littoral desola. As cidades, transformadas em agasalhadoras do exodo sertanejo, refervem de miseria compungente e no bulicio das ruas, á sombra dos paços da administração, ajuntam-se familias semi-núas, tolhiças, não raro chorando em volta de moribundos, martyres da secca.

A causa de tal flagello periodico é, principalmente, o descaso — foi o proprio homem que levantou contra si a natureza, tornando em hostilidade o que era providencia: derrubando as florestas, matou as fontes e, réo de tal crime, pena por elle através de gerações.

Taes noticias que nos chegam de uma parte

contrastam com outras, e alviçareiras, que aqui nos foram dadas, ha pouco, em conferencias, pelo intrepido sertanista que anda a estender pelo interiior das terras, sobre a aspereza e a barbárie, o fio telegraphico, fechando o circuito do systema nervoso do Brasil: Rondon.

O que elle nos disse e mostrou, na téla das projecções, fez-nos mais orgulhosos da grandeza da terra que habitamos, mas, vendo-o e ouvindo-o, longe de exultarmos com o espectaculo, fizemos um voto intimo para que taes terras paradisiacas não fossem tão cedo visitadas pelo homem voraz e o nosso voto fundava-se nas palavras de Alberto Torres no seu estudo sobre «*A soberania real*». São estas:

«A exploração colonial dos povos sul-americanos foi um assalto ás suas riquezas; toda a sua historia economica é o prolongamento deste assalto, sem precauções conservadoras, sem correctivos reparadores, sem piedade para com o futuro, sem attenção para com os direitos dos posteros.

Assombrados com essas vastas e, por vezes, insanaveis lesões á natureza, com o desvio e perda de tantas forças naturaes, com as alterações do clima e com os accidentes meteoricos, resultantes da desastrada exploração da terra, os povos previdentes, como os inglezes, na India, os canadenses, os americanos, em varios dos seus Estados, começam a fazer a policia dos seus bens naturaes e a reconstruil-os'. O reflorestamento das regiões desbastadas é, aliás, um velho costume europeu.

No Brasil, onde a população e igualmente a

riqueza não tem crescido em progressão igual á dos Estados Unidos, seria de elementar prudencia que os poderes publicos procurassem suster a devastação das mattas, feita, ás vezes, para o nefasto desenvolvimento de culturas extensivas, outras com o unico proposito de extracção de madeiras e de lenha; que procurassem manter as populações nas regiões já exploradas, desenvolvendo novas culturas, por processos intensivos; que estimulassem o gosto pelo amanho da terra e pela producção; que habituassem o homem á vida do campo; que fiscalizassem e corrigissem as alterações do clima, os accidentes meteoricos, o ressecamento de certas terras, o alagamento de outras, o abandono, em summa, de quasi todas, onde a arvore do café pereceu por velhice; que, antes de tudo, promovessem a utilização destas ultimas, recolonizando-as com elementos estrangeiros, e, de preferencia a nacionaes, para poupar com zelo, senão com usura, as riquezas ainda não exploradas.

Os povos semi-barbaros, mas sedentarios, da Asia, como os chinezes, não sabendo, apezar de suas densas populações, extrahir e explorar o minerio de suas jazidas, possuem vivissima a sensibilidade do dono da terra, vibratil até á revolta aos primeiros estudos dos engenheiros, ás primeiras confusões das picaretas. Nós, que não sentimos pressa, e com razão, em rasgar o seio da nossa terra, para nosso proveito, temos solicitudes alviçareiras por entregal-a ao primeiro solicitante, fazendo, com delicias, o lenocinio do nosso solo.»

Taes palavras, que ardem, dizem a verdade triste.

O estrangeiro que se vem installar em nossa Patria, não se contenta com a terra que se lhe offerece, reclama, com sybaritismo sádico, corpo virgem, faz questão de leira, tomada á selva, quer primicias e, tanto que as colhe, vai por diante, abandonando o corpo profanado, e prosegue devastando regiões sem lembrar-se de que deixa atrás de si o deserto, o mortório, a seccura, o escampo — fontes mortas, rios dessorados, acervo de troncos apodrecendo ao abandono.

Temos, para exemplo de taes depredações, uma cidade que foi de fastigio—dil-o o seu proprio nome de antanho: Villa-Rica, que é hoje uma vasta necropole.

Quem visita Ouro Preto pasma, pelos escombros do seu solo, da grandeza que ali houve, do fausto que se ali ostentou em tempos idos. As entranhas de ouro foram carreadas e o corpo secco, delapidado da cidade-mumia, é um crivo de brocas, de minas, de lapas, de grotões, por onde se escoaram milhares para enriquecimento de uma côrte dissoluta e de fidalgos aventureiros.

Por tal specimen podemos imaginar o estado a que ficará reduzido o Brasil se, em tempo, não o procurarmos defender da ambição dos que o buscam com o mesmo interesse com que o mineiro se aprofunda na terra para extrahir, á força de destruição, o ouro nella contido.

Bilac, referindo-se á indifferença contemporanea

attribue-a á falta de um ideal que estimule os corações.

Em verdade quem viu o brasileiro nos grandes dias heroicos não o reconhece no homem de hoje. Houve, então, para alento e alvoroço da alma, dois ideaes que electrisavam os espiritos — a abolição e a Republica. Duas vezes levantou-se o povo em surtos que fizeram pasmar o mundo maravilhado: a abolição foi feita como uma festa domestica, com flores e cantos, e a Republica impoz-se, incruenta, ao som de hymnos, em uma transição suave como a da noite para o dia.

O SR. PEDRO MOACYR — A propaganda da Republica foi feita por um reduzido nucleo de tres ou quatro ex-provincias do imperio, nada mais, e realizada por um golpe de audacia de uma diminuta fracção do Exercito e da Armada.

O SR. COELHO NETTO — A propaganda, feita por quem fosse, deu o resultado que sabemos. Mas eu refiro-me aos ideaes de então, forças propulsoras e que de todo desappareceram.

O SR. PEDRO MOACYR — De accôrdo quanto aos ideaes, quanto á acção, não.

O SR. COELHO NETTO — Depois da abolição esperava-se que o homem, restituido á liberdade, reintegrado na sociedade, soubesse tirar partido dos direitos reivindicados. Mas a descida do eito foi uma decadencia — a massa dos libertos sahiu do captiveiro para a miseria tomando na calaçaria sordida um desforço do longo tempo de sujeição e, nas estradas das fazendas encontravam-se bandos ebrios,

enchiam-se as cidades de vadios e mendigos, atupiam-se os hospitaes de enfermos e a raça dos desvirginadores da terra perecia no vicio ou á mingua, incapaz de comprehender o beneficio que recebera, tonta, como deslumbrada com a Liberdade que lhe fôra concedida.

Com a Republica succedeu o mesmo: o povo que devia surgir para a gloria, agachou-se acabrunhado, como tolhido de espanto. E veiu o cataclysmo.

Vimos subverterem-se as energias da vespera e, com ella, no vortilhão, o espirito de nacionalidade; vimos estancar-se a iniciativa, sendo substituida pelos arranques da voracidade; vimos apparecerem, pullularem as negociatas inconfessaveis. Começou o paiz a viver das emissões, especie de banca franca dos governos. O povo, imitando o exemplo superior, entregou-se aos azares da jogatina. E surgiu a politica pessoal, a centralização, o açambarcamento do poder e essa politica de *trusts* creou a competição, lembrando o que se dava para a successão no templo de Diana, em Nemy, (como nol-o descreve Renan no seu famoso drama philosophico), cujo sacerdote, para ser legitimo, devia ter matado, com a sua propria mão, o seu antecessor. Na politica póde-se dizer que resurgiu a lei de Nemy, manifestando-se em desbaratos e em revoluções.

Ao lado disso que vemos? o favoritismo conculcando a justiça: severidade com o misero, condescendencia com o homem de casta; vemos a tradição postergada pela imitação; vemos a lingua pol-

luida de barbarismos, a titulo de elegancia; vemos a litteratura alheiando-se da terra, da tradição e dos costumes, decalcada em moldes exoticos; vemos os costumes severos de outr'ora conspurcados pela licenciosidade; vemos a instrucção diluida em ideias geraes; vemos os titulos scientificos vendidos ao balcão a preço infimo; vemos a religião desprezada, a moral posta em ridiculo como velharia que convem substituir por compostura.

O mal predominante, diagnosticado pelo poeta, é o *arrivismo*, essa ancia sofrega de chegar, de vencer a todo transe, com prejuizo do brio, da honra, com ancia apenas de gloria ephemera e... dinheiro.

E assim, solapada nos seus alicerces fortes, a sociedade começa a aluir, não por uma crise politica, mas, muito mais gravemente: por uma crise moral. E sobre a nossa inercia já começa a corvejar o interesse.

Ha dias, um dos nossos diarios, poz diante dos olhos da Nação um ponto negro pairando no claro céu do sul, sobre terras da nossa fronteira. Seria um vôo erratico ou adejo de exploração? Esperemos a resposta do futuro.

Diante da conflagração européa como se porta o nosso povo? acautela-se? previne-se? não, diverte-se e, parando ante os affixos dos jornaes, onde se referem os resultados das batalhas, gosa o novo esporte, commovendo-se com a victoria do seu partido com o mesmo enthusiasmo com que se agita depois do sorteio da loteria ou da victoria de um parelheiro.

Entretanto Montesquieu aconselhou, em palavras

presagas, o que os nossos homens deviam ter em mente:

«Lorsqu'on voit deux grands peuples se faire une guerre longue et opiniâtre, c'est souvent une mauvaise politique de penser qu'on peut demeurer spectateur tranquille; car celui des deux peuples qui est le vainqueur entreprend d'abord de nouvelles guerres, et une nation de soldats va combatre contre des peuples qui ne sont que citoyens.»

Os poetas, diz Emerson, são deuses libertadores. O poeta é aquelle que sente, aquelle que vê, aquelle que prega — o predestinado entre os homens.

Bilac, dos nossos poetas é o que a mais tem attingido na ascenção gloriosa. Do cimo da montanha de luz voltou a vista para a planicie e o seu olhar abrangeu toda a Patria. Um momento contemplou-a commovido, então, deixando na sarça de fogo a lyra de altos sons, desceu aos caminhos invios como o semeador do Evangelho: *Ecce exiit qui seminat, seminare.*

E que terreno escolheu elle? a leira virgem — o coração da mocidade.

O effeito das suas palavras foi como um milagre.

As terras resequidas, quando as favorece a benção das aguas celestiaes, repontam exuberes, cobrindo-se repentinamente de flores e de searas. Deu-sé o mesmo com as almas: onde chegou a palavra heroica do poeta levantou-se o enthusiasmo. O sopro divinc reanimou a faúlha que ainda jazia sob o cineral e a chamma expluiu, espadanou esplendida.

A pregação do poeta teve por thema o resurgimento da alma nacional.

E' necessario transformar, o que mais parece uma tribu desmoralizada por uma derrota, em nação, encaminhando-a a um destino, cohesa e consciente do que tem a cumprir. E onde quer o poeta realizar esse milagre, só comparavel aos que conseguiam, com materiaes secretos, os espagyristas da idade media? na caserna, como os gregos formaram nos gymnasios a alma olympica da sua progenie. E propõe como alvitre o serviço militar obrigatorio.

Allega-se e, fundadamente, que a Constituição cogita de tal principio, mas sem propaganda esforçada nada conseguiremos, porque, em verdade, não é por falta de leis que somos um povo desgovernado — temol-as de sobra, como temos riquezas — umas e outras, porém, jazem abandonadas.

O SR. PEDRO MOACYR — Sim, mas a verdade é que a providencia do sorteio militar unicamente, e V. Ex. tem talento bastante para concordar, não póde curar todos os males que V. Ex. tão eloquentemente acaba de descrever: crise economica, crise financeira, crise moral...

O SR. DUNSHEE DE ABRANCHES — Apoiado. E' preciso cuidar primeiro do principio da disciplina.

UM SR. DEPUTADO — Mas será com a applicação dessa medida que alcançaremos os resultados desejados.

O SR. COELHO NETTO — Sim, será com a

disciplina que alhanaremos o caminho para a marcha futura.

O SR. PEDRO MOACYR — V. Ex. ha de me perdoar. Caminho aberto pelas nossas leis, aberto tambem pela prédica dos politicos profissionaes, tão depreciados e feridos por certa roda de litteratos.

O SR. COELHO NETTO — Faça-me V. Ex. o favor de nomear alguns de taes litteratos.

O SR. PEDRO MOACYR — Não me refiro a V. Ex. que, como Deputado, é tambem politico pro fissional, ou presumido como tal.

O SR. COELHO NETTO — Se houve carapuças talhadas não o foram pela medida da cabeça de V. Ex. Dos politicos da primeira linha é V. Ex. um dos mais estimados. E prosigo, Sr. Presidente:

Com o serviço militar obrigatorio desapparecerá a distincção de classes, tantas vezes explorada pelos que têm interesse em enfraquecer a Republica. Nas democracias não ha castas, ha cidadãos e todo cidadão é um soldado da Patria.

Na hora em que o clarim lançar o seu appello deverão acudir á voz de guerra, todos os homens validos: este, deixando a charrúa no sulco da terra; aquelle parando a machina; esse fechando o livro; esse outro rematando a predica, accorrendo todos a cercar o symbolo sagrado.

Demongeot só exceptúa do serviço militar o infame. O soldado deve ser como um levita, tão puro que, na refrega, qualquer possa tomar das mãos

do alferes moribundo, sem profanal-o, o pavilhão vacillante, levantando-o no punho e rompendo com elle á frente dos exercitos.

A caserna é um filtro, disse excellentemente o Poeta e nella entrando rude, o homem passará pela escola, banhando-se em luz reveladora, para formar na fileira, onde se adestrará nas armas e, assim, consciente, com a alma limpida e temperada em energia, hombreará como igual com os que venham de mais alto e dar-se-á o nivelamento, estabelecer-se-á a igualdade na vida diante da bandeira, como se estabelece na morte, diante de Deus.

Eis a pregação do Poeta para a redempção da Patria. E fel-a o vidente com palavras aladas que voaram ás extremas do paiz, levantando as almas num *Sursum corda* admiravel.

E ouviram-no todos: os rusticos e os instruidos; velhos e moços, mulheres e crianças, e tal foi o estremecimento do enthusiasmo que sacudiu o paiz que estou em dizer que o ouviram e sentiram as proprias coisas inertes, como na Thracia as pedras e o arvoredo escutavam e sentiam os cantos de Orpheu ou Arpha, que tanto vale dizer: o que cura pela Luz.

Canto orphico, hymno de redempção, foi esse entoado pelo poeta das *Sarças de fogo,* cuja palavra sonóra refulge e vibra em todos os episodios grandes da nossa historia contemporanea: palavra que foi canto piedoso na campanha abolicionista; palavra que foi epinicio na propaganda republicana e que agora

sôa como um hymno de resurreição no desanimo que nos acabrunha, na anarchia em que nos debatemos.

Que essa palavra floresça, o fruto virá e opimo. Mas, para que a primavera possa operar na sementeira, é necessario que lavremos o terreno, imitando o procedimento do semeador egypcio quando desembarcou nas terras agras da Achaia.

A sorte do Brasil está no livro. Sem elle continuaremos a errar desorientados. Accendamos na alma do povo a constellação de Cadmo e tudo virá pelo clarão: virá a disciplina, virá a energia, virá a grandeza, virá o patriotismo, que é a consciencia civica.

Soldado é força, mas a força inconsciente devasta e educada é docil e social.

Creemos o brasileiro na escola do civismo, para que elle proprio are e semêe a sua terra, explore as suas minas, sulque os seus mares, ascenda aladamente aos seus céus e, na hora suprema, tenha força, destreza e heroismo para defender a sua casa, onde tem a honra, e a Patria onde se desfralda, como symbolo sagrado, a nossa bandeira augusta.

Na sessão de 4 de Junho de 1917

O SR. COELHO NETTO. — Sr. Presidente, assim como os devotos, ao passarem por uma capella, ainda que em ruinas, não só se descobrem e prosternam, como deixam no gazophilacio o obulo das suas posses, assim, nos dias sanguineos de hoje, quem olha o que foi o templo do Direito, que não é mais que destroços, ardendo em chammas altas com o deflagrar dos obuzes, detem-se, consternado, e amaldiçôa o discolo, réu do execrando attentado, e nem por haver sido precedido por entes privilegiados deve calar o seu anathema, porque nos córos entram todas as vozes e são ellas que, soando em unisono, formam a harmonia dos hymnos.

Entre nós vem, de ha muito, retumbando a voz grandiloqua de um «monstro» — dou-lhe o titulo que Eschynes lançou, como immarcessivel corôa, á cabeça de Demosthenes — ella fala por nós: E' a palavra da Patria, é a voz da America, é o verbo da Consciencia Humana, que relumbra, enchendo céus e terras de claridade. E' a voz de Ruy Barbosa.

Elle fala nas alturas, eu discorrerei na terra

chan; elle, dentro do proprio templo, como sacerdote, que é, da Lei augusta; eu, no prónaos, como crente; elle, forte, para o mundo; eu, simplesmente para a minha consciencia; elle, como quem préga; eu, como quem ora; mas as nossas palavras vão ao mesmo fito — a delle, como raio, a minha como frécha, e o fito é o Barbaro.

Ha muito que o meu coração lidava commigo para que eu me manifestasse nesta tribuna—porque em outras já o tenho feito—lançando contra a barbarie o protesto de um homem que nasceu e, até hoje, tem vivido na doçura da paz e que della vê subitamente o mundo orfanado pelo povo que se inculcava o creador de uma nova fórma de civilização, a kultur, e que outro não é senão a progenie dos barbaros, cujos costumes Tacito nos deixou descriptos.

Eram o asylo de taes homens as florestas e nellas, vivendo á bruta, cobertos de pelles, ataviados de louçainhas truculentas — que ainda hoje se perpetuam na caveira do *kolbach* dos Hussards da Morte, — preferiam ás cabanas as covas que faziam, cobrindo-as de um tecto fetido de estrume. O seu culto era o da guerra, e emquanto o homem não se apresentava na tribu com os despojos de um inimigo morto, não tinha o direito de cortar a barba e vivia refugado a um canto, sem o respeito dos varões, sem o carinho das mulheres.

O juramento era prestado, não sobre as aras, sempre viscidas de sangue, mas sobre a lamina da «framea» e, se tinham de manifestar-se, reprovavam

com o silencio dando a approvação em som de guerra com o entrebater frenetico das armas.

Esse povo, cujos deuses eram ferozes, cuja religião era um sacrificio perenne de sangue, cujo canto era o *bardito* rouco, cujo ideal era a chacina, despejou-se na Europa em enxurdo, durante os derradeiros dias de Roma e, alguns historiadores, naturalmente acamaradados com Tuisto, acham que tal invasão foi benefica porque transfundiu nos povos dessorados pelos vicios languidos, um sangue novo e sadio.

Discorda Littré de tal affirmativa dizendo, e com acerto, que «a invasão barbara deve ser considerada como um dos factos mais graves da pathologia historica».

Da fusão hybrida do vicio e do crime, da lascivia e da crueldade, da sêde de vinhos e da sêde de sangue devia sahir essa monstruosidade apocalyptica, que construiu uma cidade de ferro: Essen, forja vulcanica a serviço da ambição de uma raça de reprobos, lustrados de cultura como os idolos eram recobertos de ouro, mas conservando, no intimo, as mesmas entranhas vorazes, como a do seu deus Loke.

Essa é a raça na qual rebentam, em sobrevivencia atavica, todos os furores germanicos; essa é a raça da Prussia, o Erebo do mundo.

Durante quarenta e dois annos, recolhida no seu fojo com o resgate da França, que lhe accendeu a cubiça avara, como o ouro do Rheno a accendera nos Nibelungen, que, por elle, se anniquilaram, a Allemanha não fez mais do que pensar na guerra,

enlevada no sonho ambicioso da germanização do planeta e toda a sua actividade foi dirigida ao mesmo escopo, que era o programma do Kaiser: a apotheose sanguinolenta com que elle pretendia encerrar o seu governo, como unico senhor da Europa, senão de todo o mundo.

E, aforçuradamente, começaram a trabalhar as grandes fabricas de aceiro; os arsenaes e as alfagemerias; os chimicos encerraram-se em laboratorios, e, sempre que conseguiam alguma combinação mortifera, esfregavam as mãos e iam levar a formula a Guilherme, e, espalhando-se pelo mundo, sob varios disfarces, a espionagem introduzia-se nas cidades condemnadas, immiscuindo-se na vida social e politica, na intimidade dos lares, até nos templos e nos mosteiros: era a proliferação de Ulysses, aqui, como professor, além como musico, como criado, como mesteiral, como frade, como mecanico; no commercio, na industria do vicio e ahi Ulysses cedia o posto á Holda degenerada, para que o exercesse com a seducção devassa.

Taes tentaculos tudo esmerilhavam e, entre elles, tinha lugar preeminente o caixeiro-viajante, que, com as azas e o pétaso de Hermés, ia a toda parte lançando a mercadoria e fazendo a espionagem por conta do Imperio perfido.

Eram verdadeiras minas de traição espalhadas pela terra, e na hora em que a Allemanha astuta sentiu a sua grandeza militar bastante para avassalár o mundo, abalou-se sob um pretexto futil.

Pondo-se em marcha, com as armas apontadas

ao coração da França, não cuidou a Allemanha arrogante que os pequenos Estados, que lhe ficavam em caminho, ousassem obstar-lhe a passagem e assim investiu com o Luxemburgo, como um ladrão que saltasse uma sebe florida, e, atravez de um jardim, ganhasse a estrada real. Mas, ao estrondo das armas, sahiu á fronteira a figura delicada da Gran Duqueza e a horda, um momento, estacou surprehendida, diante daquella fragilidade que, com um aceno da mão pequena e invocando, em seu favor, o direito, ousava deter a arremettida das divisões.

Mas para os Generaes prussianos nada significava o protesto com que a Princeza temeraria se atrevera a sahir do seu gyneceu para defrontar-se com a invasão. E o Luxemburgo foi atravessado, sendo a sua destemida defensora arredada do caminho pelo primeiro uhlano que rompeu a marcha.

Então appareceu, dentada de chaminés apendoadas de fumo, a Belgica laboriosa. O povo heroico não se arreceiou da força immensa que avançava cerrada, com scintillações de aço: fiava-se nos tratados que a Allemanha firmára com a propria honra. Mas os tratados foram, ali mesmo, rôtos e, sobre os pedaços, em que se podiam vêr as armas imperiaes, rolou a artilharia, desfilaram os infantes, estropearam os cavallarianos de Guilherme.

Foi então que surgiu a figura épica do Rei Alberto, Principe que se immortalisou como o depositario da Honra do Povo e da tradição de nobreza da sua patria, preferindo correr com ella os perigos e as angustias da guerra a ultrajal-a ignominiosa-

mente com um acto de fraqueza. E a Belgica deteve a invasão.

Bem sabeis quão tristes foram os dias em que ella, sem attender ao numero e á força do inimigo, lutou pelo direito, não com a espada trucidante de Arés, mas com o gladio de Athena, que é a Ordem, a Justiça, a Força, mas amparada na razão.

Mas a Allemanha passou, como um cataclysmo, e, combatendo furiosamente, com odio, a rude gente levou tudo de vencida. Os obuzes, que os seus canhões vomitavam, iam a todos os cantos, destruindo, incendiando, inficcionando. E, assim, foi na Belgica industriosa e pacifica, que ella começou a executar o seu programma nefando, tudo levando a ferro e fogo.

Assim guerreou o passado, destruindo obras de arte, bibliothecas e museus onde jazia o espirito das grandes éras primeiras; assim guerreou o presente, pelo ataque aos lares, ás officinas, ás fabricas; assim guerreou o futuro, devastando academias e escolas. As florestas — e a Allemanha defende as arvores do seu sólo como defende o homem, senão com mais vigor, porque as sabe preciosas e necessarias ao equilibrio da vida — as florestas belgas, entretanto, ella as abateu, incendiou para esterilizar a terra e estancar nellas as fontes, e ficaram estendidos, com os cadaveres dos soldados, os cadaveres dos troncos.

As searas arderam, os rebanhos foram tocados para a retaguarda do grande exercito — não ficou miga de pão na ucha do camponio nem riqueza em

palacio. As igrejas vieram abaixo, ruiram as cathedraes e começou, então, a infamia.

Os salteadores sentiam éstos de volupia e, depois de copiosamente beberem nas adegas, onde se installavam, sahiam a cevar-se e era então o rauso, era o estupro, era a violencia, e quem se atrevesse a contel-os era posto de encontro a um muro e summariamente fuzilado.

Então começou o exodo triste e, no tumulto dos que fugiam espavoridos, viam-se crianças com os punhos sangrando, porque lhes haviam decepado as mãos, outras que erravam aturdidas, pronunciando nomes queridos, velhos sem amparo, loucos que gargalhavam e choravam e, atráz, avermelhando o céu, o incendio das cidades arrazadas.

E a Allemanha proseguiu pisando, como vencedora, a terra da França. Ahi, porém, encontrou o «soldado de Deus» e, para combatel-o — oh! a sobrevivencia dos costumes barbaros — alapardou-se em trincheiras, como os Germanos, seus maiores, encafuavam-se em covas, atolando-se em lameiros.

Foi ahi em França que mais se intensificou a furia germanica e esses soldados, em cujos capacetes aponta, como um chavelho demoniaco, um espiculo de lança, levaram a guerra á morte — invadindo cemiterios e destruindo sepulturas, desenterrando ossadas, com o que pareciam mais um bando de hyenas afuroando carniça do que homens em luta contra homens.

E não só profanaram altares e sepulchros, como ainda polluiram o espaço e o abysmo — o espaço,

lançando por elle o zeppellin, essa lesma; o abysmo, acardumando-o de submarinos, corsarios que operam, munidos da «carta de marca» que lhes dá o Kaiser.

E não é tudo. Que os olhos sigam o vôo dos aviões germanicos — são as cotovias com que elles acodem á fome das populações em miseria e vêde que do céu, assim como descia o manná, em Pharan, para sustentar Israel, descem confeitos e taes confeitos, como se viessem dos Borgias, apanhados pelas crianças ou matam-n'as instantaneamente, em contorsões atrozes, ou vão matal-as depois, porque a amendoa que levam não é senão uma cultura de peste. E assim a Allemanha guerrêa em terra, avançando precedida de uma columna de gazes asphyxiantes, que é a vanguarda covarde dos kolossaes da Kultur.

E no mar? Cômo se mostra ao inimigo? Só depois de o haver ferido.

Tocaiado na onda, o submarino espera a passagem do navio, venha elle de onde vier, belligerante ou neutro, transporte de guerra ou hospital, cruzador ou barco mercante, alveja-o e fere-o no flanco.

Emquanto o sente capaz de reacção não emerge, deixa-se estar no mergulho insidioso; tanto, porém, que o vê adernar afflue e, á distancia, com toda a maruja no dorso, o submarino quéda como um cetaceo ao sol e sobre elle a companha ri, commenta a angustia dos que sossobram e até que o navio ferido se subverta nas aguas não cessa a bambochata.

E quando os barcos de salvação se fazem ao largo, desprovidos de tudo e sem rumo, uma gargalhada atrôa os ares e o submarino volta ao abysmo para nova presa, logo que aviste navio em rumo tranquillo e descuidado.

E hoje, no fundo do mar, ha bandeiras de quasi todos os paizes e quem navega, homem da Europa ou da America, da Asia, da Africa ou da Oceania, se é verdade o que conta Renan da cidade de Is que, havendo desapparecido nos mares, ainda se communica com os da terra pelo bimbalhar dos sinos das suas igrejas, que o pescador bretão escuta transido de medo supersticioso; se é verdade que a vida continúa mysteriosamente no fundo do mar, os que navegam, em dias de calmaria, hão de ouvir as vozes saudosas dos que desceram ao barathro colhidos na traição germanica.

E nós, ainda que nos houvessemos mantido em neutralidade, tres vezes ouvimos as vozes dos que se submergiam, tres vezes vimos afundar-se nas aguas o nosso pavilhão.

O mar, campo livre, tornou-se a estrada de pilhagem dos corsarios allemães — não ha lei, não ha honra, não ha garantia, e domina a traição. Assim como na Idade Média o mundo christão se ajuntou em exercito, confundindo bandeiras e pendões, para resgatar das mãos do Turco o Santo Sepulchro, assim agora congregam-se as nações para resgatar da tyrannia alleman a Humanidade e o Direito.

Os eleitores do novo regimen são as nações

da «Entente» e votam pela redempção do Homem com as cedulas gloriosas, que são as suas bandeiras.

Nós não haviamos entrado em tal suffragio, ainda que nos sentissemos attrahidos por elle, quando fomos attingidos pela affronta alleman. Ainda contemporisamos.

Eis, porém, que a America, cujos sentimentos de paz são conhecidos, desde os seus dias primeiros, enunciados pelos seus politicos, pelos seus poetas, pelos seus philosophos, como Emerson, muitas vezes alcançada pelo dardo, surge de pé e, armada em nome do Direito e da Humanidade, entra na guerra levando como cartel essa nova «Carta Magna» que é a mensagem Wilson.

Os termos de tal documento fizeram vibrar os nossos corações e o Governo da Republica, solidario com a grande nação e, por ella, com a civilisação, agiu digna e corajosamente, mandando a nossa bandeira ao conselho dos justos, ao tribunal de honra que ha de julgar o povo que é réu perante a historia, perante a humanidade e perante Deus.

A essa nação que ahi vem, em navios da sua frota, que são como pedaços do seu proprio territorio, diz-me o coração que devemos dar uma alta prova, e bem significativa, da nossa estima tradicional e do accôrdo em que com ella nos achamos, na acção em que se debatem o seculo e a humanidade.

Vamos vel-a em som de guerra, nós que a sabemos pacifica. Façamos votos para que a visita que ella agora nos traz seja, em breve, seguida de outra, não em navios como os que vêm pesando nas

aguas com as armas poderosas, mas em outros que venham ao sôpro dos ventos galêrnos, trazendo as riquezas da terra e o trabalho dos homens.

A Idade Média durou dez seculos — foi longo o inverno; nem por isso a sementeira classica pereceu. Accendeu-se uma luminosa manhan, cantaram os trovadores, soaram os sinos, reviçaram as searas, cobriram-se de novo as pasturas de rebanhos, alegraram-se os lares e desappareceu a fome com a abundancia das colheitas, remittiram-se as pestes, voltaram os evangelhos aos altares sem receio dos «wikings», reoccupou a mulher o solio domestico, reabriram-se as escolas, o livro espalhou-se á larga e Dante surgiu, fechando com a «Comedia» o cyclo do pavor. Foi o Renascimento.

Havemos de ter em breve o nosso. As forças reunem-se para o combate aos demonios oriundos da Floresta Negra. Já se annuncia a alvorada, repontam os novedios e, entre elles, vejo um, de folhas pallidas, folhas da planta de Minerva, a oliveira da paz.

Esperemos que ella cresça — bem regada tem ella sido a sangue e lagrimas.

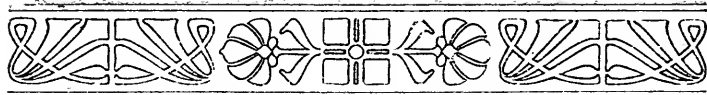
Ha de vir forte, ha de vir formosa e ficará, talvez, eterna, acolhendo á sua doce sombra a familia humana, que poderá então adorar o seu Deus, cultivar o seu campo, abastecer o seu lar alumiado e alegre, sem receio de lobos que a venham assaltar na treva.

Hoje aos irmãos de armas, para que sejam bem vindos, e amanhan e em todo o sempre aos hon-

radores da humanidade, aos defensores do direito, aos pacificos cultivadores da terra e glorificadores do tempo, boas vindas!

Peço a V. Ex., Sr. Presidente, que receba e submetta á Camara o requerimento que vou ler.

«Requeiro que a Mesa da Camara Federal nomeie uma commissão de 21 dos seus membros, destacando-os de cada um dos Estados da União, para que a represente na chegada, a este porto, da esquadra que o demanda, prestando, assim, com a acolhença de amizade que lhe é devida, homenagem á bandeira que desfralda, que é a dos Estados Unidos, nação pregoeira e defensora da autonomia da America, em cujo escudo estrellado agora refulge, como distico, o aphorismo augusto de Wilson: «O direito é mais precioso do que a paz.»

(Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado).

NA SESSÃO DE 25 DE AGOSTO DE 1917

O SR. COELHO NETTO — Sr. Presidente, a data de hoje, festiva no Estado Oriental do Uruguay, é-nos particularmente grata pelos vinculos de amizade que temos com essa Nação, pela estreita ligação moral que temos com esse povo.

Eu, que tive a fortuna inesquecivel de, em viagem que fiz ao sul da minha Patria, atravessar o territorio do Estado Oriental, vi que não são vans as palavras dos autores que affirmam que as duas nacionalidades, tão intimamente unidas, presas no passado e caminhando juntas, irmanadas, para o futuro, continuam ligadas geographica e espiritualmente.

Atravessando à fronteira do Rio Grande do Sul, e penetrando no Estado Oriental, de modo algum me senti hospede naquella terra. Acompanhava-me a tradição da minha Patria, seguiam-me os seus costumes, revia em todos os lares os seus habitos, a religião era a mesma, e, ainda mais, as proprias linguas como que se revesavam, porque, se no Estado Oriental se falava o portugues, no territorio da minha Patria, em intimas conversas, soava, por

vezes, o hespanhol. Havia como affluencia e refluencia das aguas de dois rios, misturando-se no curso e soando o mesmo murmurio.

Taes ligações crêam a amizade, e, no dia de hoje, em que esse povo celebra a sua maior data nacional, é justo que o povo brasileiro, que com elle tem communhão nas horas de soffrimento e nas horas de alegria, por intermedio desta Casa se communique com a Camara dos Deputados do Estado Oriental, em um voto de congratulações.

E' o requerimento que faço á Camara, em breves palavras, pondo nellas o meu enthusiasmo, e toda a admiração que me merece aquelle povo, pela sua actividade, pela sua cordura, pelo seu espirito de iniciativa.

Hoje, que todo o mundo, conflagrado, escabuja em sangueira e em fogo, conforta, a nós americanos, volver os olhos para esse pequeno paiz. *(Apoiados.)* Lá, o pastoreio continúa tranquillo, na verdura dos campos largos, onde avultam, em ondulações titanicas, as raizes das nossas serras; sob a ramada, o pastor, á imagem do antigo, como nol-o pintam nas paginas do Evangelho, guarda o seu armentio, apascenta os seus rebanhos, carda-os, munge-os, leva-os ao córte, sereno e cantando, em som de paz.

Em extensões louras e ondulantes o que a vista alcança é o campo feracissimo de seara triga; mais adiante as vinhas pampinosas. Ahi temos a eucharistia completa: o pão da hostia e o vinho da transubstanciação. E' assim que essa pequena terra de trabalhadores e de heróes, que não se pre-

occupa senão com o seu progresso, dá exemplo ás velhas nações, que se batem e se trucidam, continuando a mourejar pela fortuna propria e ainda para acudir aos que trocaram o arado pelas armas no horror da grande carnificina.

Que Deus sagre a America sob o ramo pacifico da oliveira; que tenhamos sempre em nossa companhia exemplos como o desse pequeno torrão. Que elle seja um estimulo, elle, tão novo, para os anciãos que se degladiam; que elle continue a florecer: nos campos, dando o pão, o leite, a carne e o vinho; nas fabricas, desenvolvendo as industrias; nas escolas, aprestando o amanhan; nas suas academias apurándo a cultura da sciencia; na tribuna, prestigiando a lei; no amphitheatro, estudando a vida; e impondo-se na arte da palavra, com poetas como Reiscig e San Martin, prosadores como Rodó e Xavier Viana; fecunda na sua politica de paz, na qual sobresahem os novos, em cujo coração arde um ideal robusto, como no desse que, em breve, dirigirá, com punho forte, os destinos do Uruguay, Dr. Balthazar Brum, nosso hospede de hontem e nosso amigo cordial de sempre. *(Muito bem; muito bem).*

O Brasil, que tem na sua historia uma parte dos fastos da Republica Oriental do Uruguay, felicita-a hoje, estendendo-lhe fraternalmente a mão.

Que a fortuna continue a fazer prosperar a Nação que se associa á nossa pelas fronteiras e pelos sentimentos dos seus filhos, são os votos que faço desta tribuna. *(Muito bem; muito bem. Palmas no recinto. O orador é vivamente cumprimentado.)*

Segunda Parte

Discursos Litterarios

Discurso pronunciado na Associação dos Empregados no Commercio, na sessão solemne celebrada pelo Aero Club Brasileiro em homenagem a Santos Dumont, a 25 de Maio de 1916.

Meus senhores

Os dias que passam são os maiores do Tempo. Nunca a arvore de Saturno produziu frutos como os que as Horas rapidas agora recolhem para o celleiro da Historia. Dir-se-á que os ponteiros do relogio olympico são os proprios raios de Zeus. Chronos adaptou ás espaduas as seis azas possantes dos Kerubs e bate-as violentamente em vôo vertiginoso.

O homem agita-se no turbilhão e, assim como a roda compacta do carro aryano dava uma volta lenta em um minuto e as rodas das locomotivas, em tempo igual, fazem duzentos e trezentos gyros, assim o homem contemporaneo percorre em um dia uma escala de emoções que encheriam, á farta, a vida, quatro e cinco vezes centenaria, de um beato patriarcha biblico.

O mundo vai-se tornando acanhado para o ser que o habita. A terra é tida por estreita na superficie e raza na espessura para a insaciavel ambição do seu explorador; os mares entulham-se de naves; os rios não bastam para a rega das lavouras, para o trabalho das usinas e para a sêde dos

animaes; as arvores são poucas para dar sombra, fruto e lenho; exigem-se mais rebanhos e mais trigo para os mercados e na vida, cada vez mais facilitada com a industria, sempre esperta em inventos e applicações, que multiplicam o trabalho e abreviam a actividade, começa a haver penuria e o clamor dos que soffrem frio e fome atrôa desoladoramente.

O homem olha em volta de si procurando sahidas, reclama espaço, andito mais amplo, ar mais puro, mais dominio onde impére. Mas os pólos oppõem-se-lhe com os seus muros de gêlo: a terra deu o que tinha e os mares já não occultam surprezas. E o mundo começa a parecer um presidio.

Os mappas são folhas mortas, o globo é uma colmeia onde não ha alveólo vasio e, em cada aivado, uma sentinella defende a passagem com o aguilhão mortal.

Entretanto, o enxame cresce, multiplica-se, pullula e cada nascimento traz um concorrente avido e novas necessidades: mais uma fome reclamando cibo, mais um desconforto requerendo lan, mais uma energia pedindo campo, mais uma imaginação aspirando a triumphos. E é preciso viver e, para viver, lutar.

O forte acalcanha o fraco e passa-lhe sobre o corpo e é por cima de humilhados ou de cadaveres que se chega á fortuna ou á gloria.

E' rompendo por um Mar Vermelho de sangue que os novos israelitas caminham para Chanaan.

A éra é da Força. A Razão e o Direito valem tanto como o primeiro casal que foi expulso

do Éden por um anjo armado. Hoje governam os filhos de Cain e Túbal, o ferreiro, é rei na sua officina lugubre, onde chispam limalhas e correm rútilas caudaes de aço.

Cain e a sua progénie abrem a marcha brandindo armas e agitando fachos incendiarios e, se derrubam cidades, se devastam florestas e searas, se arrazam igrejas e monumentos de arte, se depredam, se conspurcam, se profanam, contam que a victoria os resalve e absolva, mundificando-os, como um banho lustral lava as nodoas do crime.

Assim, pois, é preciso ser forte para poder ser humano. Querer que se respeite uma ára, onde apenas ardem cirios bentos, é utopia. Todos os principios do Bem, desde a Fé até a Honra, devem escudar-se em força e assim, em vez de cirios, cerque-se o altar de baterias; em vez de ondas de arómatas envolva-se o santuario em fumo de explosivos; em vez de antiphonas e psalmos cantem-se hymnos heroicos e os sacerdotes imitem aquelle esforçado arcebispo carolino, o bellacissimo Turpin que, em Roncesvalles, confessava e ungia os guerreiros moribundos tendo por mitra um elmo e, á mão, por báculo, um montante.

Só apoiando-se na Força poderá o homem, d'ora em diante, viver no mundo tumultuario, tranquillo na Patria e senhor no seu lar, salvo se dessa guerra monstruosa surgir a Paz com uma nova formula de Humanidade, reintegrando no templo da Concordia o casal de banidos: a Razão e o Direito.

E praza a Deus que assim seja. Então a

immensa purpura estendida nos campos de batalha, como tapete da Guerra, absorvida pelo sol, formará no oriente, diluida em ouro, o rosicler da madrugada do segundo Renascimento.

E desse Renascimento serás tu, nos tempos vindouros, apontado como um dos annunciadores, homem predestinado, filho da terra verde e pupillo dos céus azues, caminheiro no solo e itinerante nas nuvens; tu, que realizaste o idéal nascido no espirito do primitivo na madrugada do mundo quando, no Paraiso, levantando os olhos deslumbrados, viu a aguia ali-potente atravessar o espaço e viu lançar-se, dentre os trigaes, cantando, a cotovia, mariposa do sol.

No dia em que, rompendo os ares, entraste aladamente na Historia pela porta azul do Ether, privativa dos deuses, o mundo fremiu num estremecimento de espanto. No fundo da terra agitou-se a ossamenta millenar dos Atlantes atrevidos, que succumbiram na tentativa da escalada do céu, e, em alvoroço, surgiram da Poesia e da Lenda, formando alas á tua passagem, todos os aérides imaginarios, desde Pegaso, o alerião de Pallas, até Icaro, o mancebo imprudente, que investiu com o espaço fiado em azas de cera; desde o Menippo de Luciano até ás apsáras dos luares da India, desde Elias no seu carro de fogo, até Brunhilda no seu árdego ginete, desde as fadas e os genios até as bruxas mediévas.

E subias librando-te nas azas, realizando a su-

prema aspiração do Homem desde que, com o peccado, deixára de ser anjo, ficando preso á terra na vida e na morte. Vieste resgatar o crime de de Eva, quero dizer: a curiosidade humana; curiosidade, seiva da arvore do Paraiso, seiva com a qual fizeste o licor sagrado que foi, ao mesmo tempo, o oleo da tua lampada de estudo e o estimulante do teu genio altivo.

Foi no lenho dessa arvore que os phariseus falquejaram a cruz de Christo; com esse mesmo lenho fizeste o teu symbolo de redempção.

Visto da terra, pairando, o teu apparelho assemelha-se á cruz messianica, tal como a viu Constantino, quando a tomou por labaro: *In hoc signo vinces*. E com elle venceste.

Subiste da terra baixa, em alôr de aguia, e, á medida que se abrumava na distancia a geographia dos ephemeros avistavas as cordilheiras deslumbrantes do Empyreo, onde cada estrella é um mundo e onde correm rios como a Via Lactea, cujas arêas diamantinas são germens cosmicos.

Ias por mares nunca dantes navegados em direitura ao sol, que era a tua tramontana, levando para a região das nuvens uma signa da terra. A tua flammula de almirante elyseo era a bandeira auriverde, onde refulgia o Cruzeiro, como prenuncio da victoria que lhe estava reservada no céu.

Antes de ti outro brasileiro, Bartholomeu de Gusmão, talvez pela constancia na ascese, quiz, um dia, subir a Deus com as orações e imaginou a Passarola, para:

«Voar! varrer o céu com as azas poderosas
Sobre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
Os continentes de ouro e fogo da amplidão!...»

Ainda era cedo. A ave pedia tempo para desempolhar-se. Mas o sonho do solitario multiplicou-se e os ares encheram-se de espheras, houve um fervilhamento de aerostatos: era a poeira da Terra que se levantava e o Poeta, vendo-os ir e vir, como átomos ao sol, saudou-os num canto excelso no qual resôa, propheticamente, a boa nova da tua vinda:

Oh! franchir l'éther! songe épouvantable et beau!
Doubler le promontoire énorme du tombeau!
Qui sait? Toute aile est magnanime:
L'homme est ailé. Peut être, ô merveilleux retour!
Un Christophe Colomb de l'ombre, quelque jour,
Un Gama du cap de l'abîme,

Un Jason de l'azur, depuis longtemps parti,
De la terre oublié, par le ciel englouti,
Tout à coup, sur l'humaine rive
Reparaîtra, monté sur cet alérion
Et montrant Sirius, Allioth, Orion
Tout pâle, dira: «J'en arrive!»

Mas que podiam fazer taes germens não incubados? Os balões eram captivos, como são inertes os ovos das aguias nas achegas dos ninhos.

Rolaram silenciosamente os tempos que fecundam e na terra ousada dos bandeirantes nasceu o esplendor do Excelsior, que és tu.

Ainda menino, quando os da tua idade corriam pela terra, tu seguias no ar o vôo dos passaros. Cresceste como Hermés: com azas na cabeça.

Deixando o sólo nativo, buscaste um ponto da terra de onde pudesses ser visto por todo o mundo; esse ponto foi a cidade por excellencia, a Athenas de Genoveva e de Joanna d'Arc: Paris.

Um dia appareceste como Hercules infante, não trazendo a serpente estrangulada, mas arrastando uma larva estranha. Cavalgaste-a e o verme deixou de rastejar e voou.

Não o aceitou o azul, a nuvem repelliu-o, o vento enrolou-o em caracol e o verme tornou á terra baixa.

Recolheste com elle ao mysterio, á espera da metamorphose e, quando reappareceste, trazias a borboleta, com as azas de Psyché e com ella subiste. Foi a tua primeira victoria. Mais um dia e o insecto olympico, reforçado, partiu da terra em arranque.

Voaste, então, sereno, não como a pluma que fluctúa e oscilla, sobe e desce, a esmo, mas como ave que inflecte direita ao rumo ou como os navios encantados dos pheacios, «que pensavam, atravessando rapidamente os mares, nublados de nevoeiros, sem temor de perigos».

A tua obra está feita. Com ella conquistaste

o Espaço e o Tempo. Foste o primeiro a entrar no azul: bebeste nas nuvens, passaste pela forja dos raios e foste além, onde o ar é puro como a agua nas fontes.

Tu só, com o teu genio, realizaste o sonho de Prometheu e, domando o abutre que lhe roía o figado, fizeste delle o teu corcel aéreo. Conseguiste o que projectaram as raças orgulhosas construindo a torre babylonica.

O que não logrou o Atlante nem obtiveram as tribus atrevidas, tu realizaste num surto.

Quizeste dar ao homem o illimitado, pensaste em supprimir as fronteiras tornando o espaço commum a todos, como a nave de uma igreja. Soltaste uma pomba de alliança, e eil-a mudada em corvo carniceiro.

A culpa não é tua, creador maravilhoso, a culpa é de Satan, o Espirito do Mal, que deforma e denigre todas as boas obras.

Dá-lhe a Fé e elle a mudará em superstição; dá-lhe a Esperança e vel-a-ás tornada em avidez; dá-lhe a Caridade e elle a transformará em Vaidade e, assim, a oração será sortilegio, a aspiração será ganancia, e a esmola a mais vil das affrontas.

E são estas as tres virtudes theologaes que formam a Trindade por excellencia da Misericordia christan.

Tu creaste a Harmonia, o Mal fez della a

Discordia e do que offereceste á Paz fez o Demonio arma de guerra.

A larva que rejeitaste, recolhida do lodo e alimentada a explosivos, mudou-se nessa ignominia — o «zeppelin», lesma torpe que pollue as nuvens espalhando da altura sobre cidades inermes a sua baba incendiaria.

Creaste a cruz alada, a Guerra mudou-a em dardo e, das azas que deste ao homem, reintegrando-o na angelitude, tirou a mesma Guerra as pennas para as frechas com o que o mata, tantas que, como as de Xerxes, obscurecem a Civilisação, que é o sol.

Teve a mesma sorte o passaro da fábula:

Mortellement atteint d'une flèche empennée,
Un oiseau déploroit sa triste destinée,
Et disoit, en souffrant un surcroît de douleur:
Faut-il contribuer à son propre malheur!
Cruels humains! vous tirez de nos ailes
De quoi faire voler ces machines mortelles!

Mas não maldigas a tua obra. Puzeste-a no céu, deu nella o sol e tanto bastou para que lhe sahisse do corpo a sombra e foi por esse debuxo que se fizeram os seus contrastes, os vulturinos que enxameam os ares, voando entre o fumo das batalhas e as nuvens.

A revoada dos passaros de França sahiu toda do teu aviario e é ella que, neste momento tra-

gico, guarda a Civilisação, protege a Arte, defende a Honra, garante o Direito, vigiando do alto o inimigo alapardado em trincheiras, mettido no ventre das lesmas funambulescas ou no bojo dos submarinos, que são como reflexos da sevandija aerea.

Não maldigas a tua obra. Déste ao homem uma nova energia, a aza, e, com ella, o dominio além da terra e dos mares. Póde elle agora fazer a volta do mundo sem tocar na crosta nem pousar na onda.

Tornaste em realidade a fantasia de Aristophanes, essa cidade etherea chamada Nephelecocygia e hoje, acima de todas as nações, circulam voadores, evoluindo em bandos como as andorinhas na primavera.

Só um paiz conserva ainda o seu azul deserto, e esse é justamente o ninho das aves heroicas, de onde sahiu o intrepido «Passarinheiro».

Esse paiz é o teu, é o nosso, é este: o Brasil.

Déste-lhe a gloria e com isto elle ficou contente e dorme sobre os louros. Queira Deus que o não despertem vozes arrogantes.

Paiz do absurdo: fundado em minas opulentas, é pobre; emmoldurado em ouro e em prata com os dias de radioso sol e as noites de argenteo luar, é triste; cortado de rios caudalosos, estala de sêde; coberto de florestas densas, pede o lenho ás silvas estrangeiras; as suas terras ferazes não produzem para seu sustento.

Vendo-o, assim resplandecente e rico, a escon-

der miseria, vem-nos á lembrança a mascara de ouro das mumias de Mycenas.

O homem arde em sonhos e não se decide por uma iniciativa; livre, caminha com a submissão do ilóta; ousado, retrahe-se em timidez, resignando-se a ser hospede na Patria, obedecendo, quando devia impôr. E' um deslumbrado e, por ter os olhos sempre no Além, desconhece o que o cerca, descuidando-se do que lhe diz respeito.

Bem sabe elle que os aviões são hoje a cavallaria do espaço, mais forte que a das «walkirias», recolhedoras de heroes. Que importa o nuvrejão de aves tragicas? Quem dorme é como quem está morto — não vê os corvos que chegam.

Quem tirará o Brasil do torpor em que jaz?

A ave sahe de madrugada, vai ao cibato e ao corrego, pousa no ramo em flor, onde scintilla o orvalho, espaneja-se ao sol, abala em frecha para o silvedo e, todo o dia, vôa, revoa, de fronde a fronde, de valle a monte, mas quando a tarde empallidece e as primeiras nevoas arminham a fralda dos outeiros, torna ligeira ao ninho. Assim, tu.

Partiste na manhan da vida, conquistaste a gloria, que é o alimento dos heroes, e, ao entardecer, regressas ao pouso nativo. Bem vindo sejas com os laureis que trazes e mais ainda com a promessa com que nos acenas.

Ficas com a tua Mãi... Ainda bem! Trazes comtigo o enthusiasmo e, como conheces o teu paiz

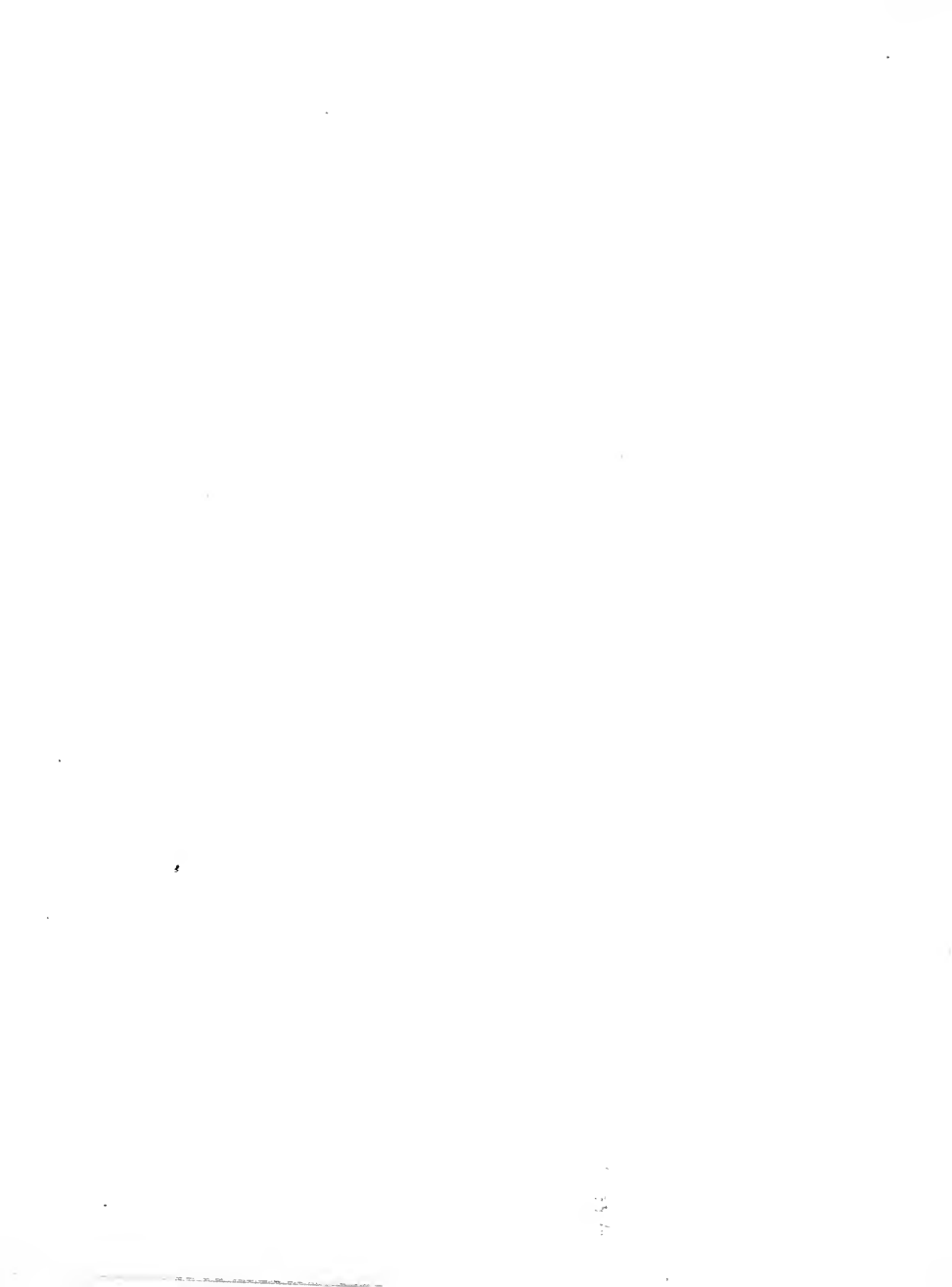
onde, na abundancia, tudo falta, põe-te, desde já, em acção e faze de cada mancebo um falcoeiro destro. Espalha-os — uns pelos ares, como sentinellas nas terras vastas, outros pelas ondas, de onde alcem vôo, como as alcyones, vigiando o longo littoral deserto.

Dá, em lições de bravura, á gente moça da nossa patria, a instrucção de civismo de que ella carece: a começar pelo amor á terra materna, o zelo pela sua honra, a veneração pelo seu passado, prestigio no seu presente e confiança no seu futuro.

São os heroes que conduzem os povos. Desperta os que dormem, tu que vieste dos astros e atravessaste o portico de ouro de onde sahem as madrugadas.

O tempo é dos fortes e dos audazes.

Eia, sús, voador! Tira o Brasil da inercia, dá-lhe as tuas azas, leva-o em vôo. Que elle se levante, como nação, em surto igual áquelle com que tu, em uma linda manhan de primavera, diante de um povo maravilhado, estalando os grilhões que prendiam o homem á terra, ascendeste ao céu nas azas do teu genio. A abalar! a abalar para a Fortuna e para a Gloria.

Discurso de recepção do Sr. Osorio Duque Estrada na Academia Brasileira, sessão de 25 de Outubro de 1916.

Esta eminencia, sempre que nella assomo — e esta é a terceira vez que a attinjo — afigura-se-me tão alta que eu sinto, ao culminal-a, um como estonteamento de vertigem. E' que daqui, como de um pináculo, o olhar alonga-se profundamente pelo Tempo e vê a estrada da vida, entre horizontes, e avista a estrada da morte, infinita, sem raias. Na primeira, onde o seculo turbilhona, revolvendo a poeira humana, vindes em passos sonoros, meu illustre confrade; na outra, silenciosa e gelida, palmilham rastos de alguem que passou, e esse transito, indelevelmente assignalado na altura, rebrilha como o clarão de certas estrellas, que são mundos mortos e ainda alumiam fulgurantemente.

Aquelle a quem vindes succeder nesta casa, levantada no caminho da Historia, e cuja vida recordastes em palavras de saudade e culto, foi um constructor cyclopico. A obra que elle nos deixou, toda em blocos, sem esmerilhamentos de arte, lembra os monumentos de Tirynthò. Autochtone, como os que, na Grecia, eram chamados eupátridas e usavam nos cabellos a cigarra de ouro, vivia para a sua terra, amava-a com ternura e della, como Antheu, tirava a força prodigiosa que o fazia temido.

Quem, entretanto, o visse na rua, lerdo, bam-

baleando o corpo flacido, sempre com livros e papeis debaixo do braço, os olhos languidos de fadiga, passaria por elle indifferente, sem suspeitar que aquelle burguez, mal enjorcado e molle, era o formidavel manejador da penna, cujos golpes nos periodos dos adversarios eram sonoros e demolidores como os da lança de Achilles nos escudos troyanos.

Typo de apparencia pacata, parecia descer a vida na correnteza do destino, como a folha morta deslisa ao léo das aguas. E esse «bom homem», simplorio e canhestro, era uma força da natureza.

Se o provocavam, não vestia armadura: avançava descoberto e altaneiro e, antes de arrojar o dardo, lançava uma ironia ao adversario, entralhava-o em uma satyra, como o retiario que envolvia o gladiador na rede; se o derrubava, contentava-se com isso e ria alto, vendo o vencido escabujar afflicto, enliçado nas malhas, sem ferida sanguenta, apenas mascarrado de pó e espumando de raiva impotente.

Mas se o antagonista era destro e resistia aos primeiros golpes, o gigante, de cenho carregado e rugindo, investia, armado como os Atlantes, levantando, a mãos ambas, rochedos e montanhas de erudição. E a pugna tornava-se, como a da Theogonia, immensa e turbulenta com fulgores de relampagos e estrepitos de raios.

Era bem um filho da terra, da nossa terra.

As suas qualidades, como os seus defeitos, tirava-os elle da natureza. Lyrico até á plangencia, uma lagrima vencia-o; meigo, uma palavra de ter-

nura bastava para commovel-o; mas, se se exaltava, era o impeto, o furor e não havia contel-o no arremesso amouco.

Subito abonançava, abria-se-lhe um sorriso no rosto largo, como no céu tormentoso corre uma nesga de azul, e, de repente, estalava o riso retumbante como o dos deuses, fremindo ainda nas ultimas crispações da colera, como um raio vivo de sol de estio, que rompe ás nuvens ferrugineas, brilha nas folhas gottejantes e na terra encharcada por onde rolam precipitosos corregos escoando rumorosamente o grosso da enxurrada.

Havia nelle uma dualidade dispare: o homem e o escriptor. O homem era a propria doçura, levemente acidulada por umas gottas de ironia; puzessem-lhe, porém, a penna na mão e logo se transfigurava, impondo-se como a força heracleana quando, de clava em punho, rompe soberbamente de Thebas a caminho dos doze trabalhos.

Esse homem encolhido em modestia era um sabio que percorria os varios reinos do espirito, sentindo-se, em todos elles, como indigena, não só por lhes conhecer a vida, a historia, os costumes como por lhes entender o idioma proprio.

No direito era um jurista e lia o latim dos velhos textos com a facilidade natural com que Cicero o pronunciava na tribuna do Forum. Meditava Kant e Fichte nas proprias palavras sahidas do pensamento dos mestres. Shakspeare dizia-lhe as grandes batalhas d'alma na lingua em que as descrevera. Os italianos, desde os maiores do Re-

nascimento, até os contemporaneos, eram seus intimos; o frances de Montaigne e o de Amyot, como o de Anatole France, soava-lhe como lição materna; no hespanhol, desde o dos cancioneiros, andava como no seu vernaculo, e assim era em tudo.

A arvore da sciencia não tinha ramos que elle não conhecesse, flores cujo aroma não houvesse gozado, frutos de sabor estranho ao seu paladar exigente. Com taes posses onde quer que passasse ahi deixava vestigios luminosos,— e elles ahi estão no Codigo Civil, na Historia Litteraria, em apostillas de direito, em monographias, na polemica, na critica, na sociologia, na historia.

Accusam-no de negligencias de estylo, de vicios de linguagem, de desalinho de phrase, de pobreza verbal... Mas era o estylo reflectindo o homem.

Sylvio não era nem podia ser um artista — era um desbravador e o seu instrumento, pesado e de talho largo, derrubava florestas abrindo caminhos amplos e quando, detorado o arvoredo em desafogada clareira, elle se decidia a construir, eram troncos e penedos que os seus braços transportavam e as edificações avultavam grandiosas, com portarias largas por onde pudessem entrar multidões e muros de rochas sobrepostas que resistissem aos seculos.

Homem de forças taes não podia lidar com cinzeis e ferramenta fragil: brandia o machado e o camartello e o estrondo do seu trabalho trovejava como tempestade.

Falava e escrevia como a terra produz — com a desordem das explosões.

A sua Historia da Litteratura é vasta e tumultuaria como um caravansará e nella encontram-se todos os grandes vultos das Lettras brasileiras e as vozes que nella sôam, ora ao rythmo das lyras, ora soltas, rompendo dos livros ou retumbando nas tribunas, são a propria eloquencia da Patria, conservada desde o primeiro balbucio lyrico no dia em que ella surgiu na Historia.

E assim, incapaz de exercer a pequena arte, sem paciencia e geito para filigranas nem gosto para lavores miudos, elle podia repetir a phrase de Saint Simon:

«Je ne fus jamais un sujet academique.»

Era, em verdade, um homem da natureza, e entrou nesta casa, aqui viveu e a sua companhia era amavel, mas ouvindo-o falar das escolas rivaes na Poesia, das pequenas lutas ridiculas entre parnasianos e nephelebatas parecia-me ver Hercules brincando aos pés de Omphale.

Mas o seu amor, o seu ideal era a Patria, que elle estremecia.

Quando outros preoccupavam-se com o que ia lá fóra, em alheios climas, elle, encerrando-se na historia domestica, como um asceta no seu cubiculo, refolhava-se na tradição, descendo ao mais profundo das suas origens.

Foi elle o explorador da lenda, o interprete dos mythos, o verdadeiro creador da nossa Poranduba ou folk-lore brasileo e, não só descobriu e

revolveu o espólio poetico das raças primitivas, como o estudou com paciencia benedictina, penetrando por elle no passado das tres gentes que concorreram para a formação da nossa nacionalidade.

Não sei, em verdade, quem mais admire, se o sertanista afoito que se entranha na brenha dévia, desbravando espessuras invias, escalando montanhas asperas, arremettendo á soberbia de aguas acachoadas, disputando, passo a passo, o terreno ao selvagem e á féra para fundar póvoas á sombra tranquilla de capellas, reunir sociavelmente bandos de aventureiros, vinculando-os ao sólo pelo interesse da posse, semear searas, espalhar rebanhos, construir officinas e estabelecer, sob o regimen da Lei, uma sociedade com disciplina e ordem e um deus velando sobre os corações, se aquelle que se embrenha nos intrincados labyrinthos da prehistoria, seguindo devezas revessas, onde tudo é mysterio escuro.

Aqui, num páramo, depara-se-lhe o vestigio da passagem remóta de uma hórda, surge-lhe da terra um idolo truculento talhado em pedra ou falquejado em lenho, afunda-se-lhe o piso em camadas cinéreas, residuos de fógos de acampamentos nomades, topa rocálha, afofa o passo em dunas ou em lençóes de arêa, restos de mares refluidos, encontra detrictos de cozinha, urnas funerarias, logo adiante ruinas de muros de maceria, tóros em circulo demarcando antigas cahiçaras, inscripções hieroglyphicas abertas em rochas, esculpturas rudimentares, gravados grosseiros contrastando com delicadas gre-

gas e sigmoidaes ornando vasos de formas graciosas que lembram os da ceramica asiatica.

Em volta de taes reliquias, como a parietaria e a hera que amparam as ruinas, cresce, viceja, alastra a lenda, pullulam mythos, eriçam-se superstições, floresce uma poesia ingenua.

Assim passam os povos deixando no seu caminho, como sementes, as suas construcções materiaes e as suas fabulas, as suas crenças, os seus cantares e basta que o sabio recolha um só de taes deciduos e o fecunde com o exame, como faz o fakir com o olhar ao grão de trigo, para que logo rebente, viçosa, a arvore sagrada das genealogias.

Se o paleontologista só com uma vértebra reconstróe o arcabouço de um monstro anti-diluviano e o archeólogo, só com uma métope, restaura um edificio das eras doricas, o folklorista faz resurgir de uma quadra rustica toda uma época e um povo, explica uma fabula, tira a razão de um mytho.

Assim, os que entram pela Poesia, no rasto de um ente fantastico ou enlevados no som de uma cantiga, regressam de tal incursão bemdizendo-a, tornam contentes como os emissarios israelitas que chegaram a Chanaan, volvendo aos tabernaculos do povo errante, com os varaes recurvados ao peso dos frutos e novas da terra bem regada e fertil em pão, azeite e vinho.

De homens como Sylvio Rómero carece o Brasil para que se recolha em si mesmo, estude, reconheça e aproveite a sua grandeza.

«Ninguem imagina como eu quero bem a isto,

dizia elle; como acho isto bonito! Este sol, que não se cança de nos dar belleza e fartura e dengue ás nossas mulheres, palavra que, ás vezes, tenho vontade de o adorar, porque é verdadeiramente um deus. Nós não prestamos para nada. Qual litteratura! Toda essa versalhada que por ahi anda não vale o canto de um boiadeiro. Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, mettam-se por ahi, por esses rincões, passem uma noite num rancho, á beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantador sertanejo, um desses caboclos destorcidos, de alpercatas e chapéu de couro e peçam-lhe uma cantiga. Então, sim.

Poesia é no povo. Eu criei-me na largueza, livre, correndo campinas, varando cerrados, comendo o que me offereciam as arvores, bebendo nas fontes vivas e, quando o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me nagua, nadando contra a corrente.

Poesia para mim é agua em que se refresca a alma e esses versinhos que por ahi andam, muito medidos, podem ser agua, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete ingles e esponja. Eu, para mim, quero aguas fartas — rio que corra ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa e eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao sol.»

Dizia e ficava-se sorrindo, d'olhos semi-cerrados, a olhar longe, muito longe, na sua meninice, a gente boa e simples com a qual vivera e apren-

dera a amar religiosamente a terra, o céu, as aguas, as estrellas, as flores, os animaes, todos os sêres, todas as coisas do seu querido e formoso Brasil.

E então contava, como me contou, certa noite, a um esplendido luar, na praia branca onde as ondas, palhetadas de ardentias, suspiravam na arêa as suas trovas quérulas:

«Em menino, o meu maior encanto era, á noite, no copiar ou na eira, entre crianças, ouvir as velhinhas que, com a almofada ao collo, urdindo o crivo, cantavam xacaras peninsulares, narravam conselhas, ou espavoriam o auditorio ingenuo com historias sombrias em que apparecia a yurupary ou o saicy saltava num pé só, alumiando a brenha com o olhar esbraseado, quando não era o caapóra, senhor da matta, que rompia das profundezas com estardalhaço de ramos, montado num caitetú monstruoso que afocinhava as sapopemas, grunhindo e estrallando os colmilhos. E fabulas e lendas, umas irradiando com o apparecimento de Rudá, o sol, outras melodiosas do canto murmuro das yáras, ou então os contos que faziam rir os pequeninos com as astucias do jaboty, as manhas do macaco e as palermices da onça, sempre ludibriada pela esperteza dos animaes matreiros. Ah! meu amigo, nunca livro algum, por mais notavel que fosse o seu autor e mais celebrada a sua fabula, conseguiu attrahir-me como aquellas velhas o faziam com o iman dos seus racontos.

A's primeiras palavras, que cahiam, lentas, no silencio attento: «Era uma vez...» o coração batia-

me commovido, um calor inflammava-me o rosto, abriam-se-me muito os olhos e eu via, *via* os caminhos de encanto, as arvores de folhas de ouro, as grutas de esmeraldas, os dragões que bufavam chammas, as serpentes, os cysnes, que eram principes encantados, as princezas captivas de mouros, todas as coisas e figuras desses poemas da infancia, primeiros alimentos da imaginação...

E quando toda a casa dormia e, lá fóra, no silencio da noite escura, corujas chirriavam, quanta vez cobri a cabeça com o lençól e fiquei tremendo, a rezar baixinho, sentindo abrir-se a porta e alguem entrar em passos surdos... Ah! medo!...

E não eram sómente as historias, tambem as festas dirigidas pela velhice alegre para encanto dos moços e da criançada: as fogueiras de S. João, as marujadas, as feiras do Espirito Santo, com o imperador, que era um pirralho, o Natal, os ranchos de Reis cantando á porta das casas, pedindo pouso, quasi nos mesmos termos em que cantavam os bardos cambrios diante das moradias bretans:

«Dieu vous benissé, gens de cette maison. Dieu vous benisse, petits et grands.»

E concluia: Precisamos desenterrar o thesouro poetico dos primitivos. Os povos têm dois jazigos de reliquias, um no espaço: o cemiterio; outro no tempo, a tradição. O espaço é precario e tudo que tem nelle assento perece; o tempo é perenne é eternisa o que recolhe.

Deixemos a terra no seu trabalho de transformação continua devolvendo-nos em seiva os cor-

pos que lhe confiamos; busquemos no tempo a herança das almas.

E' pelo tempo que nos pomos em communinicação com o Passado e quem nos guia nessa viagem? a tradição: aqui uma lenda, além um mytho, adiante um canto, alhures um ritual, uma cerimonia e vamos indo por esses marcos até as origens, que são os fundamentos da nacionalidade.

Não queiramos a gloria do anonymato: povo sem tradição é arvore sem raizes, que qualquer vento derruba. Veneremos o passado e, assim como accendemos cirios á beira dos tumulos, façamos luz no tempo para que venham, pela claridade do estudo, as pallidas figuras dos primeiros dias, que são os manes da raça, os precursores do genio do povo e seus verdadeiros indigetes.

Não ha historia sem tradição: ella é o principio e no principio é que está Deus: a origem.»

E o formidavel polemista quedava de olhos fitos, com um sorriso no rosto, triste como a luz do occaso, accesa em saudade: era o enlevo. E estou certo de que, pensando nas historias, no mais fundo do seu coração, uma voz familiar, tremula e dôce, repetiria, como nos dias de antanho: «Era uma vez...» porque elle, meneando a cabeça, como a sacudir tristezas, suspirava: «Bom tempo!» E' que, sob aquelle porte de titan, naquelle peito largo e robusto de pelejador, escondia-se uma alma meiga e simples, dessas que conservam sempre a singeleza da meninice, como a do bom Lafontaine que, velhinho, tendo sempre vivido no mundo da fabula,

com os animaes de Esopo e de outros conductores de sicinnis, ainda dizia, sorrindo, com centelhas de gozo nos olhos encarquilhados:

«Si Peau d'âne m'etait conté
J'y prendrais un plaisir extrême.»

Mas agora noto, meu illustre confrade, que ainda não passamos do vestibulo. Vim para receber-vos e esqueci-me a conversar comvosco.

As academias são centros de vida espiritual aos quaes se chega atravéz da morte. Já em Athenas era assim: Na estrada do Ceramico, que levava ao famoso jardim, onde Platão discorria entre os discipulos, á sombra dos plátanos, eram os tumulos dos heróes que formavam a aléa. Aqui são as memorias dos que passaram e foi em uma dellas que nos detivemos distrahidos. Mas o vosso lugar espera-vos, marcado com o vosso nome e ornado com as vossas obras.

Já cumpristes o dever sagrado de cobrir de flores a memoria do heróe e eu imitei o vosso gesto. Entremos.

Quiz o acaso que viesseis occupar a cadeira daquelle que vos iniciou nas lettras quando, ainda estudante no Collegio Pedro II, contando apenas 16 annos, formastes, com arte de abelha, os «Alveolos» onde depositastes o mel das primeiras colheitas lyricas. Sylvio Roméro, então vosso mestre, trouxe-vos a publico. Foi com um prefacio da sua penna que vos armastes cavalleiro de Apollo.

Com tal padrinho não vos foi difficil vencer e entrastes na liça com passo firme sobre laureis, ao rumor de applausos.

Desse livro de estréa andam versos esparsos; muitos guardou-os o povo por lhes saberem á alma, outros perderam-se. Foi pena que eu não encontrasse alguns para que aqui entrasses ao som dos cantos da vossa mocidade e seria uma agradavel surpreza para o vosso coração e um prazer para todos.

Arthur Azevedo recebeu os «Alveolos» com palavras de louvor, dizendo «que havia, afinal, chegado para elle o desejado momento de applaudir uma verdadeira estréa.» E, depois de algumas transcripções, concluiu: «Ora ahi está um poeta, ou não ha ratos na Alfandega, nem habitantes em Jupiter.»

Os louvores não vos empolgaram atirando-vos na vaidade, essa ilha de encanto, especie de Ogygia, onde se perdem tantos espiritos peregrinos.

O fraco, se os elogios o envolvem, lançando-o, embrulhado na espumarada ephemera dos adjectivos, nesse diversorio de enganos, logo se julga divino e, pandeando empafia, bebe, a grandes sorvos, o nectar das lisonjas, corôa-se de flores e estira-se mollemente na relva, repetindo os proprios cantos ou contentando-se de ouvil-os afinados na voz fallaciosa de Calypso, a deusa que ha de sempre seduzir os homens... não falo das mulheres, porque essas são as suas nymphas.

E o mundo esquece-o, por não vel-o, e, com

o esquecimento do homem, sepulta-se a obra fragil e lá fica na Vaidade, julgando-se immortal, o que não passa de um naufrago perdido.

O forte e sadio Ulysses, esse aborrecia-se na inercia languida, com saudade da vida e da morte, bocejando enfastiado na monotonia daquelles prados de verdura eterna, daquellas aguas sempre crystalinas, daquelle céu sempre azul, desejando, com ancia, a cidade tumultuaria, a luta e os trabalhos dos homens, os rebanhos nas pastagens, os guerreiros nas torres, as doces collinas verdes e em flor na primavera, alegres ao sol no estio, carregadas de frutos no outomno, nuas e brancas no inverno, sob a vergasta dos ventos. E a sua ilha aspera, onde o mar estrondava, e Penelope e Telemaco, todos os seres dos quaes se apartara, todas as coisas que não esquecia. E não amava a deusa nem se comprazia nos vergeis immortaes do tempe maravilhoso, e, tanto que teve o favor de Zeus, desprendeu-se de todos os encantos estereis, da facilidade daquella existencia anodyna, daquelle corpo divino que o tempo tornava mais bello e inflammava em desejos mais ardegos, lançando-se ás incertezas das vagas para tornar á vida, que o seu sangue reclamava, aos trabalhos que os seus braços exigiam, guiar uma junta de bois num campo, brandir uma lança em combate, deitar-se num leito ao lado de uma mulher humana, em cujos labios florissem sorrisos, em cujos olhos brilhassem lagrimas.

Vós tambem, meu illustre confrade, ainda que conhecesseis os perigos do mar grosso, salteado de

insidias, ainda que soubesseis que nem todos os deuses vos eram propicios, nem sequer tomastes pé na ilha e, sem barco ou jangada, nadando a peito afoito, ousastes a aventura de que tão galhardamente vos sahistes.

Na obra que tendes em preparo sobre a «Abolição» direis, por certo, como encontrastes o Brasil quando apparecestes entre os seus poetas. Todo o paiz, de norte a sul, agitava-se abalado pelos gigantes. Cada jornal era um vulcão, cada folha provinciana uma solfatára, e aqui, mais perto de Zeus, os titans redobravam os esforços na tremenda guerra, que parecia dirigida por Prometheu.

Os que viveram esses dias gloriosos viram as maiores fulgurações do nosso genio, as mais possantes energias da nossa raça; conviveram com os heroes do cyclo mais bello da nossa historia.

Nas ruas, por entre o povo, passavam, sem arrogancia, as forças do tempo; era Patrocinio, era Bocayuva, era Joaquim Serra e Nabuco, Ferreira de Araujo, José Marianno, João Alfredo, Dantas e Ruy Barbosa, já, então, senhor omnipotente da palavra, o nosso verbo mais fecundo e mais puro.

Em torno de taes colossos gravitavam os novos. Com elles formastes e, logo nos primeiros recontros, viram os vossos companheiros que entraveis na luta com boas armas e coragem ardida.

Na imprensa, a que logo subistes, tivestes lugar de honra e, ora como archeiro, despedindo frechas hervadas em satyra, mas aparadas com arte como se sahissem da propria aljava de Apollo, ora

arrojando da altura das columnas blocos de prosa demolidora, fizestes, com dedicação e denodo, o vosso officio de soldado, hoje em um bando, no dia seguinte em outro, mas sempre sob a mesma fé, pelejando pela mesma causa.

Na investida em que se arrojaram as forças não só derrubaram as muralhas ferrenhas do immenso Valongo, como, passando impetuosamente sobre os escombros, chegaram aos paços da dymnastia e, um anno depois da libertação dos escravos, com o mesmo canto heroico com que haviam as hostes arrazado as senzalas, fizeram cahir o Throno e, sobre as ruinas dessas moles, levantaram a Republica. Assim, entrastes na Patria com os triumphadores.

Desarmadas as tendas, recolhidas as armas, quando todos, voltando da peleja, cuidaram de refazer a Nação, que ficára em muradal, não vos negastes a servil-a e apparecestes como obreiro, ajudando aqui, ali aos que trabalhavam, ora com um artigo, ora com um livro e, emquanto fazieis taes obras, ieis aprofundando o espirito no estudo, apurando os vossos conhecimentos e, um dia, surgindo de uma livraria com um novo volume debaixo do braço, os que nelle buscaram versos lyricos pasmaram de achar paginas didacticas, obra de professor, ponderada e sóbria, toda em regras e em principios bem fundados.

E o educador surgiu do poeta, naturalmente, como da flôr sahe o fruto.

E nesse estudo aturado, sem descontinuação, viestes polindo a lingua, enriquecendo-a de fórmas

cultas, renovando-a nos dizeres, escoimando-a de vicios e logo a vossa autoridade impoz-se e, por ella, chegastes á cathedra, leccionando aulas na mesma sala onde havieis aprendido e subindo de posto dia a dia, em promoções merecidas, já como professor, já como escriptor, e dos que com mais alinho redigem e com mais austeridade honram a nossa lingua.

E, ao passo que assim vos dedicaveis á instrucção, ieis continuando, com a mesma pertinacia, a obra iniciada nas letras, publicando a «Flora de Maio», pronunciando conferencias litterarias, e, como a vossa curiosidade e amor á terra vos levassem ao norte, não tornastes de mãos vasias: o livro que de lá trouxestes ahi está com a relação minuciosa do que vistes e observastes.

No jornalismo tendes percorrido toda a escaleira desde a nota rapida até a chronica e o artigo politico; desde o epigramma, que belisca de leve, até a polemica, que escorcha. Mas foi na critica litteraria que vos fixastes, estabelecendo nella posto de vigia. Sois como o guarda da ponte que vem da sombra para a claridade. Os que pretendem entrar no raio de sol de que fala Rostand:

> Car ils sont comme la poussière
> Des petits atomes danseurs
> Qu'on ne voit que dans la lumière
> Les poètes et les penseurs!

todos esses ambiciosos de gloria hão de atravessar a ponte, onde montais sentinella e que lembra a

de Gálata, em Constantinopla, na qual, segundo De Amicis: «passam por dia cem mil pessoas e não passa em dez annos uma idéa».

«Nem tanto!» direis comvosco. Sim, nem tanto... De vez em quando lá surge alguem que vos mostra thesouros da terra — palhetas de ouro, pedras raras; outro que vos estende as mãos em concha cheia das proprias lagrimas crystallisadas em poemas ou exhibe sonhos floridos entre espinhos, á maneira das rosas. Mas o grosso da multidão compõe-se de bufarinheiros, de contrabandistas, mascates e regatões, carregados de quinquilharias, ouropeis tisnados de azinhavre, joias, cujas pedras são dobletes, folhetas de ouro que são mica. Esses, por mais que façam, não vos conseguem illudir e, como vos oppondes á passagem de tal gente, logo se levanta, e estrondoso, o alarido da revolta: a ponte atrôa o barbariso, vozes ameaçam-vos, chovem pedras de injuria aos vossos pés. Tornando, porém, aos seus penates tratam os repulsos de explicar o máu exito da aventura e, á maneira de certos heróes da idade média, que retrocediam aos castellos, rotos e contundidos de sovas, mas contando duellos com dragões ou encontros com gigantes, pintam-vos como um monstro truculento, enlapado em gruta assoalhada de ossos, como o antro da Esphynge, grande, escamoso, de garras leoninas lançando chammas pelas fauces armadas de seis ordens de dentes, que rilham poetas lyricos e atassalham, com voracidade, philosophos e novellistas.

E o vosso nome, como o de Morhout, no poe-

ma de Tristão e Isolda, estarrece os mais ousados e enche de pavor a gente litteraria.

Entretanto ninguem é mais maneiro nem diz, com mais enthusiasmo, o louvor, quando é justo, do que vós, mas, como na turba são poucos os que o merecem, o que domina é o vozeiro dos descontentes e esse é que faz o suffragio que vos elege «o ferocissimo devorador dos genios».

Não serei eu quem vos accuse de rigoroso, principalmente no que diz respeito á analyse da lingua que entre nós se escreve. O que pedis aos presumidos vates e aos originalissimos reformadores da prosa portuguesa é que se exprimam em voz pura e não em geringonça, compondo uma especie de *satura lanx* em que entra de tudo, como nos pratarrazes pastranos, formando uma salgalhada indigesta com pedaços de linguas estrangeiras, entre os quaes predominam os da francesa, tida por mais succulenta e saborosa.

Taes guizados de tasca não vos sabem, é contra os que o cozinham e o apresentam em banquetes litterarios que vos insurgis.

Podieis tomar por lemma as palavras de Castilho, que disse: «A' linguagem consagrei particularmente um grande esmero, e tanto maior quanto mais desamparada, mendiga e esfarrapadinha a vemos hoje correr por toda a parte á vergonha, ou sem vergonha dos seus naturaes.»

Desde que aqui se proclamou a victoria do vosso nome, levantou-se lá fóra um arruido de revolta: «A Academia, bradaram, pactuou com o vol-

teiro da Critica e abriu-lhe as portas. E' a guerra!» Assim, com a vossa entrada, para tal gente, ia a casa da serenidade transformar-se em castello roqueiro, o aviario mudar-se em ninho de falcão.

Amotinaram-se nos ares sanhassos e ticoticos e todo o povo alado, que se presume mavioso, arrufou-se em colera.

Durante dias, que foram de estardalhaço, esteve perturbada a paz deste retiro com a chirriada e o atitar furioso. Emfim tudo cessa e os animos alvoroçados serenaram.

Vindes em bôa hora porque a lingua está a pique de perder-se, degenerando em garabulha por arte dos franchinótes. Já não é sómente o vocabulo de bôa casta que é renegado pelo barbarismo, é a propria plastica, a mesma syntaxe, de construcção robusta, que se vai deformando com o arrocho do justilho, effeminando-se com embelecos e postiços.

E assim abastardam e envilecem o nobre idioma, o alti-sonante portugues, que rompeu sonóro atravéz do troar das buzinas romanas; que retumbou vencendo o clangor das tubas sarracenas; que écoou em Africa suffocando o estrugido das parapandas negras; que dominou o ribombo dos trovões e o uivo dos ventos nos mares, quando ordenava nas galés atrevidas; que se lançou por Asia dentro e veiu cantar na tabas americanas, regressando ao ninho paterno cheio de noticias de heroismos.

Ao reentrar na Patria como as pedras, que se moveram ao som da lyra de Amphião e, sotopon-

do-se por si mesmas, umas ás outras, formaram as muralhas altas de Thebas, obedecendo á «furia grande e sonorosa» do épico, ajustou-se em heroicos, formando a torre inexpugnavel dos «Lusiadas», onde ha de viver eterno o genio robustissimo da raça que o criou.

E' tal idioma, cujos termos nasceram em campos de batalhas, nos castellos alcandorados e nas alcaçovas das fronteiras, nas humildes póvoas dos villões e nos claustros ascidios, nas estalagens onde pousavam trovadores e dormiam espadachins e goliardos; nos paços reaes e nas galés que se faziam aos mares mysteriosos; nas recamaras das donas e nas arribanas dos pastores; no pulpito das igrejas e nas tribunas parlamentares; na arte e na sciencia; no commercio e na industria; na leziria, entre o gado; nos trigaes e nos olivedos; nas festas pagans das colheitas; nas feiras sempre turbulentas; no inverno ao calor do lume, no soalheiro estival e entre a dorna e o lagar no outomno; sentimental pelo influxo da saudade, flor da raça. E' tal idioma tradicional, herança que nos foi legada pelos que nos deram a Patria, o Deus do nosso altar, os costumes, a Lei e a sua propria gloria, que está em perigo, não por desestima do povo, mas por traição dos vélites da penna, desses mesmos que o deviam guardar com avareza e defender com brio.

E porque assim o desconjuntam? porque o acham, dizem, por demais inteiriço e rispido, sem flexibilidade, duro. Então desarticulam-n'o e arrancam-lhe do corpo herculeo as peças da armadura que o acobérta e refórça desde o tempo em que, par-

tindo dos arraiaes galizianos, entrou a terra luzitana, forte e altivo, nas mesnadas dos ricos-homens. Se ainda o vestissem compostamente, com trajo de hoje, nada se lhes diria, mas atafulam-n'o como um pintalegrete e trazem-n'o por ahi ciciando em voz de eunucho e caminhando aos pinchos como um pisaflores.

O mal não é novo, allegam os galliparlas. Já Duarte Nunes de Leão o denunciava no começo do seculo XVII, mostrando acarretos do frances no curso do vernaculo.

Taes expressões, porém, transitam como folhas que descem o rio ao som das aguas, e passam e vão-se ao mar; mas se as deixamos rebalsarem-se a agua toda vicia-se, e turva-se o que era limpido; o que era fluente remóra em pantano; fica estagnado em putrilagem o que, antes, docemente corria regando terras, reflectindo arvoredo, céus e montes, movendo azenhas e abeberando povos e rebanhos. Insistem ainda os taralhões argumentando com Victor Hugo:

«Une langue ne se fixe pas. L'esprit humain est toujours en marche, ou, si l'on veut, en mouvement, et les langues avec lui.»

Sim, a lingua não se fixa: evolve, mas sempre a custa da seiva que recebe das raizes e dos beneficios que tira do ambiente. Assim a arvore perde as folhas, abrolha de novo, florece, frutifica, esmarre para reverdecer mais bella. Mas como a arvore morre se a infestam parasitas, assim perece a lingua se a invadem exotismos.

Que transferida de um para outro clima a lingua se modifica, não ha negar. O idioma falado no Brasil é o mesmo que sôa em Portugal, mas — e mantenho a analogia — com o nosso sol a arvore tornou-se mais verde, mais viçosa, vieram-lhe as flores mais coradas e os frutos mais doces e de mais aroma e, como se deu bem na terra, desenvolveu-se prodigiosamente, abrindo frondosa copa e enchendo-se de cantos.

Mas a seiva que lhe corre no âmago é a mesma que circula nas veias da arvore veneranda, em cujas raizes estão sentados os quatro evangelistas: Camões, Vieira, Bernardes e Camillo.

Deixai que esperneguem e vociferem os tarelos, continuai a campanha, que a vossa causa é boa. Vós que compuzestes o hymno, que é a oração da patria, que o povo canta diante da bandeira; vós, que puzestes nas mãos da criança as «Leituras militares; vós, que sois poeta e educador, fazei o vosso dever, sem desfallecimentos, guardando e defendendo o nosso mais sagrado patrimonio.

Reconstroem-se as cidades destruidas, refazem-se muralhas, restauram-se edificios, mas um povo que perde a sua lingua desapparece.

Que resta do etrusco? Vestigios no barro. Que ficou do phenicio? Lendas. A Grecia e Roma subsistem nos seus poetas e pensadores. Os povos, ainda sob a virga férrea, procuram conservar o idioma proprio e com elle se consolam das miserias, recordando tristemente os dias felizes.

Herculano conta-nos dos que, subjugados pelos romanos, na Hespanha, recolhendo, á noite, aos ergástulos, conversavam mysteriosamente na lingua dos seus maiores, mantendo-a viva e transmittindo-a aos filhos.

O mesmo faziam entre nós os negros, semeadores das primeiras searas. A' noite, trancados nas senzalas, juntando-se em conselho de saudade, conversavam baixinho na aravia das suas tribus, como se se reunissem em um pedacinho da patria que houvessem trazido no coração.

Continuai a vossa campanha e tendes autoridade para o fazerdes porque, escrevendo dos vossos livros, disse o mestre de todos nós, aquelle que é como o nume do vernaculo, levantado em altar de ouro, feito com as suas proprias obras: Ruy Barbosa.

«Nenhum desses livros mente ao seu titulo, e em todos, ao mesmo passo que se sente o espirito de um verdadeiro homem de letras, se apura a linguagem de um mestre do nosso escrever. Nestas palavras sem lisonja desejaria não ter ficado áquem da justiça que se lhe deve.»

Os livros a que allude o mestre são: o «Thesouro poetico brasileiro», a «Arte de fazer versos» e ás «Leituras militares».

Além destes tendes ainda publicado estudos grammaticaes e estheticos, theatro e conferencias.

Classificado em dois concursos e sempre lidando na imprensa com infatigavel assiduidade, fiscalisais ainda o ensino publico e leccionais em es-

colas e, por vezes, saudoso da lyra, preludiais um canto novo.

Nas vossas conferencias — uma das quaes é a glorificação de Luiz Delfino, o poeta magnifico, cuja obra, de tanta grandeza, consumida, em parte, pelo fogo, ainda jaz no olvido, parecendo que desceu com elle á sepultura, como outr'ora, na India, eram levados á fogueira rogal, acompanhando o corpo do guerreiro, além das armas que elle celebrisara, o seu corcel, escravos e a esposa do seu coração; entre as vossas conferencias, digo, algumas ha que revelam o vosso amor á poesia do povo.

Já o destino vos preparava para a successão pondo-vos na pista do paciente respigador dos «Cantos populares do Brasil», cuja cadeira orphan vindes occupar.

Os ensaios foram felizes, continuai que não vos falta alento para a empreza e encontrareis em vosso caminho, entre outros, que se empregam no mesmo trabalho a que vos vindes ultimamente dedicando, João Ribeiro, Alberto de Faria e Erasmo Braga.

Esses são — e vós com elles — os que, pacientemente, revolvem o passado, mineiros de boa lavra, que trazem do fundo do Tempo á flôr dos dias o que se foi accumulando no sub-solo das letras e que, reapparecendo, será lume para a Historia, conforto para a alma e força motriz do progresso da nacionalidade.

Sêde bemvindo a esta casa que espera de vós mais gloria para o seu brazão.

Discurso pronunciado a 19 de Novembro de 1916, para entrega ao "Tiro Naval" da bandeira que lhe foi offerecida pelo "O Imparcial."

Moços da minha terra, que trocais a firmeza do sólo pela inconstancia das aguas, a casa pelo navio, a presença dos seres amados pela saudade; moços, attentai no scenario que nos emmoldura e guardai-lhe o retraço na retina: Em frente, a Acropole, com a igreja antiga a coroal-a; a um lado e a outro, o jardim, que ourela de flores a cidade, o mar ao longe e, hirto, assomado ante nós, o pharol do heroismo. E' tudo a Patria.

Na montanha, o passado com a primitiva installação da Fé, a cavalleiro da terra e sobranceira ao mar; na planicie, o progresso dos dias novos, com o casario risonho a branquear por entre a folhagem lustrosa; além, o mar, vosso campo; aqui, o pharol altivo.

Pharol, digo, porque os monumentos civicos são columnas de luz cujo clarão, vindo do passado, atravessa o presente e projecta-se no futuro.

A torre vigilante, isolada na ilha ou solitaria na costa, é apenas um aviso que norteia os navegantes na singradura, não vale os fortes, como o que aqui está em effigie, alastrando, com exemplos magnificos, toda a Patria e os tempos.

O seu esplendor ficou para o sempre rebrilhando na historia desde que, na lingua de uma

flammula, como em phylactéria sagrada, rutilaram aquellas palavras de augusta serenidade: «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.»

Lançadas no momento em que a esquadra brasileira, com o «Amazonas» á frente, constrangida entre barrancas flammivomas e acossada pela chusma dos guaranys, arfou nas aguas férvidas do Riachuelo proejando á victoria, não tiveram a sorte ephemera das palavras que o vento leva.

Essas ficaram eternas e, partindo do tope de um mastro, como vôa o pollen dos altos ramos floridos, estão fecundando o heroismo nos corações, fazendo, de um dia para outro, em milagre de energia, surgir da mocidade árdega legiões de bravos.

Que ereis hontem, vós outros? nadadores que ieis e vinheis a braçadas na onda; remadores que disputaveis a primazia da força, da calma e da destreza em certames nauticos; tritões que trebelhaveis na vaga, cavalgando-a a rir, mas assim como o povo escamoso do móbil reino equoreo emergia em cardumes das profundezas ao som do buzio de Protheu, cercando a concha de Amphitrite, assim acudistes ao appello da Patria e, juntando-vos em coro épico, ei-vos diante do eponymo maritimo.

Que pretendeis, mocidade? Porque vos detendes, vós que vos habituastes á vida agitada e que tendes nos rijos musculos a energia do marouço e a inquieta mobilidade dos escarcéus? Que vos falta? A que vindes?

Falta-vos a hostia, commungantes, e vindes busca-a commigo porque sabeis que a trago.

Já prestastes o juramento civico e aqui vos tendes, como ante um altar, á espera de que sobre vós desça o symbolo que vos ha de levar, por trabalhos e venturas, ao vosso destino glorioso. E esse symbolo, qual é elle? Aqui o tendes: é o proprio coração da patria, que se divide em tantos outros quantos sejam necessarios ao culto civico, conservando em todos a mesma essencia, como se dividiu em linguas de fogo a Graça Divina quando baixou sobre a cabeça dos apostolos, no Cenaculo.

Antigamente, antes do uso das trombetas, o signal do combate era dado por um homem que empunhava um archote. Esse annunciador, emissario de Arés, era tido como pessoa sagrada. Caminhava á frente das tropas e, quando as forças se defrontavam, estacando, adiantava-se e, entre os dois exercitos, levantando alto o archote, brandia-o, arremessava-o ao chão, acceso e fumegante, retirando-se sereno como um sacerdote á conclusão de um rito.

Logo estrugia a grita, estrondavam os gladios nos escudos e os inimigos emmaranhavam-se furiosamente. Por mais, porém, que se encarniçasse a luta ninguem ousava ferir o annunciador.

De tal respeito sahiu o proverbio allusivo ás derrotas totaes, que apparece em Herodoto, «nem mesmo escapou o porta-facho» para significar que todo o exercito perecera.

Esse archote dos antigos é hoje a bandeira e cada povo, levantando-a no altar da patria, tem-n'a como lume perenne que illumina a vida e fulgura

em glorias nacionaes. Quem a empunha deve guardal-a honrando-a e defendendo-a até á ultima gotta de sangue, porque, como o porta-facho dos antigos hellenos, é um eleito, se não como emissario de um deus, como representante de uma religião, de cuja insignia é o depositario.

Eis a vossa bandeira, bravos moços do Tiro Naval.

Vem de um orgão da imprensa, de uma officina de pensamento, de um baluarte de civismo. Quem vol-a manda é *O Imparcial*, que eu aqui represento. Honrai-a na paz e na guerra e que ella vos guie sempre no caminho da victoria.

Ides da terra firme para o mar incerto. Cuidado, moços! Tendes um posto perigoso e de responsabilidade immensa, e o mar é perfido.

A terra é o elemento estatico, o oceano é o factor dynamico; terra é musculo, mar é sangue. A terra é lar, o oceano é immensidade livre. O homem lavra o alqueive, são os ventos que aram as ondas. A terra é inercia, o mar é movimento; a montanha é a paralysia de um surto: um extase; os vagalhões são cordilheiras que estuam como ambições. A terra é docil, o oceano é rebelde.

«L'Histoire, diz Gustave Toudouze, est là pour le prouver; c'est sur le grand chemin mouvant des flots que l'Humanité marche en avant et va vers sa plus large expansion».

Um povo littoraneo sem marinha, ainda que possua grandes forças, está sempre nas condições em que ficou Polyphemo cégo, diante de Ulysses —

o mais fraco póde feril-o e vencel-o apenas com astucia.

Os navios são os tentaculos da terra, energias avançadas que presentem e repellem o inimigo antes que lhe chegue ao corpo. Assim, sentinellas do oceano, patrulhas das aguas largas, é a vós que a patria se vai entregar confiante.

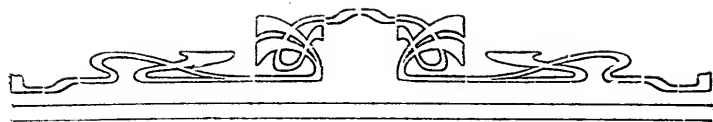
Disse, falando da bandeira, que ella é o coração da patria. Torno ao que disse.

Quando Latour d'Auvergne, o primeiro granadeiro da Republica, cahiu, ferido de morte, diante da 46ª brigada, os soldados, chorando sobre o seu corpo, pediram, em vozes altas, que lhes fosse concedido o coração daquelle que sempre os levara á victoria. Obtendo-o, encerraram a adorada reliquia em uma caixa de prata, que era levada á frente do regimento, tal como a arca, nas grandes marchas, precedia o povo israelita.

Pois bem, meus jovens patricios, o que aqui tendes é o proprio coração da Patria, não morta, como o brigadeiro heroico, viva e bella, como o sol que nos alumia, que tambem se multiplica em claridade, como a Patria se multiplica em bandeiras, sendo o mesmo sol no espaço infinito, na terra immensa, no mar vasto e no brilho em que esplende uma gotta de agua.

Eil-a, patricios, a vossa bandeira, tomai-a, levantai-a bem alto no punho e, quando a virdes pannejando triumphalmente ao sol ou adormecida, sobre as baionetas, como flôr entre espinhos, que a defendem, lembrai-vos do dia em que a rece-

bestes e, recordando este momento augusto, vereis o quadro imponente que tendes ante os olhos e nelle o pharol do exemplo, de onde partiu aquelle raio de luz que flammejou em incendio nos navios e nas barrancas paraguayas e que se abriu em radioso clarão na Historia, rutilando com o brilho das palavras, que devem ser a divisa de todos os verdadeiros patriotas, tanto na paz como na guerra: «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.»

Discurso pronunciado no Pavilhão de Regatas por occasião do início do Torneio Infantil de Water Polo, em 18 de Março de 1917.

«Oh! se te amei, Oceano! A alegria maior da minha vida era brincar em teu seio, sentir-me levado por ti como uma bolha da tua espuma. Tamanino ainda, já me aprazia navegar nas tuas vagas, afrontando-as com delicia ousada. Se as agitava e intumescia o vento tranzia-me um medo voluptuoso. Parecia-me estar unido a ti por um vinculo filial, fiava-me ás tuas ondas, tanto no largo como ao carão da praia, acariciando-te as crinas humidas com as minhas mãos pequenas, como ainda hoje faço.»

Assim cantou no «Child Harold» o poeta que reproduziu a bravura de Leandro, atravessando a nado o Hellesponto, não pelo amor de uma mulher, mas pela pura gloria de rivalisar com o heróe de um lance ousado.

Como Byron, intrepidos infantes, podereis, mais tarde, alludir, com orgulho, aos exercicios em que hoje vos adestrais na arena verde e mobil, que é o campo por excellencia onde Deus cultiva mysteriosamente os germens.

O mar é o elemento primordial. Foi sobre elle que, na manhan primogenita, pairou, fecundo, o Espirito Eterno: *Spiritus Dei ferabatur super aquas.*

Céus azues, mares verdes, dois infinitos que se tocam e entre os quaes, como o beijo entre os labios, desponta a terra florida, Mãi em cujo seio acordamos e em cujos braços havemos de adormecer. A terra é suave e quieta; o mar é agitado e indocil; uma é inerte, como a materia; outro é activo, como o espirito. Desangrai o corpo mais robusto e vel-o-eis empallidecer, oscillar e tombar frio, morto. No sitio de onde recúa o mar fica a aridez esteril e as dunas avultam como vagas mumificadas.

O deserto é uma veia exangue.

O sertão não vale o littoral. A irrigação das terras interiores é feita pelos rios, veias; na costa é o oceano salgado, a arteria que pulsa. Os rios são tributos da terra que se despejam no grande transformador e as aguas das fontes meigas, dos timidos regatos, dos mais tenues filetes, tanto que se misturam com as ondas logo se encrespam e o que dantes era murmurio na floresta ruge, ribomba, rebenta em madria no oceano. Assim o mar enrija as proprias aguas que recebe.

O mar, já eu disse algures, é sangue e, assim como pelo sangue circula a energia, transformando-se em potencias, desde a que esplende no cerebro, que é o Pensamento, até a que subordina e doma as forças cosmicas, que é a audacia, actividade dos fortes; desde a que agita as azas da alma, levantando-a em surto para o Ideal, até á que põe em movimento o corpo no trabalho, assim pelo mar singra o Espirito do Homem, de porto em porto, de clima em clima, mantendo a solidariedade fra-

ternal entre os povos, desde os que arquejam ao calor adusto do Equador dourado até os que tiritam nas silenciosas neves dos extremos polares.

Assim o mar é o pendulo da Vida, o regulador do eterno movimento.

Ao mar, crianças! Elle espera-vos, verde. Ahi o tendes, amplo! E' uma planicie que ondula, um campo alerta e cada friso em que se arruga é como um fremito de vida. E' uma escola de força onde as ondas se debatem como athletas.

Puro, não se lhe descobre macula na face: o que nelle se reflecte é o ceruleo céu. Forte, ninguem o doma; discreto, não conserva traço do que por elle voga e nisto parece-se com a luz, e a sua profundidade é um mysterio só comparavel á outra sobre a qual espumam as nuvens e scintillam as ardentias sideraes.

Vive da sua força, respirando pelas marés, ora baixo, ora alto, como um peito que aspira e expelle possantemente o halito. Quem o agita? o vento, sopro de Deus. Assim, a alma do oceano é a propria essencia do Ser d'onde a invariabilidade porque elle é, ainda hoje, o mesmo que appareceu no dia augusto da creação, e assim será quando alastrar, immenso e solitario, sobre o somno da terra.

«O mar, diz um autor, é a fonte poderosa em que se retemperam os corpos e os corações, as energias e as vontades, os individuos e os povos. E toda raça zelosa da sua vida, toda raça que combate pela existencia, que sabe que as nações distanciadas por suas rivaes são nações perdidas e que pretender,

no futuro, avantajar-se em força e em gloria, deve voltar para o mar a sua mais energica vitalidade e consagrar á sua conquista o mais puro do seu genio.»

O povo que levantou na Acropole a imagem olympica de Athena tornando a collina da oliveira a altitude por excellencia dizia-se filho do mar por sua origem pelasgica e esse povo, ainda hoje o maior e o mais bello da Historia, onde se fez? em dois estadios; um em terra—o gymnasio, outro no mar — Phalero.

Do primeiro sahiram os guerreiros de Marathona, do segundo partiram os marujos de Salamina e foram esses athletas do disco e do remo que detiveram a investida arrogante do Persa numeroso, salvando a cultura hellenica, que foi a alba da civilisação, da nuvem negra que se levantara dos pantanos de Suza.

O mar não só revigora o corpo como acrysola a alma: o ar que vos enche os pulmões vale por um alento vital, a poeira humida que o polvilha é feita de neblina salsa, pollen das flores marinhas, que são as espumas; a disciplina da natação forma-vos o caracter.

O nadador é intrepido sem arrogancia. Rompendo as aguas vai graduando as forças para que o não traiam em esmorecimento de fadiga; educa o animo mantendo-o vigilo e sereno e no maior perigo conserva-se imperturbavel, sem angustias que atordoam, sem terrores que entibiam. Espera impavido o abysmo e, fluctuando, fia-se apenas em si tornan-

do-se independente e acordando no espirito essa força latente, que tudo vence: a iniciativa; e não pode haver maior do que a que diz com o instincto de salvação.

Taes lições do mar aproveitam na vida, que é tambem oceano, e encapellado, que exige, para vencel-o, força, destreza, audacia, perseverança e serenidade. E assim como a braçadas largas e cavalgando as vagas lograis vencer o mar, assim vencereis no mundo os temporaes e as syrtes em que sossobram os timidos e os fracos e chegareis triumphantes á ilha da Fortuna, forrada de areias de ouro e viçosa no seu arvoredo balsamico e sadio.

Ao mar! tritões. Elle vos chama acenando-vos com as suas ondas.

Ao mar, crianças! Ao mar, meu filho!

Sois as luzes da aurora, annunciadoras de um dia esplendido. Ide! fazei musculos rijos e ageis, sorvei saude aos haustos, retemperai-vos na grande pia, preparando-vos para a vida e para a Patria, que em vós confia. Sois a geração que amanhece e fazei-vos no mar, de onde sahiram os gregos. Que as espumas que trazeis das aguas se mudem em flores para a corôa da vossa gloria.

Ao mar, crianças, que o velho de longas barbas brancas espera a vossa alegria. Ao mar! E vendo-vos nelle, verde, dourado pelo sol e reflectindo uma nesga de céu azul afigura-se que brincais nas dobras de um immenso pavilhão da Patria, como filhos no regaço de sua mãi. Ao mar, pelasgides!»

Saudação pronunciada a 26 de Setembro de 1917 no Collegio Pedro 2º por occasião da entrega das cadernetas de reservistas a uma turma de alumnos do mesmo Collegio.

No tempo em que o homem, impondo-se pela força das armas, confiava apenas no ferro da lança e no gume da espada e, para acobertar-se, na tempera da armadura bem forjada, a sua maior gloria consistia em passar, em jejum, toda uma noite ajoelhado a Deus, diante do aceiro, para receber, na manhan seguinte, em solemnidade liturgica, a accolada de um veterano que, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, o fazia cavalleiro.

Então sahia pelo mundo, alistando-se sob o pendão de um feudo, acaudelando-se a uma suzerania, juramentando-se em uma Ordem ou fazendo-se servente de um chefe ousado, se não preferia peregrinar solitario, cavalgando ao longo das estradas ermas, atravéz das florestas encantadas como Parsifal, sempre prompto a terçar com quem, por tyrannia e maldade, devastasse terras lavradias, por lascivia polluisse o pudor, por orgulho acabrunhasse a humildade, por vilta offendesse a velhice, por protervia profanasse o altar.

Esses cavalleiros, cuja bondade o Tasso sublimou no poema, percorriam a terra triste como policiaes de Deus e, porque eram bravos, temiam-nos os máus, e porque eram puros abriam-se-lhes as chou-

panas e as crianças corriam a recebel-os. Quando appareciam nos caminhos, brilhando com o radiar do sol nas armaduras limpidas, os villões, abandonando as lavouras, sahiam-lhes ao encontro e agasalhavam-nos contentes, pondo mais uma acha ao lume e, assentando-os á mesa rustica, repartiam com elles o pão e o vinho.

Taes homens, que foram os redemptores do povo, os levitas da Fé, os campeões do Direito e os paladinos da cortezia, galhardos e senhoris, tão arrogantes em face do inimigo quanto eram meigos com os pequeninos, piedosos com a velhice fragil e gentis com a Mulher, erravam á aventura procurando no mundo pretextos para acções heroicas.

Caçadores de proezas iam, á desgarrada, em demanda de contendas e onde quer que os chamasse a Justiça para desaggravo de uma affronta ou punição de um crime, logo acudiam ardegos e, calando a viseira, a lança em riste, investiam destemidos, fosse entre pallissadas de campo, em justa concorrida, entre peonagem e nobreza, fosse em brenha sombria, em monte gelado, diante de muros de cidades fortes ou nas areias mornas, nas collinas estereis ou nos valles cheios das açucenas que perfumam os Evangelhos, sitios que Jesus percorreu vagarosamente espalhando milagres e onde succumbiu ficando o seu corpo em poder dos infieis.

Taes cavalleiros generosos eram crentes pugnacissimos, cuja patria era o céu, porque só para elle se voltavam; cujo ideal era a proeza, só almejando um premio na vida: o sorriso ou uma flor offerecida

pela sua dama quando tornavam dos combates com as feridas da victoria.

Para recompensa do que haviam soffrido bastava-lhes que o troveiro alludisse a um só dos seus feitos e, se tombavam, esvahindo-se, não levavam outra saudade senão a da que lhes fôra na vida como uma estrella-guia, cujo brilho lhes alumiava o coração nas horas de tristeza e os inflammava em coragem no instante do combate.

A Poesia, que recorda a vida de taes lidadores, não os liga a este ou áquelle céu, a esta ou áquella terra — apresenta-os como soldados do Ideal. No poema carolino ouve-se um doce appello á patria quando, através do estrondo do combate, Oliveiro suspira saudades de «doulce France». Mas o silencio volta sobre esse amor e os cavalleiros proseguem, como orfãos, sem apego á terra materna, forças errantes, desarreigadas, seguindo nos exercitos em marcha como folhas levadas em pegões de vento.

E assim a cavallaria passou como uma «razzia» christan.

As patrias ainda não haviam nascido, com o apego á terra, com a adoração do céu, com a differenciação das linguas, com o culto, com a tradição, com os costumes. As matronas ainda se não haviam assentado na pedra do lar com a roca entre os joelhos; o homem não havia ainda levantado a cabana, semeando a leira, espalhado o rebanho, desviado a agua para o moinho. Tudo era transitorio: os povos erravam em migrações espavoridas achegando-se aos solares, a pedir protecção. E os se-

nhores, armando mesnadas, sahiam em cavalgadas ferozes, impondo dizimos, cobrando primicias, governando á virga férrea a villanagem humilima.

A' medida, porém, que os feudos se fortaleciam iam dilatando os seus dominios, alargando as fronteiras, aggregando póvoas, villas e cidades, espalhando a lingua, estabelecendo o altar, implantando os costumes, estendendo as lavouras e as pasturas e os pendões tornaram-se pequenos para as vastidões que deviam cobrir.

Os senhores mais poderosos derrotaram os mais fracos conquistando-lhes as terras e, orgulhosos, cercados de lanças, fizeram-se sagrar principes de povos e entrando nas basilicas entre oriflammas e estandartes sahiam empunhando bandeiras em cujo campo confundiam-se todos os brazões num symbolo que era, então, a Patria.

E o homem fixou-se: teve uma terra que appellidasse sua, visinhos pacificos aos quaes chamasse irmãos, um culto para a sua crença, um céu para a sua Fé; poude semear serenamente o seu campo, que uma Lei defendia; poude dar sepultura aos seus mortos sem receio de profanação; poude criar os filhos no aconchego de um tecto e, desde a terra até o céu, sentiu a Patria, que é a synthese de todos os amores.

A Patria, eis tudo. E' ella que aqui me manda para armar-vos homens de prol. Recebi, meus jovens patricios, a accolada do veterano.

Entregando-vos a carteira de reservistas, a vós, cavalleiros da Honra, da Fortuna e da Gloria do

Brasil, saudo-vos em nome de Deus, em nome do Direito, em nome da Humanidade como paladinos da Bandeira, certo de que usareis de tal titulo com brio, na defesa do Brasil, não só na guerra, a ferro e fogo, como na paz, laboriosamente; não só com as armas que matam, mas tambem com as acções que estimulam a vida: com a virtude, que nobilita, com o estudo que alumia os caminhos do Futuro e desencanta os mysterios da Natureza, com o trabalho, que tira do seio da terra o pão do alimento e o ouro da riqueza e com a generisodade, que é a flor da Cavallaria.

Ide para o bem, meus jovens amigos, levando as armas que a Patria vos entrega, puras, tendo sempre em mente o que dizia da sua espada um heroe de gesta: — «que nunca a arrancára sem causa e nunca a enbainhára sem honra.»

Cavalleiros, mais felizes do que os antigos, porque tendes uma Patria, que tudo de vós espera, ide e vivei por ella e para ella. E que Deus vos proteja!

Discurso pronunciado a 20 de Outubro de 1917, no Theatro Municipal, no Festival artistico belga em beneficio dos orphãos belgas e em commemoração do 3.º anniversario da batalha do Yser.

«Mandando Theodorico, rei dos ostrogodos, herege arriano, cortar a cabeça áquelle insigne varão Severino Boecio porque lhe contradizia seus erros, um dos algozes perguntou por escarneo á cabeça depois de cortada: — Quem te tirou a vida? Respondeu logo a cabeça: Os impios».

Este apophthégma de um anonymo, recolhido na *Floresta* de Bernardes, reflecte um milagre. Não é, porém, pelo sobrenatural da voz posthuma que o cito, mas pelo que diz a mesma voz e que póde ser repetido, e em tom mais alto, pela cabeça de outra victima de igual fereza qué, decepada, foi rolar na França e lá, do girão misericordioso da grande Patria, fala e a sua palavra estronda no espaço e no tempo, vibra em todos os corações, bate ás portas do céu e ha de chamar á vida os mortos na hora, que vem perto, do renascimento da Harmonia.

O milagre do apophthégma é pequeno se o compararmos a outros que illuminam os santoraes, tão descridos hoje em dia, e some-se de todo, por minimo, se o puzermos em confronto com o maravilhoso que os nossos olhos contemplam commovidos.

Abramos, ao acaso, um agiologio e folheemol-o.

Eis, em uma pagina, um martyr que, depois de degollado, abaixa-se, toma a cabeça nas mãos e sahe com ella sem tropeçar, sem vacillar como quem melhor visse e conhecesse o caminho. Em outra: um corpo lacerado que, instantaneamente, se refaz membro a membro, levanta-se e parte entoando louvores a Deus, atravez da turba iniqua dos perseguidores. Adiante: uma virgem núa, atada a um poste, com o corpo lambido das chammas, com as carnes a rechinarem ao fogo que, de mãos postas, encarando extasiadamente o céu, sorri como se lhe saibam, como delicias, as labaredas que a flagellam.

Mas que valem milagres taes, em que são partes individuos, diante do que vemos, não figurado em livro, mas exposto na propria terra: todo um paiz desangrado, espostejado, incendiado e decapitado do seu rei, que se debate e luta, mantendo viva a fé na victoria e oppondo ao barbaro uma resistencia que excede o heroismo, porque é prodigio? Este é o caso da Belgica.

Não ha em tal região dilapidada um palmo de terra que não tenha soffrido, um monumento incólume, uma choupana indemne. As cidades, em muradaes combustos, são enormes chagas; as aldeias, sem pedra sobre pedra, com as suas habitações reduzidas a crivos de paredes e vigas carbonisadas, com as suas dornas e os seus celleiros destruidos, as suas azequias transbordando em lameiros, os seus açudes em estágnos verdinhentos, parecem roídas de lepra, esputando uma sanie putrida; as estradas, recomidas

pelos explosivos, vincadas pelas pesadas rodas das carretas, são lanhos. Nos sopés dos «calvarios» dos caminhos espalham-se fragmentos de cruzeiros. Por vezes um altar intacto irrompe de um monturo onde se misturam cabeças aureoladas de santos, azas de anjos, capiteis floridos de columnas, gárgulas monstruosas.

O sólo, aberto em fendas, escavado em algáres, com hiatos de crateras colossaes, lembram as lugubres paisagens lunares abostelladas de pustulas vulcanicas que figuram nas cartas astronomicas.

Das florestas, que foram espessas e luxuriantes, não ha mais do que esgalhos e tóros esfarpados. Os rios paralysam-se, estacam em barragens de ferro e granito — restos de pontes dynamitadas, escombros de muralhas, barcos adernados, troncos que desceram aboiando no fio das aguas, cadaveres tumidos de homens e de animaes, em entulho hediondo de catastrophe, que se rebalsa, formando comporta, diante da qual as aguas represadas rugem, encrespam-se, incham espumando, refervem escachoantes e, por fim, transbordam enfurecidas alagando o margêdo.

Aqui, além, no horizonte raso das campinas, que Victor Hugo descreveu ferteis e felizes, sobe lento, em espiras, um nastro de fumo. Um lar, sem duvida, com o seu pendão pacifico? não! excidio.

Não é a flammula sociavel que tremúla no colmo de uma choça, symbolo da religião domestica e aceno da hospitalidade: é o incendio, bandeira

rubra, que a horda leva desfraldada no tope dos archotes.

E tantas estacas que se aprumam nas leiras, sobre o rastolho de antigas ceifas, que sobem a eito pela encosta dos outeiros esmarrídos, que apuam as margens dos canaes silentes, que lavrador as terá fincado para que nellas se esteiem as viges novedias? a Morte, porque, em vez de arrimos para a vida, são cruzes assignalando covas. E tal é a lavoura nesses campos que o pincel de Rubens alvoroçou alegremente na *Kermesse*, desde que nelles domina o monstro.

Esphacellada, como se acha, acreditou o allemão que a Belgica jazeria inerte como um corpo morto, cévo apenas de abutres. Todo o paiz, em verdade, não é mais que uma vasta necrópole. E' bem, agora, o «Reino do silencio» como lhe chamou o poeta merencoreo, vendo-o atravez da bruma fina, que é o veu religioso da penitente Bruges.

Debruçado sobre a agua dormente dos canáes Rodenbach como que nellas viu, auguralmente, o futuro da patria e assim o prophetisou na surdina dos seus versos:

Très défuntes sont les maisons patriciennes
Et très dorénavant closes dans du silence
Parmi des quartiers froids, en des villes anciennes,
Où les pignons, pris d'une inerte somnolence,
Ne voient plus rien de grand, dans le soir diaphane,
Qui descende sur eux du soleil qui se fane;

Et, pour fleurir le deuil des vieilles demeures
Qui sont les tombeaux noirs des choses disparues,
Seul le carrillon lent sème tous les quarts d'heures,
Ses lourdes fleurs de fer dans le vide des rues!

A Belgica falava e cantava alegremente pela boca sonóra dos seus sinos. Antuerpia, Bruges, Malinas attrahiam as almas com os festivaes das suas torres. Havia sempre no ar um som de bronze: os carrilhoneiros punham constantemente em movimento os lirios éneos para que exhalassem melodias e, nas cidades, como nos campos, as horas passavam cantando em coro porque, em todas as torres e campanarios, os sinos vibravam a um tempo e o cortejo de sons atravessava o espaço, chegando, como o ar e como a luz, a tudo e a todos.

Seul le carrillon lent sème tous les quarts d'heures
Ses lourdes fleurs de fer dans le vide des rues!

Essas «flores de ferro» cahidas dos sinos, tu as viste, poeta, com olhos prescrutadores. A Allemanha, estrangulando a Belgica, não podia permittir que ella mantivesse as vozes seraphicas dos sinos e degradou os cantores seculares para o antro de Essen condemnando-os a soffrer de Hilda o que soffreram de Circe os companheiros de Ulysses. E os sinos dos carrilhões e os sinos das torres de guarda, que soavam por Deus e pela Patria, regressaram, não como aquelles que nos descreve o novellista, que, voltando de Roma, benzidos, vinham

tintinabulando alegremente pelos ares, em vôo fito aos seus campanarios, mas monstruosamente deformados em obuzes, em shrapnels, migados em metralha e, quando irrompiam do bojo dos canhões, em vez de espalharem sons mysticos, atroavam o espaço de ululos e, cahindo das alturas e deflagrando nas ruas realisavam a prophecia do poeta, quando falou das:

... lourdes fleures de fer dans le vide des rues !

Bordões e sinos, sinetas e campanilhas belgas eis a que vos reduziram os que forçaram as portas da patria em que florescieis: hontem, calices emborcados derramando sons; hoje elementos destruidores e, para maior vilta e ignominia, é contra as vossas proprias cidades, é contra os vossos proprios campanarios, é contra as vossas proprias torres que o barbaro vos arremessa.

Embora! Bem sabeis que a profanação a que vos impellem, sinos degradados, mais do que a baixeza do germano, revela a carencia em que elle se acha de material bellico. E assim como elles vos fizeram, sinos, assim fazem a tudo que, na forja, possa ser mudado em arma de guerra. Por tal motivo roubam todo metal que vêm e para os cadinhos infernaes de Krupp correm, uns em pós de outros, enormes e chocalhantes comboios de ferro-velho em cujos wagões misturam-se, em acervo heteróclito: estatuas arrancadas a monumentos e ferraduras de alimarias cahidas nos campos de batalha; baixos relevos e quicios de portas; primores

de machamartilho e chapas de fogão; candelabros floridos e aldrabas, ornatos de capellas e trens de cosinha, armas de panoplias historicas e cincerros de gado, patenas liturgicas e alcatruzes, relhas de arado, aros de rodas e hostiarios, botões de librés e véneras devotas, tudo que é metal, emfim. E' a respiga da miseria, são as varreduras das ultimas limalhas.

A Allemanha cata recursos — remeche nas ruinas como os cães famintos revolvem esterqueiras e, se não acha o que busca, atira-se á pilhagem e se alguem se lhe oppõe, mata.

Para conseguir uma barra de ferro, uma tranca, um castiçal de latão ou simplesmente uma dobradiça, que tudo lhe serve, o uhlano não hesitará em trucidar toda uma familia. *Uber alles!*

Mas a Belgica, posta á saque, açacanhada, violada, não se rende e, nas horas de maior angustia, soergue-se á escuta e ouve, commovida, a voz do milagre: é a sua cabeça que fala de longe, do regaço da França, onde jaz, viva e coroada.

Não, a Belgica não está morta e, senão, vejamos.

No fundo da terra, como nas catacumbas de Roma, no tempo dos ágapes christãos, alapardam-se conciliabulos. Os vivos sepultam-se: são as sementes da nação futura que se refugiam no alfôbre patrio. Taes sementes começam a medrar e, ainda que se lhes não veja o rebento, já se lhes vêm as folhas. Como nascem? como vingam? como se multiplicam? mysterio. Ainda que não receiem trai-

ções por falta de quem as execute os allemães, que assenhoream o triste reino, reforçam-lhe, á noite, a guarda: as patrulhas dobradas rondam e sobre rondam, as sentinellas espreitam, attentas ao menor ruido e, para que não succeda alguma adormecer ou distrahir-se no seu posto, de quando em quando cruzam-se vozes longas de alerta.

Não ha viv'alma nas ruas e o silencio é apenas quebrado, a espaços, por um estampido trágico ou pelo entrépito de uma sapatorra ferrada que tarouca aos esbarros de um ébrio de capacete á banda, carabina dançando á bandoleira, um sacco ás costas trangalhejando furtos e na boca gosmenta o resmungo do hymno da arrogancia. E' um heróe que recolhe da rapina, do rauso e da zangurriana entrando aos cambaleios, como em tinello sórdido, no salão sumptuoso e veneravel d'arte de um palacio transformado em caserna. O tinir d'espada annuncia a ronda de officiaes. Nem sombra apparece e a noite pesa lugubre como uma tampa de esquife. Pouco a pouco, porém, o ar se vai tornando pardo, esfarinhado de nevoa, como se se houvesse reduzido á cinza todo o carvão da treva.

Vibram lancinantes clarins, rufam tambores funebres: é a alvorada. O sol nasce e irradia. Subito, estála uma praga. Está um official parado diante de um muro onde alastra, com escandalo, um cartaz. E' uma proclamação da Belgica aos seus filhos prófugos — aos captivos e aos exilados, falando-lhes pelos mortos, pelas ruinas, pelas affrontas, pelos latrocinios, pelas baixezas, por tudo que nella

tem praticado o teutão desde que lhe avilta o sólo sagrado com a sua detestada presença.

Péde aos captivos que tenham resignação e fé, péde aos foragidos que estejam preparados e attentos ao primeiro reclamo, péde ao mundo que a ampare, a ella que, pelo mundo, sacrificou fortuna e sangue e que ainda por elle soffre sob o guante do usurpador feroz. O official, typo da soberba é da agriothymia germanica, espuma de colera, atira punhadas ao ar e, arrancando da espada, investe com o cartaz e rasga-o.

De que vale tal impeto se, passos adiante, outro cartaz apparece e em toda a parte são vistos, pullulam, multiplicam-se prodigiosamente! E os muros, por elles, falam, falam as arvores, clamam as pedras, bradam as ruinas — é uma vozeria que não se ouve, mas que se vê como em grita petrificada.

E, assim como os cartazes, espalham-se boletins, circulam jornaes, como a *Libre Belgique,* todos oriundos do mesmo mysterio.

A Allemanha, tão atreita á espionagem, que tem lançado pelo mundo toda uma legião de afuroadores; a Allemanha de Luxburgo e de Bolo Pacha; a Allemanha, que atréla á sua matilha de farisco desde o diplomata até a michéla, desde o sacerdote até o saltimbanco; a Allemanha, que mantem uma escola superior de astucia diante da qual seria ridicula a aula da «Corte dos milagres» onde foi recebido, como aprendiz de furto, o desageitado Gringoire; a Allemanha, discipula de Asmodeu, lançando pregões de suborno, decretando ameaças, pren-

dendo suspeitos e submettendo-os á tortura, invadindo lares, varejando adégas e socavões não conseguiu descobrir as officinas onde se imprimem as folhas patrioticas que, periodicamente, com regularidade astronomica, apparecem pregando a Fé e annunciando a Redempção.

Daniel, interpretando as palavras que flammejaram na frisa do paço de Balthazar, guardou segredo sobre a mão que as traçara porque divulgal-o importaria em denunciar Deus.

Dir-se-á que é a mesma mão que accendeu as palavras mortaes no alcácer babylonico que affixa os cartazes e distribue todas as publicações da imprensa clandestina que ataranta e irrita os algozes da Belgica.

Nessa imprensa de desaggravo e de esperança, vibra, talvez, quem sabe? a alma dos sinos mortos, os sinos dos «beffrois» e os sinos das cathedraes.

Verhaeren, o poeta das agonias belgas, cuja lyra soava como os psalterios dos hebreus pendurados dos ramos tristes dos salgueiros de Sion, deixou-nos, em um pequeno poema: *Entrée de Philippe le Bel à Bruges*» a lenda patriotica dos sinos da velha Flandres.

Chamado pelos flamengos para decidir uma questão que se levantara entre Guy de Dampierre e o povo Philippe o Bello entra em Bruges com sumptuoso alardo.

As ruas, alcatifadas de folhagem e de flores, rescendem, as janellas, colgadas de razes, brilham ao sol, as armaduras dos guerreiros, as samarras dos

magistrados, os variegados trajos da multidão são outros tantos attractivos para os olhos deslumbrados do principe, sobreleva, porém, a tudo a radiosa belleza das damas que se debruçam dos balcões dos palacios, entre aias e pagens, inclinando-se e sorrindo graciosamente á sua passagem.

Impressionado com o esplendor da cidade e com a formosura das suas mulheres muda-se, no espirito do rei, o pensamento de concordia em animo ambicioso e, desde logo, resolve, com tredo intuito, annexar á sua corôa o Estado em que é recebido como arbitro de paz.

Combinado o golpe com traidores que encontra entre os proprios conselheiros municipaes, dirige-se o rei para o palacio, onde o espera o festim dos nobres da cidade.

A mesa, extensa, é toda ella, de ponta á ponta, uma como estrada de flores. Rompem os musicos o concerto e o cortejo desfila com magnificencia. Começa o serviço. Famulos vão e vem com a baixella preciosa. Do tecto, todo em esculpturas pagans, chove continuadamente um esparzído de petalas. E Philippe, desvanecido e certo do seu triumpho, apruma-se arrogante no seu solio

> Quand tout à coup, vers le déclin du jour,
> L'ample bourdon de révolte et de guerre
> Sauta d'un tel élan, dans sa cage de pierre,
> Qu'il ébranla, de haut en bas,
> La tour.

Il bondissait vers les campagnes,
Ses chocs

Semblaient casser les blocs
D'une montagne ;
Ses hans fendaient, lourds et profonds,
Les horizons ;
Sa voix d'orage et de tempête
Rompait la fête ;
Il angoissait de ses clameurs
Les cœurs,

Si bien que son battant
Semblait le poing géant
Où se crispait l'amas des rages
Et des haines sauvages.

On alluma soudain de grands flambeaux.
On fit signe d'en bas de cesser le vacarme,
Mais le sonneur ne comprit rien, étant trop haut.
L'ardent repas finit : d'aucuns cherchaient leurs armes,
Et s'exaltaient entre eux et s'appretaient à voir.
Quelque embûche surgir des ténèbres du soir.

Le roi contint leur fièvre et se leva tranquille.
Mais les étoiles d'or illuminaient la ville
Que vainement encore il cherchait le sommeil,
Tandis qu'obstinément et longuement pareils,
Toujours les sons profonds ébranlaient l'étendue
Et tenaient la terreur sur sa tête, pendue.

Assim os sinos salvaram a Flandres das garras do usurpador.

A alma d'essas atalaias não se lança agora em dobres alarmantes do alto das torres fortes, ex-

surge do fundo da terra em protesto, róla em clamores de odio, retumba em revolta, senão em sons que echoam, em palavras que vão mais longe, como a luz, e ardem mantendo viva no coração dos opprimidos a grande fé que os ha de redimir, a energia que os ha de reintegrar, como homens livres, na patria livre.

Assim reage a alma bronzea dos grandes sinos dos «beffrois».

A alma religiosa dos sinos dos campanarios sôa tambem, mas em tom mystico, como voz de consolo e de esperança, annunciando, nas trevas dos dias tristes, a alegria da proxima redempção.

Ouçamos Rodenbach, o poeta vidente:

Les cloches moururent un peu.
Etait-ce aussi d'un coup de lance,
Comme leur dieu?
Elles avaient dormi trois jours
Au tombeau du silence...

Chacune s'éveille à son tour
Combien faible, combien pâlie
D'avoir été ensevelie;
Et comme d'un sepulchre, elle sort de sa tour!
Toutes chantent ressuscitées,
Et l'aube en est plus argentée
A la place, dans l'air, où leur vol s'appuya...
Cloches de Pâques! Alleluia!

....

Ces cloches dans l'air balancées
Sont nos robes, d'enfant, recommencées,
Toutes les candeurs que nous avons eues
Mortes — et ressuscitées,
Comme Jesus.
Ah! notre vie ainsi ébruitée!
C'est le passé dejá si vague
Qui s'en revient, qui se rapproche;
Et dans notre âme aussi, ressuscitent des cloches...

Alleluia! Cloches de Pâques!

Essas folhas que correm: cartazes, boletins, pamphletos e jornaes, que, por si mesmas, se pregam aos muros, que se insinuam nas casas, como a luz, que vôam dos extremos da Flandres ás lindes da Wallonia e nas quaes as palavras vibram como sons dos sinos mortos; essas folhas, que se levantam em turbilhões da terra belga, revelam que a arvore nacional ainda está viva.

Os barbaros não lhe chegaram ás raizes com o ferro e com o fogo, detoraram-na apenas, podaram-na das franças, mas a seiva continúa a circular, e forte, alimentando o tronco, e a fronde reviçará, mais robusta e florida, carregando-se de ninhos novos e frutificando em pomos opulentos.

Que importa que a Allemanha tenha condemnado a Belgica no Pretorio da Força? Que importa que a tenha arrastado pelos caminhos mais agros? Que importa que a tenha crucificado pregando-lhe, no tópe da cruz, por irrisão, o farrapo de papel que assignou com a propria honra? Que importa que mantenha de guarda ao grande tumulo todo

um exercito, chefiado por um verdugo? Que importa que o Kaiser, na sua megalomanía assassina e rapace, já a tenha riscado, no mappa, dentre as nações livres para annexal-a ao seu imperio voraz? Tambem os legionarios romanos disputaram ao jogo a tunica de Christo, mas não consta que algum delles a houvesse vestido. Tenhamos fé! Os sinos hão de soar de novo, como soaram em Bruges, no melhor do festim offerecido a Philippe o Bello e o mundo verá reproduzir-se o milagre que os sinos celebram alegremente na Paschoa.

A Civilisação ha de proclamal-o como a Magdalena proclamou o outro nas ruas pedrentas de Jerusalem.

Mas emquanto não se cumpre a promessa das prophecías sejamos para a Redemptora o que foram para a Dolorosa os discipulos de Jesus.

Unamo-nos todos em volta da bandeira belga, que é o santo sudario do martyrio da nação heroica.

Os que a consideram anniquilada são cégos e surdos. Cégos, porque não a vêm nas batalhas, disputando os postos mais avançados, de onde possa chegar, com facilidade, ao coração do inimigo. E não a viram em Liege? e não a viram no Yser? Neste ultimo lance talvez não a tivessem visto porque lhe voltaram as costas em debandada espavorida. E não a vêm nas trincheiras abarbada com a neve e, subito, escalando as rampas pelos talúdes de gelo e investindo á bayoneta com o seu inimigo numeroso? E não a vêm nos ares remi-

giando nos aeroplanos que, em vôos iterativos, passam e repassam sobre cidades e campos espalhando o pavor e a morte? E não a vêm por entre os esgalhos desfolhados das arvores, remanescentes das florestas devastadas, defendendo a terra e os seus ultimos troncos, e as fontes que ainda resistem, minguadas? E não a vêm por entre o fumo fétido dos gazes reconquistando as suas aldeias carbonisadas, retomando os seus moinhos desmantelados, reinstalando-se nos seus campos expluidos, reapossando-se de ruinarías que foram templos e palacios, sempre com o denodo sobrehumano com que recebeu o primeiro embate formidavel da horda, em Liege?

Surdos, porque não ouvem as proclamações dos burgo-mestres, homens de fé, patriotas inflexiveis que respondem a todas as arrogancias com a serenidade altiva com que Camillo respondeu aos barbaros em Roma, senão com a espada, que não manejam, com a Lei da Patria, que zelam. Surdos, porque não ouvem as prédicas dos abnegados sacerdotes que percorrem os campos, como outr'ora os templarios, em uma das mãos a cruz, na outra a espada. Surdos, porque não ouvem as maldições das mãis e das esposas, a ironía ferina dos camponezes, a satyra dos rapazes que engrolam, com asco, a aravía que lhes ensinam lançando-a da boca como se a cuspissem. Surdos, porque não ouvem os soluços dos pequeninos orfãos, que erram pelas estradas, como áves sem ninho, com os frageis pulsos esguichando sangue, porque os despojos que mais disputam os ogres da Germania são as mãos das

crianças, que lhes servem de tentos no jogo da carniceria e de refens contra possiveis levantes no porvir.

A Allemanha acautela-se e, como lhe não sobra ferro para algemar toda uma nação que renasce cercêa-lhe os renovos, fal-a maneta para que, assim mutilada, não possa arar a terra, cavar a mina, manufacturar na fabrica ou empunhar o ferro vingativo. E' um processo facil de inutilisar o futuro ferindo-o nas raizes.

E o uhlano, que encontra em caminho um desses desmanotados, ri alvarmente, como ri diante das ruinas, e passa sem que, ao menos, com a recordação de outra criança, que deixou no seu antro, já rugindo e trincando com as gengivas o peito materno, a alma se lhe conturbe e enterneça.

A piedade é uma flôr, como o remorso é um cardo. O proprio cardo, para nascer, pede um pouco de areia ou pedra, mas no coração esteril do germano não ha ternura, não ha bondade nem vestigio de amor: é como um sarçal que arde e se ha nelle uma alma dorme, como Brunhilda, num circulo de fogo.

«Tout être qui ne posséde pas quelque noblesse d'âme n'a pas de vie intérieure. Il aura beau se connaitre, peut-être saura-t'il pourquoi il n'est pas bon, mais il n'aura ni cette force, ni ce refuge, ni ce trésor de satisfactions invisibles que possede tout homme qui peut rentrer sans crainte dans son cœur.»

São palavras de Maeterlinck em «La sagesse et la destinée».

O germano entra no coração como a hyena na sepultura que recava e enlapa-se lambendo voluptuosamente a fauce que tresanda á putrida carniça e a sua alegria é a satisfação da féra farta.

O sangue é o molho do seu repasto. E' vel-o como se assanha ao farejal-o, como se rebolca de gozo ao vel-o correr a jorros, com que infame prazer se lambusa nos golfões purpureos que gorgolejam da vida como ruge, contente, afocinhando nas poças rubras.

Não ha vampiro que o valha, não ha empusa que se lhe compare.

E é esse trasgo que impéra na terra dedicada da Belgica, sugando-a por mil ventosas, flagiciando-a de mil modos e maculando-a com o seu visgo, igual ao rastro das lesmas. E', por emquanto, uma força que opprime, na hora da resurreição será cobardia e cahirá deslumbrada com o esplendor do tumulo, como rolaram por terra os guardas do Santo Sepulchro quando os anjos, affastando a pedra, deram passagem a Jesus, que succumbira como homem e que regressava á vida, para a eternidade, como Deus.

Assim será com a Nação que deteve, d'encontro ao seu peito generoso, a torrente de fogo do vulcão prussiano.

Nem os que morreram em Liege, nem os oitenta mil esfarrapados do Yser, o mundo não os esquecerá jamais!

Os primeiros, um pugillo de heróes, receberam os invasores como grãos de areia que se oppuzessem a uma avalanche. Os segundos, na batalha memoravel das trezentas e sessenta horas, sem um segundo de treguas, famintos, transidos de frio, poupando avaramente as munições, que escasseavam nos armões, nos cunhetes e nas cartucheiras e, á mingua de fogo, pedindo soccorro á agua, que logo acudiu, transbordando impetuosamente dos canaes e inundando as terras, afogando homens e animaes, atascando a artilharia, perseguiu os fugitivos, com as ondas que espumavam reproduzindo o prodigio do Mar Vermelho quando engolfou as tropas do Pharaó, evitaram que os barbaros ganhassem o caminho de Dunkerque e de Calais chegando com a pontaria das suas peças ao coração da Inglaterra.

E assim como Liege foi o escudo que acobertou a França, Yser salvou a Bretanha do inopinado assalto que a ameaçava.

Hoje, que commemoramos, em união fraternal, o anniversario do grande feito, pelo qual se tornou credora, mais do que da admiração, da gratidão do mundo, a gente destemerosa do Rei Alberto, é justo que o ponhamos em destaque, levantando-o, não nos escudos, mas no culto de nossas almas e relembrando as palavras formosas com que elle lançou ao encontro da barbarie a sua linha de batalha, repetindo-as devotamente porque foram, em verdade, a formula da oração com que se salvou a Humanidade naquelle terrivel lance:

«Nas posições que vos couberem olhai sempre

para a frente e considerai como traidor á Patria todo aquelle que pronunciar a palavra «retirada» antes que a determine uma ordem formal.»

Disse, e levantando o corcel nas redeas, com a espada na mão do sceptro, atirou-se á frente dos seus homens.

A batalha durou quinze dias, com os dois elementos: o fogo e agua e, sobre tudo, Deus, pelos alliados. E a Allemanha recuou pasmada da resistencia.

Mas que resta hoje da Belgica, da santa Belgica gloriosa e martyr? um corpo aberto em feridas, mas a cabeça vive e tanto basta para que se renove a vida, como por uma delgada raiz toda se reconstitue uma arvore. Vive e fala, como no milagre, e exhorta, anima e brada condemnando os barbaros, convocando o mundo e protestando diante da Historia, diante do Direito e diante de Deus contra os crimes protervos da Germania.

E essa cabeça, que ha de sempre responder ás interrogações dos juizes no correr dos Seculos, como á do algoz respondeu a de Boecio, denunciando os impios, é a do generoso e adamantino Alberto, principe perfeito, Rei imperterrito dos belgas e salvador do mundo.

Louvemos o seu nome que enche de fulgor o Tempo e honra a Humanidade.

Jamais sous le soleil une âme n'oubliera
Ceux qui sont morts pour le monde, là bas
A Liege.

Discurso pronunciado no Club de Natação e Regatas, a 15 de Dezembro de 1917, no sarau commemorativo ao 21º anniversario do mesmo Club.

Meus senhores

Quando, respondendo á honra do vosso convite para tomar parte nesta solemnidade, eu vos disse que falaria sobre o mar, procedi com imprudencia, comprometendo-me, sem medir a grandeza e as difficuldades do thema; logo, porém, que o abordei, tanto se me entibiaram as forças e o animo de tal maneira se me conturbou que só não recuei da afoiteza, a que me atrevera, porque me fiei nos valentes, certo de que me não deixariam sossobrar no elemento em que são familiares e destros, brincando nelle como proteïdes que se houvessem criado ao peito das ondas, nutrindo-se robustamente do leite das espumas.

Assim, confiado em vós, aqui vim e aqui me tendes diante do assumpto temeroso a que me devo arrojar e, como me animais á aventura, parto atrevidamente e invisto com as aguas glaucas. Desço a rampa palmilhando-a a medo: é o terreno neutro da praia, peristylo que brilha e poreja. Um verde

liquido vai e vem por elle, verde transparente como o da esmeralda e o da esperança e, como este ultimo, illusorio, e move-se preguiçoso, e estira-se mollemente, alonga-se com a areia esfrolando-se em rendas.

Branco, como de alabastro, é o solo em que piso, alvura que é como um espaço entre terra e mar, delimitando elementos que se hostilizam.

O que vejo é quasi o infinito — a vista morre na distancia e essa distancia é o céu. O mar, entretanto, continúa além, como a imagem do tempo que tem por horizonte a tréva e, constantemente, se desdobra em novas madrugadas.

Esse mar, quem o descreverá com precisão, sendo elle tão vasto que, em si, contém a terra toda; sendo tão variavel que está sempre em mudanças; sendo de natural tão esquivo que o seu vir á praia não é senão negaça porque, mal afflue, como a offerecer-se, logo recúa, fugindo; sendo tão profundo que só, talvez, com a escada de Jacob, que subia da terra ao céu, marinhando por ella os anjos, poderia o homem descer aos seus abysmos?

Que olhar o alcançará até onde marulham, entorpecidas de frio, as suas ultimas ondas? Que pincel de colorista reproduzirá todos os matizes da sua superficie variegada: umas vezes verde como o campo, cerulea como o céu diurno ou escura, broslada de luar, faiscante de lumes, reflectindo a noite, com as suas estrellas; fremente, cotonada de frocos ou immovel, polida como um crystal, chan nas cal-

marias torpidas ou acapellada em montanhas de cristas espumosas?

Quando, para crear o mundo, Deus baixou da altura, foi-lhe vehiculo uma nuvem e essa nuvem, como as das chuvas, resolveu-se em agua e essa agua espalhou-se azulada e foi sobre ella que, na hora augusta da Genese, pairou o Espirito Supremo, como nol-o diz a Biblia na symphonia de abertura do poema da Creação:

1 — No principio creou Deus o céu e a terra.

2 — A terra, porém, era van e vasia e as trevas cobriam a face do abysmo e o Espirito de Deus era levado sobre as aguas».

E que aguas eram essas? as mesmas do mar-oceano que os gregos, mais tarde, appellidaram Pontos, que quer dizer: caminho livre, caminho por excellencia.

Por tal caminho, que antes foi caminheiro, na monção dos ventos, correram todas as naves da Fortuna, desde a almadia, cavada num tronco na qual, deixando a segurança da terra pela incerteza das aguas, o primeiro homem navegante achou-se perdido, isolado no silencio, sobre o verde immenso, debaixo do azul infinito, até a barca ligeira, partida de Tyro, com Melkart á prôa favorecendo a viagem, que levou o alphabeto da Phenicia para a Grecia terreno propicio á egregia sementeira que se desenvolveu em arvore luminosa, produzindo as flores da Arte e os frutos da Sciencia, resoando os cantos das aves da Poesia e que, multiplicada em floresta, formou o acceitoso Paraiso, que é a Cultura

humana, no qual, infelizmente, e porque é eterno como a tréva, rabeia e silva o mesmo Demonio perfido que tramou no Eden a primeira traição; desde a héptere de guerra, como aquella em que sahiram os argonautas, até os fundos barcos de commercio, de seis ordens de remos longos e velas amplas, que singraram, demandando terras novas, desde o delta do Nilo, até as ribas do Ebro, desde Sidon, das palmeiras até a Scythia gelada, desde Phaléro até as ilhas douradas de laranjeiras e limoeiros e ainda perlongando as praias do Oriente, encarnadas de coral, amarellas de ambar, piscantes de ouro, leitosas de perolas ou empilhadas de madeiras odoriferas, acoguladas de especiarias, despejando no mar, marchetados de nenuphares, os grandes rios que vinham das montanhas onde o sandalo e o cedro trescalavam e as resinas, escorrendo pelos troncos em coaguladas lagrimas de aroma, offertavam-se aos homens para a volupia dos seus festins ou para oblações aos seus deuses.

Ancorando em portos tumultuosos, que deslumbravam pela riqueza dos monumentos e pela formosura das mulheres, desembarcavam logographos, como Herodoto, que iam registando o que viam; artistas, como Orpheu, tangendo a lyra encantadora; como Hephaistos, accendendo a fórja e moldando o ferro aspero em instrumentos doceis na mão do homem para a fecundação da terra; outros cardando a lan, tecendo o linho, urdindo a téla para os vestidos; outros compondo as tintas indeleveis e um grave, como Asclepio, explicando a virtude subtil das plantas ou

applicando sabiamente um veneno lethal como elixir da vida.

Taes homens beneficos eram logo divinisados e, morrendo, como deixavam ensinamentos uteis e memoria suave, os povos erigiam-lhes templos com altares de ouro onde, dia e noite, sob a guarda de sacerdotisas, ardiam arómatas. Com o prestigio de taes entes os costumes, que eram rudes, foram-se tornando brandos, crearam-se as leis de garantia e defeza, veiu o respeito pela velhice, pela infancia, pelo pudor e pela morte e os homens, mais sociaveis, conheceram e estimaram a paz e, reunindo-se á sombra dos templos, edificaram moradias, lavraram campos, corrigiram rios, dissecaram lagôas malignas e, á tarde, com as estrellas luzindo no céu, sentados sob a latada domestica, rumorosa do zumbir das abelhas, olhavam enlevadamente os rebanhos que desciam das collinas, os carros que chegavam das ceifas, as crianças que brincavam nas médas de feno e a noite baixava docemente, sem terrores, como uma benção.

E foram nascendo as cidades muradas, com as suas torres de pedra no alto das quaes rondavam vigias e sacerdotes, consultando os astros, gravavam em tijolos, com os vaticinios, os primeiros principios da sciencia sideral.

Ulysses, entrando as terras ignaras com um remo ao hombro, é bem o symbolo da civilização levada ao homem rude do interior pelo littoraneo.

E tinham os antigos em tal apreço o mar e consideravam honra tamanha o haverem nelle andado, que naquelle terrivel canto nigromantico da

Odysséa, o espirito de Elpenor, rompendo da bruma espessa da morte á invocação de Ulysses, pede-lhe uma sepultura para o corpo abandonado e que nella chante, como um padrão, o remo que manobrara em vida.

Mas não só caminho como tambem caminheiro — já eu o disse — tem sido e ha de sempre ser o mar.

Foi elle que plasmou a terra dispondo-a para a vida. Elle é o peregrino infatigavel que passa pelos littoraes beneficiando-os — aqui lavra, ali fecunda, além corrige, mais longe cria ou resuscita: é fundador e destruidor, principio e fim, como todas as forças eternas. Sorve uma ilha, absorve um continente, engolfa um rochedo, não com o instincto do monstro que devora, mas pelo destino da perfeição, que, reproduzindo, melhora — como o tumulo, que devolve, por uma vida, mil vidas; como o espaço que recebendo o sol no occaso, fal-o resurgir mais bello no oriente.

Assim procede o mar, como artista que revê e recompõe a propria obra envelhecida para reedital-a estreme e melhorada. Toma-a, recolhe-se com ella á sua officina, retoca-a, repule-a, ensangra-a de seiva nova e restitue-a á vida, fazendo-a reapparecer á tona reviçada. E no torrão resurgido abrolham fontes, sussurram corregos ligeiros, verdejam campos macios, encrespam-se frondosas florestas, attrahindo aves ás suas franças, logo canóras, cobrem-se os virentes prados de animaes ingenuos, que retouçam na herva fina ás corridas brincalhonas,

outros, eriçados, em furor de sangue, surgem e logo o rebanho meigo se dispersa em fuga espavorida. E o silencio enche-se de vozes, a quietude estropêa com as correrias ariscas e com os vôos, tudo vive á luz radiosa, vida possante de natureza virgem, até que um barco acarôa com a praia e o homem salta na arêa lisa ou no recife arestoso e pára um momento em extase; por fim, cautelosamente, abalsa-se, vai indo, detém-se subito a um rumor — é a féra — abate-a e aprofunda-se na brenha que rescende e estribilha som dagua.

Escolhe um sitio, accende o lume, cólma de folhas um rancho, installa-se, levanta um altar de pedras, cobre-o de musgo e nelle propicia Deus. E' o senhor, e, como tal, crava estacas, constróe um muro forte, semeia o campo, e a terra sente o prestigio do que lhe sahiu do mar com um remo, logo applicado como espadella no trabalho da eira.

Chegam familias contentes e reunem-se, as cabanas multiplicam-se e, em todas ellas, o arrôlo annuncia berços.

E o trabalho movimenta-se — é nas lavouras o plantio, é na floresta a detóra, é o oleiro a enformar o barro; vermelheja a forja retinindo, rilha adiante a serra no madeiro, róla, com estrondo, um bloco da pedreira e é já um mancebo que sonha á sombra e além é um velho que se curva sobre um balseiro colhendo hervas.

Cresce o rumor, é o mercado; sôa um sino: é a igreja; range um carro, é a colheita; acosta á terra o primeiro navio, é o commercio; denigre o

espaço uma nuvem de fumo, é a industria. E a cidade cresce, aformosêa-se, enche-se da gente vária e logo as Artes a enfeitam e a Sciencia a impulsiona e defende e assim a terra velhissima, remoçada pelo mar, offerece um novo asylo á vida e inspira a Poesia, que a celebra em cantos immortaes.

E o mar, artista caminheiro, passa e vai, frio se o seu rumo é ao littoral adusto, aquecido em calor dynamico quando se dirige aos polos mantendo a temperatura da terra, como o sangue regula o calor do corpo. E, como passa, trabalha: aqui desbasta um cabo, além recava uma angra, com o que tira de um promontorio recurva uma enseada e, como recebe todos os rios, que lhe são tributarios, toma-lhes o que carrêam e com essa contribuição constróe novas ilhas sobre alicerces de coral, accrescenta territorios e, não raro, sementes levadas pelos ventos, rolando-lhes nas ondas, vão ter a praias, acham abrigo num vão de rocha, medram abrindo palmas, desenvolvendo frondes, desabrochando em flores e assim entram nas terras novas os emigrantes verdes, estabelecendo-se e progredindo em flóra exuberante.

Galga o pastor a montanha pela escaleira titanica das rochas e, no mais alto onde habitam as aguias, pára, reune o almalho e olha escolhendo sitio onde demore.

Em baixo tudo é névoa, em cima é o céu. As cabras saltam trefegas, encontram-se ás marradas, pulam de um alcantil a outro e estacam nas chan-

fras medindo o algar, em cujo fundo estrondam aguas. Nuvens rolam em fumarada, nas ramas hispidas dos pinheiros e todo o cabeço da montanha rebrilha ao sol, coroado de neve.

E o pastor caminha, attento aos animaes, acautelando os passos nas trilhas que beiram os precipicios. Subito alguma coisa o detem, attrahindo-lhe a vista surprehendida: é como um seixo de forma rara — concavo, reticulado, polido no interior e com orilhas de sangue. Toma-o entre os dedos, mira-o e, porque o acha interessante, guarda-o no surrão. Um dia, descendo á planicie e conversando na herdade com os companheiros, mostra-lhes o que traz. Corre o objecto de mão em mão até que chega a alguem que viu o mar e que, de prompto, reconhece o achadego e o denomina: é uma concha. Então encarando o pastor, duvida de que, em tal altura, parasse um producto do mar.

— Mas se te espantas por um que dirás se lá fores, á montanha, e vires as pilhas que existem nas cavernas, o que ha encravado nos rochedos, a esmo na terra, de varias fórmas e tamanhos: umas pequeninas, redondas como avellorios, outras em feitio de cascas esturricadas, ainda outras como punhos e que rugem quando a gente as escuta. Quem as terá levado a tal distancia? Quem? o caminheiro eterno, o verde atlante que por ali andou, em tempo, e que, como o Pequeno Pollegar, ao retirar-se, foi deixando, em vez de pedras, conchas para assignalar a sua passagem.

E toda a terra, desde a mais rasa planicie até

o viso da cordilheira mais alcandorada, guarda vestigios do mar: aqui um marisco incrustado em penedo, além um fossil, uma duna, um taboleiro alvo, um rochedo cretaceo que fôra, outr'ora, phalansterio de polypos. E se quereis ainda uma prova, e esta formosa, das viagens do caminheiro eterno, do infatigavel reparador do mundo, aqui vol-a offereço em um primoroso soneto de Humberto de Campos, intitulado:

AS FILHAS DA AGUA GRANDE

(Lenda da região lacustre do Rio Grande do Sul)

No principio do mundo, em que era tudo
Ou mar, ou sólo, entre a Agua Grande e a Terra
Como irada explosão de um ódio mudo
Foi, certo dia, declarada a guerra,

E a luta immensa começou. A serra
Marchou sobre a Agua. Com o seu largo escudo
A Agua repelle e, num mugido rudo
Os molles dentes no seu dorso enterra.

Mas a Terra venceu! E, na ira céga,
Como despojos da victoria, algumas
Filhas da Agua — as lagôas — lhe carrega.

E eis porque o Oceano pelas praias êsma:
— E' a Agua Grande, com os braços das espumas,
A chamar os pedaços de si mesma.

Será verdade o que diz a lenda trabalhada em joia pelo poeta eximio? Ouso affirmar que não. A verdade é outra e bem diversa. A vencedora no prélio formidando não foi a que apregôa a lenda, mas a que nella é dada por vencida, e essas mesmas lagôas, que esteiram taciturnamente as terras interiores, são sentinellas da Agua Grande guardando a prisioneira.

Vencido, o mar! O mar é a força viva, a energia permanente, o movimento perenne, o pendulo do mundo.

Impassivel como o Destino, não manifesta preferencias. Em bonança, uma piroga, affrontando-o, sulca-o tranquilla, ao som do vento, com o pescador cantando descuidado, mas se a procella o subléva, incha em colera, turva-se em negror e, levantado em montanhas, remugindo, parece desafiar o céu e o mais poderoso couraçado anda nelle aos boléos, sobe no vagalhão, oscilla no ar, põe-se a pino e inflecte de prôa, ao abysmo, mas ainda escapa e rompe alagado, arfando; treme, estaca como animal atordoado, mas se o envolve o marouço rodopia tonto, abica ao pélago, aderna, emborca, afunda e some-se.

Que lhe importa o pavilhão do navio que por elle singra? Que lhe importa saber se vai em recado de paz ou em sortida de guerra, carregado de trigo ou attestado de polvora? é um transeunte das suas aguas. E não é elle o roteiro para todas as

patrias, a estrada universal onde se cruzam todas as gentes, Pontos, o caminho livre?

E o vento, que o ronda, tanto enfuna a véla que leva no bojo a cruz de Christo como a que se adorna com o crescente do Islam. E se dois barcos se abordam, desmascarando as baterias flammejantes, o mar, alheio á luta, continúa no seu ondular sereno ou iroso, abrindo-se em sorvedouro para receber o corpo do vencido e deixando-se rasgar em sulco pela prôa arrogante do vencedor, que parte por entre a grita dos que se afogam embrulhados nas vagas.

E' assim o mar e nós o amamos pela possança, amamol-o pela belleza, e quanto mais indifferente se nos mostra tanto mais o admiramos e exaltamos.

E' bem um deus, como os deuses mantendo a Fé, que não é senão uma flôr da Esperança, esse sonho a que vivemos apegados.

Mas louvemol-o agradecidos pelo muito que por nós tem feito.

Onde recomeçou a vida? no mar. Como se salvou a Humanidade do immenso cataclysmo e, com ella, todas as especies naturaes, todas as familias dos seres? na arca.

O navio foi a redempção e assim o comprehendeu o egypcio, dando por altar a Isis a bari de duas prôas curvas, na qual a deusa navegava no céu.

Mar oceano, motor eterno, a vida és tu e em ti é que ella reside e de ti é que ella se diffunde

no mundo, levada em germens pelos ventos, que os tiram de ti como tiram das flores o pollen da fecundidade.

Além de beneficiador da terra és ainda, oceano, o treinador dos homens, preparando-os para os combates da vida como o lanista tratava e adestrava o gladiodar para a luta, e esta é a razão de serem os povos littoraneos, que se embebem no mar, os mais fortes e os mais esclarecidos.

«O contacto do mar, diz Humboldt, exerce, incontestavelmente, salutar influencia sobre o moral e sobre os progressos intellectuaes de grande numero de povos — elle multiplica e aperta os laços que devem, um dia, unir todas as partes da humanidade em um só feixe. Se fôr possivel chegarmos ao conhecimento completo da superficie do nosso planeta, ao mar o deveremos, como já lhe devemos os mais bellos progressos da astronomia e das sciencias physicas e mathematicas.»

«O Egypto é um dom do Nilo», disse Herodoto, depois de haver percorrido as veigas ferteis do paiz de Gossen.

Parodiando o historiador diremos, em voz mais alta: «A civilisação é um dom do Mediterraneo».

O rio mysterioso, cujas aguas se mudavam em sangue e, transbordando do leito, nateiravam as terras pharaonicas, fez apenas a riqueza de um imperio. O Mediterraneo fez a grandeza do mundo, civilisando-o.

E que não faz o mar? A vós mesmos, jovens athletas nauticos, que hoje alegremente feste-

jais a maioridade do vosso club, inaugurando o formoso edificio da séde que construistes com o vosso esforço pertinaz, quantos beneficios tem elle feito?

Andais nelle desde meninos, ora corpo a corpo, como nadadores, ora em ligeiros barcos com os quaes tendes disputado victorias, cujas páreas são os mais bellos ornatos desta casa e, se vos analysardes, vereis que a vossa saude, que desabrocha na alegria de viver, a robustez do vosso corpo apollineo e a energia do vosso caracter são presentes do mar.

Como, a um tempo, é caminho e caminheiro assim é tambem o mar escola e mestre. Nelle entrais como em um gymnasio e logo vos toma a onda e com ella começais o aprendizado. E que vos ensina a onda? Ensina-vos a perseverar.

Dia e noite, sem descontinuação, vai e vem essa força, methodica, regular como um embolo, e com o seu movimento de ariete mantém a terra á distancia. E' a onda a sentinella da fronteira, a atalaia sempre vigilante, alerta nas lindes do seu reino. Não descança nem se distrahe, lembrando o coração que não cessa de pulsar no peito, repellindo a morte com o rythmo da vida.

'Ao largo são as vagas que rondam limpando o campo verde e são ellas que atiram para as costas os cadaveres, os destroços dos naufragos, tudo que possa macular a pureza neptunina.

Com a perseverança da onda que, sendo agua, destróe penedos, remove montanhas de gelo, defende o oceano e ainda o enflora de espumas, aprendeis a querer com continuidade, não apenas a desejar vo-

luvelmente, a insistir no esforço, a firmar no proposito, educando assim a vontade, poder de mais prestigio do que o condão das fadas, com o qual tudo consegue o homem.

Mais vale a perserverança da onda do que a força do atlante: uma é como a luz do dia: suave, mas constante, repetindo-se na claridade, com o intervallo da noite, que é o refluxo; a outra é a violencia ephemera do raio — uma fulguração estrondosa e nada mais.

E não é só a onda que vos ensina a perseverar, tambem o polypo, tambem os foraminiferos, esses seres minimos, que vivem occultos em si mesmos, tão pequeninos que dez mil podem caber em um grão de areia e que nos deram esta patria e o mundo todo á vida.

Ensina-vos o mar a serdes discretos. Olhai-o — vai por elle um navio, vinca-o com a quilha funda, deixa um rastro de espumas, o mar dissolve-as e recobre o sulco — instantes depois, cerrada a superficie, nella não descobrireis vestigio do transito do navegante.

Ainda vos ensina o mar a serdes solidarios praticando a maxima da união para a força. Que é a onda? o impeto que repulsa e destróe, uma pujança incontrastavel: tirai-a, isolando-a do seu elemento, apartai-a do seu meio com toda a baba da sua colera espumante e logo a vereis immobilisar-se, tornando-se inercia, estagnação, fraqueza.

Assim vós: unidos sereis o que sois, separados

valereis como um só homem e que vale o homem dissociado? o mesmo que a onda fóra do mar.

Ainda do mar trazeis o methodo que é a disciplina, sem a qual nada se logra e tudo falha na vida.

Immenso e formidavel não se rebella o mar contra as leis que o regem. Vede-o nas marés: com que submissão avança e recúa a tempo — um segundo de atrazo comprometteria o rythmo e o mar não se descuida e de tal obediencia, que parece humildade, resulta a grande força que o torna insuperavel.

Eis como o oceano ensina com exemplos e porque nelle vos educastes conseguistes alcançar a gloria de hoje e haveis de conquistar, para vós e para a patria, a victoria formosa de amanhan.

Discipulos das ondas, sêde como as vossas mestras: perseverantes na energia, incançaveis na vigilancia, discretos nos segredos, solidarios nas resoluções de honra e disciplinados e a Patria contará comvosco nos dias de bonança, como o mar conta com as ondas, que harmoniosamente murmuram cantos ao longo das praias brancas, e na hora da affronta terá em vós o que tem nos vagalhões o oceano, quando o assoma a procella e os raios o flagellam.

Gloria e fortuna a vós, filhos do mar, nadadores, remadores, defensores do nosso pavilhão nas aguas.

Saudação aos Estados Unidos no anniversario da "Independence Day" (4 de Julho de 1918) pronunciada de uma das janellas d'"A Politica" por occasião da passagem do corteio civico.

Que Atlantes, de atrevido surto, lograram chegar ao excelso e arrancar, rasgando-os do velario elyseo, esses retalhos ceruleos, recamados de estrellas, que pairam acima da multidão festiva?

Terão, finalmente, os homens realisado o grande sonho da conquista do infinito para que tenhamos comnosco, como despojos da abobada superna, essas celagens formosas?

E' o ceu que assim anda esparzido na terra? Que pedaços de azul são esses que ides levando em triumpho, ó conductores de tão portentosa apotheose? são bandeiras da America, umas do ceu do Norte, com as constellações polares, outras do ceu do Sul, este mesmo que nos alumia com os clarões do Cruzeiro.

E porque se juntam, pelos symbolos, os hemispherios que se estremam, unindo-se e palpitando em rythmo como os ventriculos de um só coração? porque o mesmo principio os governa, como a alma dirige todos os membros de um corpo: o principio tutelar dos Direitos Humanos.

Hoje, que o ceu do Norte arde com mais intenso brilho, porque por elle passaram gloriosamente as horas gloriosas do grande dia nacional da America, todos quantos vivem pela Honra, guardando vene-

radamente as tradições virtuosas do passado, que são os germens do Futuro, devem saudar, com fervoroso enthusiasmo, a America estrellada, pela energia com que se tem portado desde que o austero lavrador de Mount Vernon, Washington, arando o seu sólo virgem com a espada, nelle fez rebentar a arvore da Liberdade, á cuja sombra trabalha alegremente esse povo, que é como um cadinho em que se transformam e acrysolam todas as raças adventicias, fundindo-se num só typo energico: o «yankee».

Povo rei, povo heróe, povo intrepido e generoso, povo de iniciativa e audacia que levanta cidades da noite para o dia, que improvisa, em horas, esquadras e frotas, que investe aos desertos com estradas de ferro, que, instantaneamente, como no prodigio de Deucalião, faz surgir da terra exercitos numerosos, emquanto no silencio olympico do seu laboratorio medita esse Prometheu roubador do fogo celestial, dominador das forças universaes, o Homem dynamo: Edison, representação singular e já lendaria do genio americano.

A America, açambarcadora do ouro, era, até bem pouco, considerada como uma walkiria que se nutria da Guerra; era a industrial que vendia indistinctamente, a quem mais pagava, os apetrechos de morte das suas usinas cyclopicas.

Subito levantou-se uma voz na Casa Branca e o povo affluiu em massa dos armazens, das fabricas, das usinas, dos campos e, fechando a porta do templo da Paz e, sellando-a com a mensagem Wilson,

pesou na balança da guerra, não com o interesse de mercadores, mas com a abnegação sublime dos voluntarios do Direito, apresentando-se heroicamente para morrer pela Honra da Humanidade.

Ave, morituri!

O dia da tua independencia, ó America, deve ser festejado por todos os povos livres como o dô advento da verdadeira Democracia.

Entraste na guerra dos mundos com a tua fortuna, espalhando milhões, com a tua força ferrea, com a tua actividade prodigiosa, com a tua alegria juvenil, com a tua Fé inquebrantavel no Futuro e levas na tua bandeira o ceu do Novo Mundo.

A luta, com o teu concurso, assume aspecto novo—não o de uma arrancada de ambição, mas o do surto da Generosidade. E' a peleja travada diante das veigas de Chanaan, não a fertilissima Terra dos frutos sápidos e dos rios de leite, mas a patria ideal da Humanidade, que é o Direito, Patria em que as bandeiras são flores e onde os homens fraternisam como uma só familia.

Gloria a ti, voluntaria sublime! Hurrah pela prodigiosa America que se levantou com Washington para glorificar-se com Wilson: um ditando a Constituição da Patria, outro proclamando a Constituição da Humanidade.

Urrah! pela irman mais velha das republicas americanas que, como Myrian, cantando atravez do Mar Vermelho, vai conduzindo o Novo Mundo na trilha resplandecente do Direito para a Confraternisação Universal. Hurrah!

Oração pronunciada no Theatro Republica, a 9 de Julho de 1918, por accasião da entrega da taça offerecida pel' "O Imparcial" ao 1.º TEAM do Fluminense Football Club pelas victorias pelo mesmo alcançadas em Santos e em S. Paulo.

Argyratas eram certos jogos praticados pelos antigos nos quaes o vencedor recebia como premio um objecto de prata. Quaes fossem esses jogos não não nol-o diz o autor, que se contentou com lhes conservar o titulo entendendo, talvez, por tratar de coisa morta, que o nome apenas bastava, e nem mais exigem nos epitaphios as lápides dos tumulos.

Enganou-se, porém, o respigador de archaismos, porque a poeira da arena de novo se animou ao sopro de um deus forte, a terra jacente levantou-se, tomou vulto e o que parecia pó em torvelim fez-se pugillo de homens, e o mesmo nome de *argyratas* eis que renasce, torna á vida applicando-se á festa que celebramos, porque o que viestes aqui fazer, Sr. Dr. Raphael Pinheiro, e em nome de um jornal, foi repetir o que faziam no estádio grego os magistrados quando, depois da victoria e ao som dos applausos com que o povo artista exaltava os versos de Pindaro, entregava ao vencedor o premio da sua energia.

A taça que offerece um dos orgãos da nossa imprensa ao campeão da cidade e vencedor, em Santos e em S. Paulo, de athletas valorosos, tem uma significação alta e sublime e só por ella se ufanam os que o representaram com tanto garbo.

Premios como estes valem por incentivos. Essas taças, que parecem lavradas pelo proprio deus subterraneo, que açacalou as armas de Arés e que tambem forjava os raios de Zeus, condensador das nuvens, trazem um vinho forte, vinho generoso, só comparavel áquelle que Hébe, a dos pés airosos, servia aos deuses nos festins olympicos.

Esse vinho é o da energia, vinho que accende essa embriaguez divina sem a qual, no dizer de Emerson, não ha heroismo nem iniciativa, e que se chama: enthusiasmo. Os que o bebem a tragos nessas taças, que lembram o cantaro profundo do filho de Sémele, sentem-se renovados para a vida e não hesitam ante quaesquer perigos desde que nelles vejam em risco a Honra ou descubram caminho para a Gloria.

Essas taças, em volta das quaes reunem-se os vencedores, são mais milagrosas do que a propria fonte de Juventa, porque nellas, mais do que a mocidade, ferve o licor dyonisiaco, vívido como o sangue, ardente como o sol, que dá o desvairo sublime que na Poesia é a inspiração, que é na crença a fé, que é no amor o devotamento, que é na alma o patriotismo, que é no Ideal a confiança.

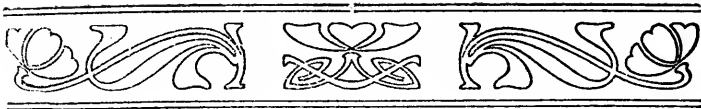
E' com o vinho dessas taças que os homens bebem ao Futuro; é com o vinho dessas taças que as gerações se saúdam.

Estimulante energico do espirito, cordial virtuosissimo da alma, esse é o vinho da eterna Eucharistia—nelle borbulha o sangue de um deus, esse louro Dyoniso, conquistador da India, o musagete

que conduzia os coros tragicos e os thyasos heroicos, o insuflador que animava os guerreiros, Dyoniso Eleutherio, o libertador.

Recebendo a taça que lhes offereceis em nome d'*O Imparcial,* senhor Dr. Raphael Pinheiro, os onze do «Fluminense» não a levam orgulhosamente, como um trophéo de victoria, mas como uma urna em que lançam, para o suffragio da gloria do nosso Brasil, os seus nomes puros com a promessa de que irão por elles onde quer que a Patria os invoque, pôr á prova, em luta de vida e de morte, o que adquiriram nos exercicios em seu campo: a robustez, a saude, a disciplina, a solidariedade, a coragem e o amor ao pavilhão do club, que é como uma folha da arvore cuja fronde é a bandeira nacional, verde como a folhagem e dourada porque dá nella o sol e ainda com um pouco de ceu aberto em flôr azul entre o verde e o amarello.

O *Fluminense Football Club* deu-me a honra de aqui mandar-me para agradecer a taça que, em nome d' *O Imparcial,* lhe offereceis, Sr. Dr. Raphael Pinheiro, e eu o faço, não só, mas pedindo aos que a recebem que o façam commigo e, empunhando-a e enchendo-a com o enthusiasmo dos seus corações jovens, bradem, reforçando a minha voz e levantando, bem alto, como em offertorio, este graal de energia: Pela Patria! Pela Honra! Pelo Direito! Hurrah! Hurrah! Hurrah!

Discurso pronunciado no Theatro Municipal na matinée de 14 de Julho de 1898 realisada por iniciativa da "Liga Brasileira pelos alliados" em homenagem á França.

Arca infernal, encalhada no cimo do obscurantismo, o dia da tua destruição foi maior para a Vida do que aquelle, da segunda éra, em que a nave do patriarcha topou no viso do monte armenio, desembarcando sobre o nateiro do diluvio a familia eleita e as especies que deviam repovoar a terra.

Carcere monstruoso, quantos seriam em teu antro as enxovias, quantas as cellas, quantas as solitarias e quão profundos e extensos deviam ser os teus ergastulos para que em ti coubesse toda a Humanidade!?

E não eras sómente um presidio de corpos, a formidanda penitenciaria do Homem, mas tambem o relêgo de todos os thesouros do Espirito, a cafurna em que jaziam desprezadas, como lixo em alfuja, todas as conquistas que o caminheiro dos tempos viera fazendo na sua marcha lenta e trabalhosa atravez do tenebroso desconhecido, abrindo clareiras em florestas tragicas, combatendo monstros, arroteando campos, construindo cidades e accendendo fogos annunciadores nas alturas.

Ali estavam, pelos cantos, todas as páreas das victorias da energia e da consciencia nas suas lutas sem treguas contra as forças eternas da natureza—os elementos e o instincto: desde o casal de lenhos,

pramantha e *arany,* de cujo consorcio, na caverna fria e apostejada de carniça, o troglodyta viu nascer, esplendido, esse primogenito da Civilisação, o fogo, até as taboas do Sinai; desde a cavadeira de chifre e o fuso dobado de canhamo grosseiro, até essas duas irmans laboriosas e abençoadas de Ceres, uma rustica, outra domestica: a charrúa e a róca; desde a clava de silex, até a lança de Arés; desde a oliveira de Pallas, até a cruz de Christo; desde as palmas de Salamina, até os livros das Leis de Roma; desde os tijolos de Assur, até os papyros egypcios; desde o estylo do escriba, até a penna arrancada ás aves para os vôos da imaginação; desde o cálamo do hierogrammatico, até o prelo de Guttenberg; desde a Biblia até a Carta Magna.

A Arte ali estava exilada e, com ella, a Belleza, essa expressão do divino. A Sciencia, chave de todos os arcanos, enferrujava-se na humidade lobrega e um só ruido fremia rilhante no silencio lugubre da ferrenha alcáçova—era o tinir das algemas d'encontro aos varões das grades quando os galés estendiam as mãos engelhadas á Esperança.

Ali haviam estagnado os seculos como em pantano: Chronos era o Prometheu daquelle Caucaso.

Tudo que a Vida produzira accumulara-se naquella especie de adéga de avaro, esterilisando-se como a semente guardada em jazida de pedra.

Quando, na formidavel escalada, á medida que o povo, arrojando-se aos tropelões pelas galerias soturnas, ia vergando, partindo ferros, esboroando muros, deslocando blócos, fendendo lages, entran-

do pelas brechas os primeiros raios de sol, assim como fervilham no lodo remexido fimiculas e larvas, começaram a surgir figuras tábidas, esquálidas de prisioneiros, tacteando estonteadamente na claridade que os offuscava, cegando muitos, muitos enlouquecendo, uns chorando, outros tartamudeando as poucas palavras que lhes restavam na memoria; este, hirto, inflecto, caminhando rijo como estatua que se move a prumo; esse, dobrado em arco, ankylosado na postura quadrumana a que longamente o forçára a crypta; aquelle, tarantulando; outro de rasto, terroso, com a barba longa varrendo o sólo, os cabellos em juba pelo rosto, olhos em brasa, rugindo, rangendo os dentes como leão acuado, os libertadores, que haviam impavidamente affrontado os canhões assestados entre as ameias do horrendo calabouço, estacaram pasmados diante daquella erupção de espectros.

Dir-se-ia que a immensa mole era uma catacumba, vasta como as pyramides, atulhada de mumias que, á voz da revolução, mais estrondosa que a das trombetas de Israel diante dos muros de Jerichó, acordassem da morte e, quebrando os sarcophagos e rebentando as ligaduras, que eram de ferro, regressassem por cima dos seculos tyrannicos, como por escombros de ruinas colossaes, a um dia novo, limpido, arejado, sem uma nuvem e com a terra toda coberta do ouro das seáras maduras.

E era só a França que sahia livre da Bastilha naquelle exodo, mais bello do que o dos hebreus? não! e eu o disse em começo: era toda a Humanidade,

porque o que se prendia naquella torre, á qual montavam guarda os reis com os seus nobres, era o Pensamento, dom imperecivel, que não é deste nem daquelle povo, mas do Homem, porque é o sopro com que Deus, na hora suprema da creação, o insuflou fazendo-o erguer-se da terra animado de genio, que é immortalidade.

Disse Vieira, em uma das suas vozes eloquentes, que o homem vivo é pó levantado, morto é pó cahido. Vivo é pó levantado se dá nelle o vento e se acha espaço onde vôe. Que produz o pó encerrado em urna, ainda que tenha em si todos os germens? De que serve a vida no carcere?

Tanto que se desencadeiou o cyclone da revolução toda aquella poeira, que jazia inerte, fez-se nuvem, levantando-se e sahiu com a rajada pousando onde pudesse integrar-se na terra fertil, receber o sol e o orvalho, fecundar-se e produzir. E quando cahiram os muros da fortaleza em que se acastellava a tyrannia medieval, todo o mundo experimentou o allivio que sentiram os discipulos em Jerusalém com a noticia de que a pedra do jazigo de Lazaro, em que fôra sepultado Jesus, arredada por anjos, deixára sahir o que dormira na morte tres dias, sem que os legionarios, que vigiavam o tumulo, pudessem conter o surto porque o mesmo vento que levantara o pó os derrubara, a elles.

E quem resuscitou naquella hora sublime: Jesus apenas, o filho de Maria? não, toda a Humanidade soffredora, assim como é a arvore, com to-

das as suas folhas, e não um simples grão, que resurge da semente ao appello da primavera.

Este dia não é sómente da França, mas de todo o mundo, como não é apenas dos Judeus, mas de toda a Christandade, o dia da resurreição do Senhor.

Michelet, exaltando o 14 de Julho, disse eloquentemente: «Qu'il reste donc, ce grand jour, qu'il reste une des fêtes éternelles du genre humain, non seulement pour avoir été le premier de la delivrance, mais pour avoir été le plus haut dans la concorde».

Diante da torre arrasada, com o sol a enxugar o terreno encharcado de lagrimas, julgou-se o mundo para sempre liberto. Os hymnos atroavam de pólo a pólo, os homens beijavam-se confraternisando. A vida tornou-se uma grande harmonia.

Mas a poeira da oppressão levantou-se nos ares, um vento, desembocado do inferno, levou-a aos bulcões e, transformando-a em limalha, fel-a assentar em terras asperas onde homens louros, como se lhes ardessem chammas na cabeça, vivendo como cyclópes, logo a aproveitaram para, com ella, levantar uma torre inexpugnavel na qual encerrassem a Liberdade, prendendo-a com correntes de aço como a Força agrilhoou o titan.

Essa torre ficaria como a atalaia do absolutismo, tão alta que a sua sombra enorme escurecesse a terra toda e os mares, tão forte que resistisse a todos os arietes, tão provida de engenhos mortiferos, de ferro, que com elles, lançando-os em descargas incessantes, revestisse o mundo, como de uma cou-

raça debaixo da qual arfassem opprimidos os pulmões do Homem e o coração lhe batesse jugulado sem a respiração do amor, que lhe dá vida.

E essa fabrica hedionda, obra de demonios, que levou annos a ser construida na treva dessa forja vulcanica de Essen, tem sobre a Bastilha a vantagem automatica do movimento.

Uma, era a móle fixa, implantada no sólo como o rochedo de Andromeda; outra, é o monstro que se mobilisa como o carro balista levando a morte a toda a parte. Uma era torre-carcere, outra é catapulta; uma devorava homens; outra devora reinos; uma inficcionava com a humidade subterranea, a outra intoxica com o halito putrido dos seus gazes deleterios; uma chamava-se tyrannia, a outra chama-se militarismo; uma surgiu da Idade Média, era o ultimo castello do feudalismo despotico; a outra foi argamassada com o sangue das victimas sacrificadas nas aras a Tuisto cruento.

Essa torre em marcha, cujos blócos são homens, cujas muralhas são exercitos, move-se de um para outro lado, deslocando-se e precipitando-se como alúde e, onde quer que passe, logo a vida extingue-se.

Que era o ginete de Attila? um hippo infernal galopando pela terra. Agora é toda uma estrebaria solta, como se os potros de Diomedes, arrancando das baias sanguinosas, sahissem ás úpas em corrida desapoderada.

E a torre caminha guiada por esse trasgo, para o qual a Historia terá de abrir um parenthesis que

encerre o seu nome, como em jaula, como se isola um empesteado seggregando-o da sociedade: o kaiser.

A Allemanha! eis a Bastilha que é necessario destruir, sem que della fique ferro sobre ferro. Ella é a Babel prussiana levantada affrontosamente contra a Civilisação.

A ella, nações! Aos seus muros apuados de estrepes, aos seus arsenaes de onde sahem, como ceifeiros da morte, os alfagemes com feixes d'armas! Aos seus estaleiros onde se constróe essa insidia covarde, o submarino! Aos seus galpões, aviarios de abutres! Aos seus quarteis, covis de sicarios!

A ella, homens que prezais a honra, que tendes um culto, que amais a vossa Patria e que nella fruis a Liberdade!

A' fementida, arrasadora de reinos, á incendiaria de igrejas, a desmanotadora de crianças, á rausora de virgens, á esterilisadora de campos, á derrubadora de florestas, á tresmalhadora de rebanhos, á que afaima o mundo, á que trava as officinas, á que passa sobre cinzas de bibliothecas e de museus, orgulhosa de fechar atraz de si as portas pelas quaes nos communicavamos com o passado e oppõe, como ferrolhos ás portas do futuro, ós seus canhões truculentos.

A Bastilha que anda pelo mundo, como Moloch percorria em procissão as ruas de Carthago, a torre viva, a infame machina de morte é a Germania.

A ella, homens de todas as raças, crentes de todas as religiões para que os seus generaes não

continuem a reproduzir com a espada o que faziam os ovates com punhaes de bronze, sacrificando a divindades sanguisedentas victimas humanas sobre altares de pedra no fundo da Floresta Negra.

A ella! á torre viva e de ferro, expressão bruta da genialidade teutonica!

E no dia em que o mundo, livre desse pesadello, fôr, todo elle, concordia; no dia em que a Allemanha, encantoada no seu antro, sobre a pyramide de ossadas que a sua arrogancia anda erigindo, sem dentes, sem garras, impossibilitada de investir de novo com a Humanidade maculando a Honra, conspurcando o Direito e profanando a Cruz, nesse dia, sim! o Homem terá uma patria commum, a Mãi Patria, e essa será a Ordem e então todos os povos e nelles os velhos, os moços, as esposas, as donzellas e as crianças, todos com ramos de oliveira e acenando, com segurança e risonhos, aos dias do desejado Renascimento, poderão cantar em triumpho:

Allons, enfants de la Patrie,
Le jour de gloire est arrivé!

Saudação a Ruy Barbosa, nos festas do seu jubileu, pronunciada depois da missa campal, no campo de S. Christovão (11 de Agosto de 1918.)

Homem, regressa á Humanidade, torna para os teus semelhantes, retoma o cajado rotineiro, religa as abarcas e prosegue no teu destino, porque ainda não realisaste toda a tua genitura luminosa.

Desce do altar onde subiste e pisa o chão; baixa das nuvens dos incensorios á poeira da vida e da morte que a Patria, com quem, aliás, tens sido pródigo—porque, desde cedo, estreando, como Jesus Menino, entre doutores, começaste a servil-a—como o teu genio é luz em marcha, ainda espera o clarão do seu zenith, e as sonoras trombetas archangelicas ainda não clangoraram o teu Juizo Final, a hora suprema em que se hão de reunir ao teu nome todas as obras com que enriqueceste dois seculos.

Regressa ao pó, Homem privilegiado, que rivalisas com Elias, o que entrou vivo no céu, arrebatado num carro de fogo, como entras vivo na gloria levado em surto do mesmo elemento—o enthusiasmo, fogo da alma, que é a sarça em que Deus se manifesta.

Agora, mais do que nunca, deves serviços áquella que te viu nascer. Acabas de ser armado cavalleiro da Patria. Da Patria? do mundo, porque a cerimonia da tua imponente investidura não se realisou nos limites estreitos de uma nação, mas

no infinito, que é a estancia de todas as patrias.

Que é o navio? lenho dos oceanos porque nelles fluctua e singra? não! Onde quer que elle esteja, navegando ou ancorado, o navio é territorio, uma nesga geographica assignalada por uma bandeira. E que sitio é este em que nos encontramos todos? arca de salvação, cuja prôa é um altar encimado pela cruz, emblema celestial.

Assim sendo, achamo-nos em dominios do céu e nelles foste sagrado e armado paladino. Quem te deu a acolada? um principe da Religião e a pucella que te calçou as esporas de ouro é a mesma Virgem e Senhora das Victorias. Quem são os companheiros d'armas que te rodeiam? sacerdotes de Christo.

E pois és mais que um simples cavalleiro da Patria, homem de um balsão, és, como os que habitavam Montsalvat, templarios do gral sanguineo, homem de prol da Humanidade, paladino do Direito, defensor da Virtude, campeão da Verdade, guarda da Justiça e lidador da Fé.

Assim terás de mostrar-te tão formidavel com os perversos quão meigo com os soffredores, crescendo, montante em punho, até as barbacans das torres dos tyrannos e descendo com a caridade ao estrame da miseria humilde; raio a fulminar arrogancias e lume a guiar perseguidos e serás apontado pelos vindouros como o portador das taboas do Sinai que, desde Moysés, vieram passando ás mãos dos mais dignos entre os justos.

Citam-te como o veneravel da Republica, o patriarcha exemplar na familia, o sabio entre os

mestres e a tua palavra grande é appellidada, segundo os pontos em que resôa e de accordo com os themas sobre que discorre: a Voz da Patria, se se levanta entre nós; a Voz da America, quando se produziu nas universidades continentaes; a Voz do mundo em Haya e a Voz de Deus nas prophecias com que nos preparas o coração para os dias felizes do reverdecimento da vida, quando os campos se virem de todo limpos e expurgados da praga infame dos paúes tudescos, praga que macula o seculo, que conspurca a Honra, que amesquinha as proprias larvas infernaes que não a vencem em ferocidade, passando por todo o immenso e maravilhoso patrimonio da Civilisação como uma rasoura, incendiando os monumentos e destruindo os livros, thesouros que as gerações vieram accrescentando desde o primeiro dia em que o homem prendeu o pensamento com as correntes eternas das letras.

A ti, predestinado, ave! Euge a ti! Gloria ao teu nome e que vivas!

Bem inspirados andaram os promotores desta apotheose fazendo-a sahir da igreja, como uma procissão. E onde devia ella começar senão no principio, que é Deus? A Deus pois è A'quella que foi a lampada em que se accendeu a chamma vigilante que illuminou, illumina e ha de illuminar os tempos, depois das palavras rituaes dos sagrados ministros, recordando ás nossas almas o mysterio evangelico, a voz do povo, que me levanta para que

eu fale, como um stylita, do alto de uma columna feita de corações.

E que hei de eu dizer da minha humildade de pó á Grandeza sobre todas omnipotente, á Generosidade sobre todas munifica, ao Amor sobre todos sublime, á Luz que irradiou do patibulo, em cujos extremos como que estão figurados os quatro pontos cardeaes, significando que aquelle sacrificio se reflectia em misericordia em todos os cantos da terra?

Que hei de eu dizer senão palavras de religiosa gratidão por nos haver Elle dado a fortuna de um Homem em que se condensa, como em um symbolo, toda a nossa grandeza?

Concentremo-nos e elevemos os corações em hostiias, pondo nelles o nosso reconhecimento. *Sursum ccrda!*

Esse inclyto varão, cujo nome é uma claridade a envolver o nosso Brasil que, com elle, tanto brilhou em Haya e onde quer que appareça, aureolado do mesmo esplendor, ha de fulgurar, quem nol-o deu senão o doador generoso, que tanto regula o lentejo de uma gotta d'agua marejada na rocha como a marcha dos astros maravilhosos, fazendo, com o mesmo carinho, sorrir uma criança no berço e desabrochar uma rosa no hastil, como, com força suave, levanta um continente dos mares e com um gesto brando subverte um mundo?

A vós, Senhor, Pai das gerações da terra, creador da Vida, Silencio e Rumor, Inercia e Movimento, Eterno e sempre Perfeito; a vós, Senhor, os nossos votos mais gratos por nos haverdes dado o Homem

forte que, elle só, como um novo Atlante, sustenta nos hombros toda uma Patria levantando-a tão alto que o mundo todo a vê e, vendo-a, admira-a enlevado na sua belleza.

Tudo aquillo de que carece um povo para ser forte e glorioso dá-nos esse Homem no qual reunistes tanta somma de genio como nos astros prodigalisas esplendor.

Para que engrandecesse o Brasil, que delle se honra e que hoje lhe testemunha, e grandiosamente, o seu amor, o cerebro lhe repartistes em outras tantas provincias quantas são as que formam o principado do Genio e de tão alto lhe desatastes a palavra torrencial como desatais das montanhas as aguas fecundadoras. E essa palavra, rolando sobre um leito de ouro e de diamante, que é o estylo olympico do apurado artista, corre translucida e sonóra, aqui mansa, apenas murmurando, além revolta, estrondosa, acachoada e férvida, logo em seguida espraiando-se clara e lisa, para, de novo, crescer. galgando rochas e despenhar-se tumultuosamente em vortilhões, com estrondo, e, no arrojado impeto que leva, arranca mancenilhas pelas raizes, esbarronda alicerces de presidios, esborôa velharias, arrastando na violenta correnteza tudo que é balseiro putrido, troncos carcomidos, vasa, residuos deleterios até, de novo, tranquillisar-se defluindo limpida, espelhando o céu e as verdes arvores floridas, regando copiosamente a terra e abeberando aos que a buscam sedentos de justiça.

A penna que lhe destes, Senhor, é sceptro com

que elle governa, aqui e além, a nação verbal fundada pelos trovadores sobre a leira latina e que teve reis como Camões, Vieira, Bernardes e, mais proximamente, esse esforçado batalhador: Camillo.

Baixastes sobre elle em linguas de fogo como sobre os apostolos no Cenaculo e elle foi e é o jurista, foi e é o tribuno, o didacta, o economista, o diplomata, o publicista, o Poeta, emfim, na accepção que deu Carlyle a este titulo de nobreza espiritual... e... mas não tentarei contar os raios do sol: a claridade ahi está.

Precisaveis, Senhor, de um representante do vosso poder entre nós, quizestes dar-nos uma prova da vossa grandeza e realisastes em um homem o milagre da multiplicação da capacidade. E em que homem puzestes tanto? num gigante? Eil-o ahi. Não ostenta a pujança de um carvalho, não se impõe pelo vulto, pela força, pela fronde como o cedro: é debil, vale tanto como a palhinha triga. E trigo é.

E por que trigo? por ser forte. O trigo alimenta duas vezes: sustenta o corpo, se é pão; fortalece a alma, se é hostia: é a energia que nos revigora na terra e é a Fé que nos eleva em vôo ao céu. Come-se o pão e o trigo nutre; communga-se a hostia e o trigo salva.

O cedro é arvore, o carvalho é arvore, o jequitibá é arvore, o trigo é uma gramminea flebil — dir-se-á um pallido raio de sol sahido da terra outomni-

ça, um fio de luz á flor dos campos. E é sol porque nos conforta—aquece-nos, dando-nos vitalidade ao sangue e conforta-nos quando o recebemos na communhão.

Que vale a arvore com a sua apparencia robusta, grossa, frondosa, espalhada em raizes? é lenho que o tempo pue, que o caruncho carcome, que o fogo reduz a cinzas; e o trigo? primeiro nos alimenta na vida, leva-nos depois da morte á Eternidade e é o pão do todo sempre.

Que exercitos prevalecerão diante das forças infernaes? Que adamantinas armas resistirão aos bótes dos demonios? Para tão temerosos inimigos, que só os anjos podem combater, deu o Senhor um escudo ao homem: a hostia!

Pequenino, é elle, uma moeda de resgate, e oppõe-se a todo o inferno; delgado, resiste a todos os botes; friavel, não cede aos ferros igneos das legiões, e é trigo. Assim a fragilidade é força quando nella assiste o espirito divino. Tal é esse Homem.

Vivo, como o temos, é o pão da sabedoria, igual áquelle que Jesus repartiu com os discipulos na ceia e o seu espirito será, no futuro dos nossos filhos, a hostia na qual se achará, não Deus, porque é hostia terrena, mas toda a Patria e, cada uma das particulas dessa hostia, assim como o sol se reflecte no oceano e na mais pequenina gotta d'agua e Deus se incorpora integro na minima parcella do pão sem levêdo, conterá o genio do Homem do qual hoje commemoramos meio seculo de fulguração.

E se contra nós se levantarem forças aggressivas, se nos investirem pretendendo lesar-nos na terra ou na Honra, com essa hostia, cheia do espirito do heróe, se hão de abroquelar os homens e com ella defenderão o territorio, que elle descreveu, a alma nacional que elle tanto exaltou, a lingua que repuliu, as tradições que venerou, o seu culto, emfim, que foi a Patria e tudo que lhe dizia respeito.

Pão igual áquelle com que Lycurgo nutria os lacedemonios, elle foi o sustento sadio dos batalhadores das formosas campanhas da abolição e da Republica e foi com elle que se alimentaram os que se mantiveram na trincheira, afrontando canhões e bayonetas quando esteve a pique de ser ultrajada a Honra da Nação.

Trigo abundante, que reproduz, maravilhosamente, o milagre dos seis pães que, multiplicados e saciando a fome dos numerosos ouvintes de Jesus, ainda deram sobras para encher doze cestos, porque quanto mais se distribue mais cresce na ucha aonde todos vão prover as suas taleigas.

E jamais tornou alguem de mãos vasias: o que vai por justiça volta acobertado; ao que o busca por uma duvida deixa-o esclarecido; o que o procura como mestre traz a lição e o encanto de o ter ouvido; o que nelle prefere o artista encontra a magnificencia; o sabedor encolhe-se em timidez, a ouvil-o, e pasma do que lhe diz e mostra no desconhecido; o philologo regressa do seu convivio com um thesouro de notas; o pobresinho despede-se aben-

çoando-o e sorrindo por o ter achado com uma criança ás cavalleiras no joelho, ás úpas.

Tudo dá generosamente, a tudo responde como um oraculo e, como dispende á larga, receia-se, por vezes, que venha a faltar miga na despensa prodigiosa. Subito, porém, occorre uma necessidade e lá vai ter o pedinte. Abre-se a arca e transborda o trigo em maior cópia do que sahiu em komores do celleiro que o previdente israelita abarrotara para attender aos sete annos da fome que assolou o Egypto.

Eis o que faz o trigo fragil, quando cheio de genio, que é força que se multiplica.

Hoje começa o teu triduo com esta festa ao sol, diante de Deus e dos homens.

Sê louvado e bemdito, Homem trigo, Homem omnipotente, raio de sol na terra, esplendor e aureola da Patria.

O «Adeus» da Academia a Olavo Bilac

29 de Dezembro de 1918.

Adeus! Até quando? Até onde? Quem o sabe!?

Falo-te em vão, bem sei. Falo-te como o lavrador, no outono, conversa agradecidamente com a terra que lhe deu a flor, virgindade que o sol desposa fecundando-lhe a corolla em fruto.

Mudo, inerte, és a immobilidade impassivel.

Cobre-te o rosto o véu de Isis e ahi estás como o esquife de ti mesmo, porque tu, que foste na vida o Canto glorioso, nem balbucio és mais.

E's como um cofre fechado, cuja chave foi atirada ao mar profundo. Que mergulhador ousará descer ao abysmo para procurar o segredo perdido?

Ver-te é ver a pedra, menos que a pedra, que essa, ferida pelo ferro, ainda responde com o som e defende-se com as centelhas, como o ouriço com os seus aculeos. E tu?

Harpa sempre afinada em hymnos á Belleza nem sôas, como o debil instrumento eolio que vibrava, sensivel á mais branda aragem.

Pois todo esse arquejante soluçar do povo, esse cyclone que ruge angustiosamente sahido dos corações não consegue mover-te?

O' morte formidavel, que resistes inexoravelmente a todos os brados, ouve-me, se tens misericor-

dia, e consente, Rainha do Silencio, que chegue á tua presa a voz da minha saudade.

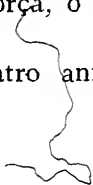
Deixa que eu lembre os annos que vivemos juntos, tão claros e felizes apezar de pobres; tão alegres, apezar de difficeis, porque foram como alamedas de espinheiros floridos; tão cheios de angustias e, ao mesmo tempo, de enthusiasmos, porque os atravessamos nadando em lagrimas, como Leandro pela Hellesponto tempestuoso, vendo, diante de nós, a luz da torre de Hero, que era o ideal; annos que abriram capitulos fulgurantes na Historia da Patria: o de 88, anno da flor, e o de 89, anno do fruto.

Consente, Morte, que estás presente e invisivel, que elle ouça a minha palavra commovida.

Não consentes, bem sei: és como o sol que não volta do occaso. Se consentisses, serias trahida pelo milagre da resurreição e esta sala lugubre, forrada de treva, toda, instantaneamente, resplandeceria como a um clarão matinal e elle resurgiria cantando.

Se consentisses que elle me ouvisse veriamos repetir-se aqui a scena de Bethania porque, falando-lhe, eu lhe recordaria os radiosos dias da nossa mocidade com os nossos sonhos, os nossos amores, as nossas arrojadas fantasias, circumvoluindo na lembrança como gira num raio de sol a poeira dos atomos, que o prestigio da luz transforma em ouro.

E eu evocaria as nossas vigilias sem lume, mas com as estrellas á vista, as nossas noites de regelado frio, mas com a imaginação accesa, a confortar-nos, as nossas horas de orgulho, quando can-

tavamos para não chorar, a nossa fé, a nossa coragem alegre, a nossa indifferença pelo vulgo, o enlevo com que nos postavamos diante da Belleza e como, de madrugada, a beira do mar, entendiamos as mãos ao sol e recebiamos directamente, e, com prodigalidade, o ouro com que o céu nos pagava: a ti, os teus cantos; a mim, o meu amor a tudo — desde a planta mais rasteira até a estrella mais alta. Não me ouves... Melhor! Assim não levarás para o Além a tristeza do meu e de todos os adeuses. Vai!

Viveste como a flor: primeiro em botão, fechado em ti mesmo, celebrando, em ardegos cantares, o amor dithyrambico, o teu amor de moço, e fizeste soar nas rimas dos teus versos essa musica dos sistros sensuaes, os labios, quando se afinam no delirio que extasia.

A tua musa, de então, era olympica e formosa e se ella aqui apparecesse ninguem a accusaria, como juiz algum teve coragem de accusar Phrynéa quando Hyperides a desnudou num gesto de triumpho.

Foste, a pouco e pouco, abrindo as petalas e dobrando-as sobre a patria e o prestigio do perfume que lhe déste eil-o ahi nos cantos novos da mocidade.

Por fim, todo te desabrochaste como um lotus sagrado, symbolo da Vida, e foste o Poeta humano, pregoeiro do Bem, cantor do amor que liga os homens, o Amor Força, o Amor Belleza, o Amor Bondade.

Durante quatro annos tremeste pela sorte do

mundo em sangue e, justamente ao alvorecer da nova éra, disseste a phrase triste: «Amanhece. Vou escrever...» E partiste.

Que escreverás lá em cima, entre as estrellas, tu que as ouvias e entendias?... Não respondes. Levas comtigo o teu segredo, o som, talvez, mais bello e mais alto, da tua grande lyra: o hymno á Patria que adoravas.

Faze com elle uma estrella no céu e será mais esplendor para o teu nome e gloria maior para a terra que foi o teu ultimo e o teu maior amor.

Adeus! por todos... e por mim. Adeus!

Discurso pronunciado na inauguração da piscina do Fluminense Football Club, a 29 de Janeiro de 1919.

A solemnidade que aqui nos reune e para a qual foram convocados os poderes do Céu e da Terra, e o mar, é de tanta magnitude que a não podemos avaliar senão rastreando, atravéz das sombras do Tempo, a sua projecção no Futuro.

O grandioso, quer elle seja um surto da terra, como a montanha, quer seja o éstro do genio ou o esplendor solar, não póde ser devidamente apreciado de perto. O que se achega ao flanco da montanha, olhando-a da base para o viso, não lhe méde a altitude; o genio é sempre incomprehendido dos seus contemporaneos, porque o seu fulgor offusca-os, como o disco do sol deslumbra e céga aos que o fitam.

Para ver-se toda a montanha é necessario que haja entre ella e quem a admira a distancia de um horizonte, como são precisos seculos para que a creação genial resplandeça vivida, e altura de céu para que o sol diffunda o seu clarão. Assim com esta construcção.

Que é ella na sua magnificencia? um baptisterio. Na pia da igreja o que dá prestigio lustral á agua é o sal do mar; aqui o que temos ante os olhos é o proprio mar: não o producto, mas o pro-

ductor; não o residuo, mas a substancia; não uma parte, o proprio todo.

Eil-o ahi, o mar, o primogenito da vida. Mas será essa agua, que aqui dorme a nossos pés, a mesma que espuma rebentando nos littoraes, a mesma que se subleva em vagas que esbarrondam ilhas, que destroem cidades, que submergem navios, que abysmam continentes, como essa Atlantida maravilhosa que se estendia de um polo a outro? Sim, é a mesma agua.

Lá fóra, porém, ella é a desordem, a violencia, a furia solta; aqui é a força corrigida, a energia obediente, a robustez sem arrogancia; lá, quem a desmanda é o vento; aqui, quem a governa é a ordem, e vendo-a assim domestica, serena, temos a prova, sobre todas edificante, do quanto póde a disciplina, que até o oceano se abranda ao seu prestigio como Hercules se submettia ao gesto de Omphale.

E que nos vem trazer esse mar que nos visita, que nos surge aqui dentro como hospede e tão bem se conduz em nossa companhia, elle, o inquieto, elle, o agitado, elle, o enfurecido de sempre? vem trazer-nos os seus effluvios e, com elles, o presente que mais agrada á Vida.

Quem nelle vem é uma deusa forte como Artemis, e mais bella do que a propria Venus, flor de espuma: é Hygia, a virgem risonha, de olhos limpidos; Hygia, filha de Asclepio ou, por seu nome humano, a Saúde.

Essa é a nereida que nos traz o mar nas do-

bras das suas ondas verdes. E foi essa mesma Hygia que fez bellos e fortes aos gregos, que sempre a propiciaram, erigindo-lhe aras e adorando-a festivamente onde quer que houvesse um bosque, como em Ėpidauro, um braço de mar, como em Salamina, o curso de um rio, o relvedo de um campo, a encosta de uma collina, e sol.

O proprio Hérakles, a Força predestinada, esse mesmo buscava-a, e Sóstrato, o athleta, que dormia nú, ao tempo, no cimo do Parnaso, só o fazia a conselho da divindade benefica.

E porque era assim amada dos homens, não os abandonou jámais, prescrevendo-lhes o regimen que os manteve sempre robustos e de alma satisfeita: nos moços, infundindo o ardor, que se manifestava em estro e em bravura, e dando aos anciãos esse crepusculo suave, chamado agerasia, velhice serena e contente como a das arvores, que, até o ultimo instante, ainda conservam folhas verdes e acolhem nos ramos cigarras e passarinhos.

Era ella que despertava cedo os ephebos, que os levava ás praias do mar ou á ribeira dos rios, que os acompanhava aos gymnasios, que presidia ás suas refeições frugaes, que, zelosamente, os afastava dos vicios, que os estimulava na luta, que os alentava na corrida, que os incitava nas travessias d'agua, e foi ella o genio da victoria que acompanhou os heróes ao campo e ao mar, quando o tumulto da invasão asiatica alvoroçou a Grecia.

Nessa hora decisiva todos os gymnasios des-

pejaram os seus alumnos e os athletas sahiram para o combate risonhos, cantando o *pean* da arena.

O que torna os povos poderosos não é o ouro amoedado, não é o ferro em armas e em couraças, não é a pedra talhada em blocos para muralhas, não é a arrogancia furiosa, mas a força intima e essa força quem n'a dá é a saúde, Hygia.

O povo sadio tem iniciativa, que é o melhor clarim, porque sôa constantemente dentro d'alma; tem o enthusiasmo, que é a coragem alegre; guia-se pelo ideal, que é excelso; ama a luz livre, preza a virtude, estima a belleza e é bom porque a Força é a haste dessa flor, a Bondade: Deus é a Omnipotencia — e canta, porque o canto é a respiração da alegria.

O povo doente é triste, sorumbatico, ferrenho — cabisbaixo, não encara o céu, olha o tumulo; fraco, é pusillanime; timido, prefere a treva; covarde, é perverso. Tem crises de furor epileptico, a que chama bravura, confundindo um surto de animo generoso com o impeto da colera.

Sahimos de uma longa e tragica demonstração do valor da saúde: a grande guerra.

Quaes foram os heróes da victoria? os taciturnos? não! os vivazes, os sãos: o gaulez, que peleja cantando: o bretão, alumno do oceano, cavalleiro da vaga; o italiano, filho do sol; o americano, centauro atrevido, campeador de bisões; gente creada ao ar livre, nas montanhas, nos sertões, nas arenas e no mar largo; gente treinada em exercicios, e alegre.

Foi o duello grandioso entre o profissionalismo guerreiro e a educação esportiva.

O athleta, assim como se reforça e adestra submette o espirito ao regimen. O empenho de vencer fal-o sóbrio e commedido; o dominio de si mesmo educa-lhe a vontade; a confiança no seu valor dá-lhe a serenidade; o habito da vida em commum torna-o sociavel; o esforço regular e continuo acera-lhe a resistencia, como o fogo tempéra o aço, e o enthusiasmo com que se bate pelo pavilhão do seu club sublima-se, mais tarde, no culto da bandeira. E assim os gymnasios são laboratorios de saúde e nucleos de preparação civica.

Não é a multidão que vence, mas o escól heroico: Leonidas tinha comsigo apenas tresentos homens e com elles deteve a invasão da Persia millionaria. Abri um immenso hospital e lançai os enfermos contra um pugillo de gente san e tereis um espectaculo ridiculo e commiserador.

Pois bem, senhores, isto que aqui hoje se inaugura, com a vossa presença, está para o hospital como a escola está para a cadeia; e, ainda uma vez, póde aqui ser applicada a formula do poeta: *Ceci tuera cela.*

Os que por aqui passarem ficarão como Achylles depois do mergulho no Estygio, se não immortaes — e nem tanto logrou o heróe da Iliada — invenciveis na vida. Com estabelecimentos como este o Brasil creará uma raça digna da sua grandeza, a progenie que elle anciosamente espera: san e robusta de corpo, bella e alegre pelo convivio com a

luz, e os cantos de victoria, aqui dentro entoados, serão estimulo para que lá fóra ella se esforce pelo triumpho, não mais da insignia de um club, mas do formoso symbolo que todos adoramos e que o espórte arrancou da terra, levando-o em ascensão gloriosa aos céus, entre azas, no primeiro vôo em que se levantou o Homem.

E, assim como estas aguas dóceis, tornando ao mar, de onde vieram inopinadamente, se levantarão em vagas se o encontrarem maltratado pela borrasca, assim os athletas, que ellas vão preparar no seu seio, no dia em que a Nação os chamar em tom de guerra, serão combatentes, fortes como as vagas que tudo vencem.

Seja esta piscina o crisol em que se purifique a raça, o baptisterio da geração dos atlantes, que hão de levar aos hombros, e gloriosamente, para a gloria, a nossa querida Patria.

E que seja para seu bem a construcção que hoje se inaugura e para memoria da qual os valorosos pelásgides do *Club de Regatas Guanabara,* por meu intermedio, offerecem o registo de baptismo, lavrado em bronze, que é o metal em que a Eternidade escreve.

Senhores, diiante do mar, aqui vindo ao nosso appello, celebremos a dacta de hoje, que marca o inicio de uma éra nova em nossa Patria.

Por ella, para que progrida, sob os auspicios de Deus, sempre sadia e bella, alegre, honesta, altiva e generosa, apoiada na Força e no Direito, hurrah!

ERRATA

Entre os erros, que escaparam á revisão, alguns ha que podem comprometter o sentido da phrase. São elles:

Pag.	linha	erro	emenda
7	1	entretanto	**entrando**
45	12	comprehendendo	**comprehendo**
50	3	traglodytas	**troglodytas**
63	7	devantavam	**levantavam**
291	4	entendiamos	**estendiamos.**

INDICE

PRIMEIRA PARTE — DISCURSOS NA CAMARA

SEGUNDA PARTE — DISCURSOS LITTERARIOS